

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

WILLIAM GEOVANE CARLOS

**ALFRED ROSENBERG: VIDA E AUTORREPRESENTAÇÃO ATRAVÉS DE
SEUS DIÁRIOS**

MARINGÁ
JULHO DE 2020

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

WILLIAM GEOVANE CARLOS

**ALFRED ROSENBERG: VIDA E AUTORREPRESENTAÇÃO ATRAVÉS DE
SEUS DIÁRIOS**

Dissertação apresentada por
WILLIAM GEOVANE CARLOS, ao
Programa de Pós-Graduação em
História da Universidade Estadual de
Maringá, como um dos requisitos
para a obtenção do título de Mestre
em História.

MARINGÁ
JULHO DE 2020

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

C284a

Carlos, William Geovane

Alfred Rosenberg : vida e autorrepresentação através de seus diários / William Geovane Carlos. -- Maringá, PR, 2020.
138 f. figs., tabs.

Orientador: Prof. Dr. João Fábio Bertonha.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História, 2020.

1. Rosenberg, Alfred, 1893-1946 (biografia). 2. Nazismo - Brasil. 3. Historiografia (diário). 4. Terceiro Reich - Alemanha. 5. Segunda guerra mundial - Holocausto. I. Bertonha, João Fábio, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de História. Programa de Pós-Graduação em História. III. Título.

CDD 23.ed. 923.143

WILLIAM GEOVANE CARLOS

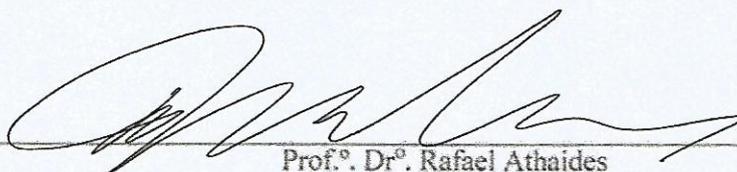
ALFRED ROSENBERG: VIDA E AUTORREPRESENTAÇÃO ATRAVÉS DE
SEUS DIÁRIOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá, como requisito para a obtenção do título de Mestre em História.

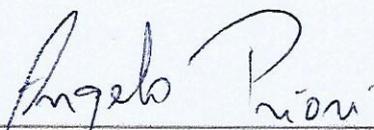
BANCA EXAMINADORA:



Prof.º. Dr.º. João Fábio Bertonha
Presidente/Orientador



Prof.º. Dr.º. Rafael Athaides
Membro Convidado (UFMS)



Prof.º. Dr.º. Angelo Piori
Membro Corpo Docente (UEM/PPH)

AGRADECIMENTOS

Em meio a todas as conturbações e problemas que a vida pode trazer, não se pode esquecer de estar grato por tudo o que conseguimos alcançar, honrando não somente a vida e as oportunidades, como também as pessoas que fizeram parte das variadas empreitadas, cooperando para um aprimoramento de nós mesmos.

Agradeço primeiramente a minha família, a minha mãe Rosangela Cristina Dainezes Carlos, ao meu pai Sergio Carlos Junior e ao meu irmão Rafael Dainezes Carlos, que me apoiaram e me deram forças para prosseguir, mesmo quando me achava incapaz da conclusão de algo de tamanha magnitude.

Também agradeço a Universidade Estadual de Maringá, por ter proporcionado a oportunidade de alguém, recém-formado em História, como eu, disputar uma vaga em um curso tão exemplar como o de pós-graduação (mestrado) em História Política.

A Capes, que me disponibilizou uma bolsa de mestrado no meu último ano do curso, no momento que eu mais precisava, pois havia acabado de perder o emprego.

Ao meu orientador Prof. Dr. João Fábio Bertonha, pela sabedoria compartilhada a cada reunião de orientação e até mesmo por e-mails, me ajudando a perceber as minhas falhas para com isto aprimorar o meu trabalho final.

Ao meu tio doutorando Vanderley da Silva, que me deu algumas dicas para corrigir a minha dissertação. Também ao meu amigo Melquisedec dos Santos, que leu e teceu comentários importantes sobre o que eu escrevi.

Além disso, agradeço a todas as outras pessoas que também leram e me ajudaram a melhorar a minha dissertação, aplicando olhares incisivos e bastante importantes.

Aos professores Sidnei José Munhoz e Luiz Felipe Viel Moreira, que não só me proporcionaram algumas boas informações em relação a assuntos pertinentes a este trabalho, como também me disponibilizaram materiais extremamente relevantes para o devido tratamento do meu objeto de estudo.

Aos professores Ângelo Priori e Rafael Athaides, que aceitaram participar da minha Banca de Qualificação e da Banca final.

E também agradeço a Deus pela possibilidade de concluir mais esta etapa de minha vida.

Obrigado!

Carlos, William Geovane. **Alfred Rosenberg: Vida e Autorrepresentação Através de seus Diários**. 2020. 138 p. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2020. Orientador: João Fábio Bertonha.

RESUMO

Essa pesquisa de mestrado, que foi pensada a partir da publicação integral dos diários do nazista conhecido como Alfred Rosenberg, sob a organização de renomados historiadores do Museu Memorial do Holocausto, tem por objetivo traçar a construção da identidade desta pessoa, desde seu ingresso no Partido Nazista, até o seu fim logo após a guerra. Pretendeu-se alcançar o entendimento de quem era Rosenberg, suas principais atuações e planejamentos no nazismo, além dos conflitos inerentes. O devido trabalho metodológico com diários, a escrita de si e a trajetória desses documentos se mostraram importantes para ter algum destaque. Já como contribuições desta pesquisa, compreendemos uma parte um tanto desconhecida do nazismo para o público mais geral, principalmente no Brasil, onde trabalhos sobre o intelectual nazista são escassos, tendo em vista que não só agiu a favor do Holocausto, como foi responsável por planejar e implementar de diversas atitudes em prol do Terceiro Reich.

Palavras-chave: Alfred Rosenberg; Diários; Holocausto; Nazismo; Reich.

Carlos, William Geovane. **Alfred Rosenberg: Life and Self-Representation Through his Diaries**. 2020. 138 p. Dissertation (Master's Degree in History) – Maringá State University, Maringá, 2020. Advisor: João Fábio Bertonha.

ABSTRACT

This master's degree research, which was conceived from the full publication of the diaries of the Nazi known as Alfred Rosenberg, under the organization of renowned historians of the Holocaust Memorial Museum, has the objective to trace the construction of this person's identity, since his entry into the Nazi Party, until its end right after the war. Was intended to understand who was Rosenberg, his main actions and plans, as well as the inherent conflicts. The methodological work with diaries, the writing of oneself and the trajectory of these documents proved to be important to have some contrast. As for contributions of this research, we understood a somewhat unknown part of Nazism for the general public, especially in Brazil, where works about the Nazi intellectual are scarce, given that not only he acted in favor of the Holocaust, but was as well responsible for planning and implementing various attitudes in favor of the Third Reich.

Keywords: Alfred Rosenberg; Diaries; Holocaust; Nazism; Reich.

LISTA DE IMAGENS

FIGURA 1. PÁGINA 1 DO PROGRAMA DO TRIBUNAL MILITAR INTERNACIONAL.....	16
FIGURA 2. O DIÁRIO DE ALFRED ROSENBERG.....	57
FIGURA 3. RETRATO DE CALENDÁRIO DE ALFRED ROSENBERG	80

LISTA DE TABELAS

TABELA 1. PERÍODOS DA ESCRITA DE ALFRED ROSENBERG	75
--	-----------

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 – VIDA E OBRAS DE ALFRED ROSENBERG	16
ROSENBERG: UM ESBOÇO BIOGRÁFICO BÁSICO	17
O TIPO DE INTELLECTUAL, AS INTENÇÕES E A INTRÍNSECA INSEGURANÇA DE ALFRED ROSENBERG	31
O ÁPICE IDEOLÓGICO DE ALFRED ROSENBERG E SEUS CONFLITOS NO TERCEIRO REICH.....	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
CAPÍTULO 2 – OS DIÁRIOS DO INTELLECTUAL NAZISTA E SUA ESCRITA	57
PROBLEMAS E DIFICULDADES AO SE TRABALHAR COM O GÊNERO BIOGRÁFICO	59
A ESCRITA DE SI E OS DIÁRIOS NO TRABALHO HISTORIOGRÁFICO	62
A TRAJETÓRIA DOS DIÁRIOS ATÉ OS DIAS ATUAIS	70
CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
CAPÍTULO 3 – OS RELATOS E A VISÃO DE MUNDO DO PONTO DE VISTA DE ROSENBERG	80
CONTEXTUALIZAÇÃO DA PRODUÇÃO DOS DIÁRIOS DE ALFRED ROSENBERG.....	82
A ESTRUTURA NAZISTA E OS CONFLITOS PELO PODER	96
ANTISSEMITISMO, RELIGIOSIDADE E A IDEOLOGIA NAZISTA	107
O LESTE EUROPEU E O FUTURO DO REICH DE MIL ANOS.....	119
CONSIDERAÇÕES FINAIS	132
CONCLUSÃO	135
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	138

Introdução

Nascido em Reval na Estônia, cidade conhecida atualmente como Talim, a qual pertencia à Rússia, Alfred Ernst Rosenberg presenciou a Revolução de 1917, provavelmente sofrendo os problemas do novo governo russo, depois emigrando para a Alemanha entre 1917 e 1918. A partir disto, já no ano de 1919, começou a trabalhar em prol do Partido Nazista, no qual se filiou. No partido, chegou a desempenhar diversas funções, até mesmo como líder do movimento, quando Hitler estava preso entre 1923 e 1924. Já no ano de 1933 começou a trabalhar em questões no escritório de Relações Exteriores, sendo depois designado como encarregado da educação do Reich em 1934, mas não como ministro.

Com a guerra e com a ocupação da França em 1940, foi encarregado do roubo de produtos artísticos e culturais, na forma de pilhagem. No ano seguinte, em 1941, Hitler nomeou Rosenberg como ministro dos Territórios Conquistados do Leste, cargo que exerceu até a sua prisão pelos Aliados em 1945, sendo depois julgado nos Tribunais de Nuremberg e condenado à morte por enforcamento em 1946.

Alfred Rosenberg foi um intelectual e político alemão, mais especificamente nazista, para o qual contribuiu com uma das obras de maior impacto entre os seus correligionários, o livro *O Mito do Século XX* (ROSENBERG, 2018). Nesta obra, ele discutia não somente os ideais supremacistas de raça, como também a mitologia nórdica e o futuro do movimento ao qual pertencia.

O presente trabalho tem, como tema de pesquisa e abordagem, os diários deste líder nazista. Foi este personagem um adepto de longa data da ideologia fascista alemã, participando de variados momentos da história desse movimento, como na tentativa de golpe e na estrutura do partido quando no poder, como brevemente descrito acima. Rosenberg pode ser considerado o principal intelectual do nazismo, no sentido de ser o responsável pela criação ou aperfeiçoamento da teoria e dos programas mais abstratos do movimento.

Aqui será empreendida uma análise e um estudo mais aprofundado sobre o diário de Alfred Rosenberg, procurando esclarecer um pouco da visão que tinha de si em comparação com a bibliografia de apoio, qual a sua influência no Terceiro Reich, as intrigas dentro do sistema nazista das quais participou e, quais as principais questões que moldaram o seu pensamento.

Desta maneira, os objetivos principais deste trabalho de pesquisa são: entender quem era Alfred Rosenberg, para melhor compreensão da sua visão política; analisar a sua vida antes do nazismo e como ela influenciou no seu pensamento político; discutir os problemas teóricos do gênero biográfico da escrita de si e dos diários; repensar a influência da origem de Rosenberg nas suas ações; os seus conflitos dentro da hierarquia nazista; e, por fim, a sua influência no planejamento e políticas seguidas pelo regime nazista.

De forma geral, esta pesquisa pretende compreender uma figura emblemática e pouco trabalhada do nazismo, pelo menos em âmbito nacional. Isto se faz necessário tendo em vista que existem informações esparsas sobre Rosenberg em diversas obras publicadas no Brasil, mas nada com um viés analítico mais profundo. Com isto, a diferença deste trabalho perante outros já publicados sobre o nazismo consiste não somente na abordagem de um nazista menos conhecido, como também o foco em temas e temáticas que pouco aparecem na historiografia nacional sobre o assunto.¹

Não somente estes detalhes tem importância na objetivação e diferenciação desta pesquisa, como também a própria intenção de contribuir para a historiografia sobre um período tão conturbado da humanidade. Proporcionando uma abordagem cronológica, elucidativa e analítica sobre alguém que pode despertar interesse ou repulsa naqueles que estudam ou se interessam pelo tema do nazismo e da Segunda Guerra Mundial.

Temos ainda, a pertinência da análise deste personagem histórico e seu contexto, justamente sendo produzido em um período em que a nação brasileira passa por turbulências semelhantes a atitudes de tal época. Neste sentido, despontam pessoas similares ao que o intelectual nazista foi para o regime ao qual pertencia. Sendo assim, são questões que carecem de reflexão e ponderamento para todos nós.

¹ Uma exceção seria uma resenha recentemente publicada que proporciona algumas reflexões e questões semelhantes às identificadas nesse trabalho de pesquisa. Ver Bertonha (2019).

O campo de pesquisa ao qual o nosso trabalho se relaciona é o da nova História Política e para dar conta dos objetivos acima expostos, o texto será dividido em três capítulos.

No primeiro capítulo, o foco principal da análise será o indivíduo Alfred Rosenberg: sua carreira, conflitos dentro do sistema nazista e suas concepções ideológicas, além do seu julgamento e morte em Nuremberg. Adentrando o segundo capítulo, o foco se altera para a discussão teórica da fonte primária, que são os diários, discutindo como um pesquisador deve trabalhar com este tipo de documento e também a problemática historiográfica das escritas de si. Além disso, a trajetória dos diários e sua descoberta/redescoberta será discutida. Já no terceiro capítulo a atenção estará voltada para os escritos de Rosenberg, isto é, identificando alguns pontos fundamentais, como o antissemitismo e a religiosidade, os diversos conflitos pelo poder dentro da hierarquia nazista e sonhos e projetos para o futuro do nazismo.

A fonte principal desta dissertação são os diários deste personagem, mais especificamente, o livro publicado pela editora Planeta (MATTHAUS; BAJOHR, 2017), que reúne os diários encontrados até hoje, contendo registros de 1934 a 1944. Os organizadores desses diários são os historiadores alemães Jurgen Matthaus e Frank Bajohr. Nesta publicação, eles não apenas organizam o material, mas também escreveram uma introdução sobre o tema, sendo muito útil para a presente dissertação. Também constitui uma grande importância o livro “O Diário do Diabo” (WITTMAN; KINNEY, 2017), o qual narra a história da descoberta e recuperação dos diários.

À parte dessas obras, há evidentemente um sem número de livros e artigos que abordam o tema do nazismo e da Segunda Guerra Mundial, a questão das biografias e também a chamada “escrita de si”, as quais serão importantes para contextualizar e compreender as nossas fontes acima mencionadas. Isso, claro, não apenas em termos de conteúdo de situar os registros de Rosenberg, mas também em termos teóricos.

O texto se iniciará com a origem de Rosenberg, vida e morte, perpassando as suas atividades no Reich; depois adentraremos na questão da intelectualidade, das intenções e da insegurança de Alfred Rosenberg; posteriormente, como última parte deste capítulo, trabalharemos com a produção intelectual de Rosenberg e seus conflitos no Terceiro Reich.

Reiterando esse ponto, será feita uma necessária contextualização de várias questões, como o problema eslavo e os interlocutores de Rosenberg dentro do regime.

Ao longo da escrita estarão presentes diversas citações de autores que trabalham com o nazismo, ajudando a exemplificar e a dar suporte aos comentários realizados. Assim este capítulo se constrói por meio de uma apresentação geral do tema e de diversos assuntos relacionados para, ao final, o leitor ter a consciência de quem era e quais os principais aspectos que moldaram este personagem histórico.

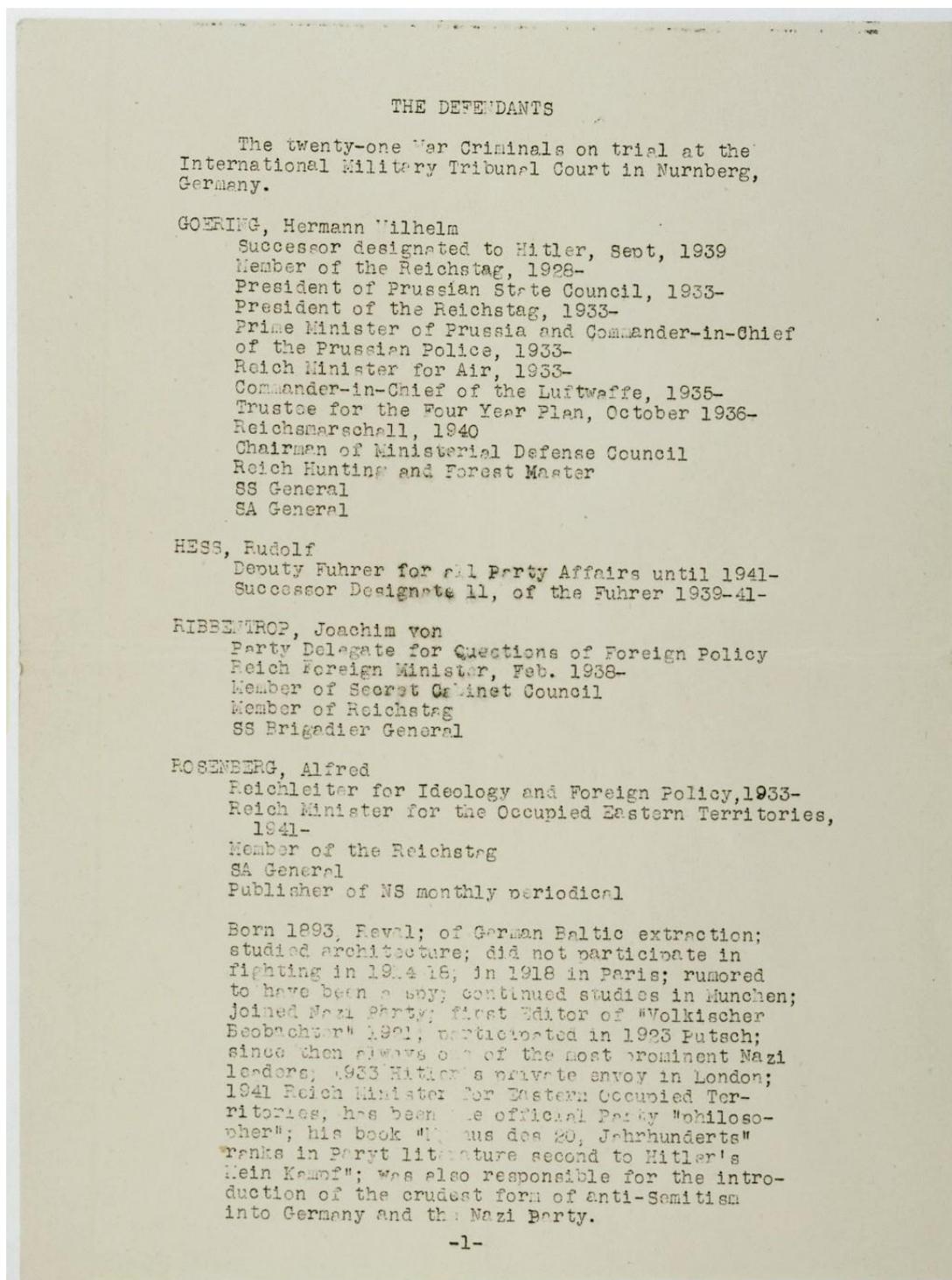
Após isto será trabalhada a explicação da trajetória dos diários para os dias atuais, porque Alfred Rosenberg não mantinha uma escrita muito constante ou lucida dos fatos, preferindo aplicar a sua visão. E aqui novamente as citações serão aplicadas e comentadas. Por fim, a devida atenção será para com os diários e o contexto de produção dessa fonte, pautando pontuações determinantes da vida do intelectual do Reich, trazendo à tona os seus comentários e, ao mesmo tempo, acentuando algum raciocínio e explicações sobre o que diz. É interessante ressaltar que neste capítulo, a partir do segundo item, as citações serão mais voltadas para os diários, ou seja, a bibliografia adicional será como um pilar teórico, mas não utilizada na exemplificação das falas, pois o foco é o que foi escrito por Rosenberg

E ainda, esta bibliografia será utilizada para averiguações dos dizeres de Rosenberg, contando com toda a ponderação factual disponível. Estas serão todas as obras utilizadas sobre as guerras e o nazismo, que estarão descritas nas fontes bibliográficas.

Por conseguinte, ao final de cada capítulo será empreendida a confecção de algumas considerações finais sobre o que está sendo explicado e preparando o leitor para o próximo assunto a ser discutido, o que permeia todos os capítulos. Com os objetivos já descritos, cada capítulo e cada subseção serão importantes e essenciais para o completo entendimento do tema proposto.

Capítulo 1 – Vida e Obra de Alfred Rosenberg

Figura 1: Página 1 do programa do Tribunal Militar Internacional



Fonte 1: Site do United States Holocaust Memorial Museum²³

² Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/alfred-rosenberg-biography>. Acessado em: 25/09/2019.

³ A seguir se tem uma tradução livre da parte deste documento referente a Rosenberg:

Rosenberg: Um Esboço Biográfico Básico

Como uma questão que permeia toda a vida deste personagem histórico, a questão de sua vivência é demasiadamente intrigante. Apesar disto, em diversas particularidades que exerceu ou atuou faltam documentos que possam dar maior respaldo acerca de alguma informação. Assim os comentários aqui contidos terão o respaldo da bibliografia de apoio, com assuntos pertinentes a Rosenberg, juntamente com os diários do mesmo e até uma obra de sua autoria.

Alfred Rosenberg fazia parte de uma das etnias germânicas que colonizaram determinados territórios, mas que depois foram conquistados por outros povos. Desta maneira, a sua “terra-natal”, conhecida como Reval e que era localizada na Estônia não chegou a pertencer a Alemanha, porém muitos alemães se dirigiram a estas terras para viver, quase como uma colonização, e ainda fazia parte da Rússia, com que no momento de pós-Primeira Guerra Mundial já era conhecida como União Soviética, também perpassando por todas as turbulências respectivas a este momento histórico.

Nascido em 12 de janeiro de 1893 sendo um alemão-báltico, demonstrou ser alguém mais concentrado em intelectualidades e teorias, não sendo o tipo de pessoa mais enérgica a ações de caráter violento. Estudou engenharia e arquitetura em Moscou e em Riga, adquirindo o grau de doutor em 1917. Não tendo participado da Primeira Guerra Mundial, ficou mais concentrado em seus estudos, mesmo que tenha atravessado qualquer desdobramento possivelmente violento da Revolução Russa.

ROSENBERG, Alfred

Líder do Reich para Ideologia e Política Externa, 1933-

Ministro do Reich para os Territórios Ocupados do Leste, 1941-

Membro do Reichstag

General da SA

Editor do periódico mensal NS

Nascido em 1893, Reval; extração de Alemão Báltico; estudou arquitetura; não participou da guerra em 1914-18; em 1918 em Paris; rumores de ter sido um menino; estudos continuados em Munchen; ingressou no Partido Nazista; primeiro editor do “Volkischen Beobachter” 1921; participou do Putsch de 1923; desde então sempre foi um dos líderes nazistas mais proeminentes; 1933 enviado como adido de Hitler em Londres; 1941 Ministro do Reich para os Territórios Ocupados do Leste, foi o “filósofo” oficial do partido; seu livro “ O mito do Século 20” está na literatura do partido, ao lado do “Minha Luta” de Hitler; também foi responsável pela introdução da forma mais cruel de antissemitismo na Alemanha e no Partido Nazista.

Para exemplificar esta argumentação, a seguir tem-se uma citação advinda de um dos maiores historiadores sobre o Terceiro Reich, Richard J. Evans:

Entretanto, dois companheiros da Sociedade Thule que Eckart levou para o partido serviram Hitler de forma mais confiável e por muito mais tempo. O primeiro deles foi o arquiteto báltico-alemão Alfred Rosenberg. Outra liderança vinda de fora do Reich, ele nasceu em Reval, na Estônia, em 1893. Fugiu da Revolução Russa, concebendo um ódio intenso pelo bolchevismo e ao fim da guerra chegou a Munique, onde se tornou colaborador da pequena publicação de Eckart. Já havia se tornado antissemita antes de 1914, resultado da leitura da obra de Houston Stewart Chamberlain aos 16 anos de idade. (EVANS, 2016a, p. 233)⁴

Ao presenciar e, muito provavelmente, sofrer alguma retaliação sob o novo governo russo, Rosenberg optou por deixar o território onde vivia, indo morar na Alemanha. Consigo vieram todos os seus anseios e também problemas. Assim continuou com o seu antissemitismo, mas desenvolveu algo mais ferrenho contra os bolcheviques, que eram os revolucionários vitoriosos na Rússia.

O ódio desenvolvido contra o bolchevismo acabava sendo até mesmo maior que o que era voltado contra quaisquer outros povos, como os judeus, mesmo sendo um defensor das ideias antissemitas. Por vezes era englobado até em um mesmo conjunto judeus e bolcheviques, como se fosse uma suposta conspiração judaico-bolchevique, isto nos dizeres do próprio Rosenberg.

Ao se instalar na cidade de Munique, ao final de 1917, começou a trabalhar em prol das ideias em que acreditava. Neste sentido ele adentrou na Sociedade Thule,⁵ fazendo breves amizades com pessoas relativamente importantes, como Dietrich Eckart, que não só foi um colega de Hitler, como também era dono do jornal *Volkischen Beobachter*.

Após algum tempo, mais especificamente no ano de 1918, Rosenberg adquire a propriedade deste jornal. Assim ele consegue angariar muito mais

⁴ Neste ponto, não há o que se discordar do autor, que proporciona uma breve elucidação dos fatos muito embora algumas características fiquem vagas, pois poucos documentos existem para comprovar o que seja referente a este personagem histórico.

⁵ Esta sociedade, foi um grupo secreto, estabelecido em Munique, que possuía características ocultistas, que veneravam uma dita “antiguidade alemã”.

autonomia, seja para redigir quaisquer que sejam os seus escritos ou para simplesmente publicar a sua opinião. Este foi o único meio de propaganda sob sua administração, mesmo em anos futuros, quando o Ministro da Propaganda Joseph Goebbels estava em seu auge. E exemplificando o sentido dos trabalhos de Rosenberg, se tem a seguinte citação, a qual é deveras importante, dos historiadores Jurgen Matthaus e Frank Bajohr:

Para Rosenberg, a ordem representava mais do que “metade da vida”. Quem, como ele, via na sequência da perda da guerra de 1918 a engrenagem do mundo literalmente se desfazendo e só enxergava ao seu redor deformações, dispersões e caos, procurava por fórmulas de orientação que oferecessem sentido... (MATTHAUS; BAJOHR, 2017, p. 45)⁶

Levando-se tudo em conta, Rosenberg percebeu uma causa pela qual se empenhar, notando a desmoralização da Alemanha, talvez até lhe acendendo uma chama de nacionalismo e patriotismo. Com isto tratou de não somente ser mais incisivo em suas publicações, como também em procurar estar entre pessoas que talvez pensassem igualmente, o que o levou a entrar no *Deutsche Arbeiterpartei-DAP* (Partido dos Trabalhadores Alemães), que em 1920 mudou de nomenclatura, para *Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei-NSDAP* (Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães) ou Partido Nazi, possuindo uma milícia partidária.

Filiou-se ao partido quando nem mesmo era um partido como todos conhecem de fato, somente aparentando ser um grupo político com aspirações de poder. Isto aconteceu em janeiro de 1919, alguns meses antes do próprio Adolf Hitler, que somente adentrou o grupo em outubro do mesmo ano. Vale ressaltar que este intelectual nazista teve tal ação até mesmo anos antes de alguns nazistas que podem ser considerados seus rivais nas administrações internas do Reich, tendo em vista que Heinrich Himmler adentrou ao partido em agosto de 1923 e, Goebbels no início do ano de 1924. A questão destes correligionários será tratada, brevemente, mais adiante neste capítulo, tendo

⁶ Esta citação, faz parte das páginas introdutórias da publicação dos diários, contando com breves estudos, extremamente relevantes, sobre Alfred Rosenberg e algumas de suas atitudes.

uma maior e mais contundente abordagem no terceiro capítulo, o qual conterà a análise intrínseca dos diários.

Em determinado momento, fazendo parte de algo maior para a sua disputa ideológica, Rosenberg conseguiu encontrar novas formas de disseminar os seus ideais, além de maneiras para se reger a própria vivência. O partido dizia lutar por tradições e um modelo de mundo superior provenientes dos puros alemães, o que este nazista corroborava, algo que foi elevado pela admiração à figura de um líder máximo de características promissoras, Adolf Hitler.

Para alguns autores, o nazismo não tinha um projeto ou plano definido de conquista do mundo, sendo seus atos de agressão pura improvisação. Tal teoria dificilmente se sustenta, pois, se algumas das conquistas nazistas na Europa ocidental e balcânica, em boa parte, motivadas pelo oportunismo e por necessidades econômicas e militares imediatas, as tradições geopolíticas alemãs e a ideologia nazista forneceram, ao menos, algumas ideias base de como o Terceiro Reich devia se comportar no mundo. (BERTONHA, 2008, p. 45)

Com o advento de Hitler, Rosenberg passou a tecer as suas publicações ou comentários mais em consonância ao que este personagem pensava. Passou então a trabalhar em maneiras de tentar expressar os pensamentos que estava seguindo mais preponderantemente, sendo até tido como um pai da ideologia nazista. Porém com o passar dos anos, nem todos pensavam assim, principalmente em anos de turbulência no partido, conhecidos como “os dias de luta”, que na maior parte se referia aos anos de 1923 e 1924.

Não se deve esquecer também que os nazistas eram mais ligados a ação, não se importavam tão concomitantemente com teorias e leituras para embasar as suas ações. Com exceção de alguns poucos líderes, pode-se supor que muitos dos escritos produzidos pelos partidários, não eram lidos pela massa populacional que os apoiavam. Compete a este quesito o fato de Rosenberg nunca ter conseguido se acentuar como queria, pois a grande maioria dos que seguiam essa ideologia, eram como rufiões que agiam pela força e não raciocinavam muito bem os desdobramentos. Complementando este comentário, Bertonha explica que:

...os nazistas eram, em geral, pessoas de convicções ideológicas sólidas. Não no sentido de terem ponderado cuidadosamente sobre o que defendiam e se convencido da sua realidade, mas no de terem alguns eixos de pensamento muito claros, os quais davam sentido à vida e aos atos do dia a dia. Sem dúvida sobre quais caminhos tomar, a autorreflexão realmente se tornava inútil. (BERTONHA, 2019, p. 679)⁷

No mencionado ano de 1923 aconteceu a tentativa de golpe por parte de Hitler, para tomar o controle da Alemanha, que ficou notável na história como o Golpe da Cervejaria ou como o Golpe de Munique. Mas como medida de preparação, o futuro Führer deixou alguém no comando do partido, esta pessoa era o próprio Rosenberg que, pelo momento, possuía o cargo de maior destaque entre os nazistas, pois a tentativa de golpe acabou fracassando e Hitler foi preso.

Concomitante com o que foi explicitado, Rosenberg não foi bem-sucedido em sua administração, concentrando-se em teorias, publicações e planejamentos futuros. Com o retorno do líder máximo em 1924, o partido novamente se uniu, provavelmente até mais ávidos em sua luta, mas o intelectual do nazismo acabou nunca mais conseguindo um cargo de tamanho destaque, mesmo que tenha obtido funções relevantes no Terceiro Reich.

Entretanto, o mais grave foi que Goebbels teve que pelear pela supremacia na esfera cultural contra o autoproclamado ideólogo do Partido, Alfred Rosenberg, que via como seu dever propagar a ideologia nazista – e em particular sua própria versão sofisticada dela – por toda a cultura alemã. No final da década de 1920, Rosenberg havia se tornado líder da Liga de Combate pela Cultura Alemã (Kampfbund für Deutsche Kultur), uma das muitas organizações especializadas estabelecidas dentro do Partido na época. (EVANS, 2016b, p. 169)⁸

Focando em possíveis atribuições futuras, este nazista passou a trabalhar mais determinado na cultura, dando expressão para os ideais de seu partido, isto no próprio cerne cultural alemão. Desta forma em 1929 fez parte da fundação da chamada Liga de Combate pela Cultura Alemã, se tornando o chefe deste grupo.

⁷ Esta ponderação, fruto da resenha dos livros *Os Diários de Alfred Rosenberg 1934-1944* (2017) e *O Diário do Diabo* (2017), é imprescindível no entendimento do objeto desta pesquisa e do nazismo de maneira geral.

⁸ Novamente, Evans proporciona uma boa elucidação das questões, demonstrando as tamanhas ambições de Rosenberg, além da sua falta de concentração em uma única área propriamente dita, algo que provavelmente “minava” as suas forças no que tentava se aplicar.

Isto foi algo que desagradou um de seus rivais, Goebbels, este que estava se esforçando para dominar o âmbito propagandístico do partido, englobando também a cultura.

Tais conflitos entre correligionários estarão melhor explicados nas partes finais deste capítulo e também no último capítulo desta pesquisa. Mas pelo momento, deve-se levar em conta que nenhum dos lados conflitantes diminuíram esforços para conseguir poder e controle, mesmo que Rosenberg aparentasse já não conseguir tantos favorecimentos, quanto os outros partidários.

Já no ano de 1930, Alfred Rosenberg não somente se dedicou a política, tornando-se um deputado para o partido, como também publicou um livro sob o título *Der Mythos des Zwanzigsten Jahrhunderts* (O Mito do Século XX). Com esta obra pretendia-se proporcionar uma bagagem intelectual ao movimento, o que será melhor trabalhado posteriormente. A obra chegou a encontrar consonância nas mentes de alguns nazistas, que obtiveram cargos de considerável relevância, assim como exemplifica William L. Shirer:

...um simpático jovem de espírito fútil, mas de grande capacidade de direção, Baldur von Schirach, que, encantado com Hitler, aderira ao partido em 1925, com 18 anos, e que em 1931 fora nomeado líder da Juventude do Partido Nazista. (SHIRER, 2017, p. 341)

Sem muitos heróis nacionais de relevância, Schirach aproximou-se do clamor a ação concedido por Hitler e pelas belas palavras construídas por Rosenberg. Desta maneira quando obteve um cargo de destaque, aplicou o que aprendera em obras como *O Mito do Século XX*, seguindo atentamente os dizeres de seu autor, como novamente Shirer demonstra:

...Schirack, cujo cargo até então estava subordinado ao Ministério da Educação, tornou-se responsável diretamente perante Hitler. Tolo jovem de 29 anos, que escreveu versos sentimentais em louvor de Hitler (“este gênio que toca as estrelas”) e seguiu Rosenberg em seu estrambólico paganismo, e Streicher em seu antissemitismo virulento, convertera-se no ditador da juventude do Terceiro Reich. (SHIRER, 2017, p. 342)⁹

⁹ Este autor não demonstra se ater a cuidados metodológicos historiográficos, sem muito pré-julgamento que um historiador aplica, utilizando de adjetivos e denominações depreciativas, quase como se tomasse partido em sua argumentação, aparentando não manter uma imparcialidade, em alguns momentos. Mas,

Prosseguindo no raciocínio da vida do intelectual do Partido Nazista, no ano de 1933 obteve-se um cargo mais ativo para suas ambições, que seria o de trabalhar no escritório de relações exteriores. Neste cargo era quase como um líder, mas obedecia a ordens de alguns superiores, como o Ministro de Relações Exteriores Joachim von Ribbentrop. Nota-se que era uma função com maior poderio, a qual Rosenberg ambicionava, todavia não obteve a supremacia em tal cargo, que era seu desejo.

Neste escritório o autor dos diários organizava recepções a líderes internacionais, mesmo ainda sendo um subordinado, possivelmente até proporcionando provas de uma boa aparência da nova situação da Alemanha sob o Terceiro Reich. Como adendo, tentava promover acordos comerciais entre as outras nações e a Alemanha, a exemplo da Argentina e do Brasil, talvez até notando a grande quantidade de imigrantes alemães vivendo nestas regiões, mas mantendo o foco na obtenção de recursos e matérias-primas relevantes para o Reich. Tudo isto devido ao fato de os nazistas terem chegado ao poder na Alemanha.

Já no ano de 1934, Alfred Rosenberg recebe a denominação, do próprio Fuhrer, de ser a pessoa encarregada de todo o treinamento ideológico e espiritual do partido. Claramente seus planejamentos foram ficando mais incisivos, desejando por exemplo, aplicar as escolas avançadas, tendo como obras guia o seu próprio livro e o de Hitler, *Mein Kampf* (Minha Luta). Vale lembrar que este livro de Hitler foi produzido durante sua prisão entre os anos de 1923 e 1924, se tornando um tipo de bíblia para os nazistas.

A situação daqueles que eram contra o nazismo seguia se agravando, com cada vez mais ataques a judeus, o conflito com a oposição socialista, as divergências com os liberais e os maçônicos, além das discussões contra a Igreja Católica, esta última que não concordava com a comercialização da obra de Rosenberg. O mencionado livro continha, entre variados pontos, ataques contra o cristianismo como um todo, algo que será melhor abordado no capítulo final desta pesquisa. Prosseguindo para 1939, um ano que se mostrou bastante

por ter presenciado boa parte do nazismo na Alemanha, até 1941, sua visão se mostra um bom complemento. Neste exemplo, não há o que se discordar.

importante, onde houve continuidade das atitudes de Rosenberg, conforme demonstra Bertonha:

A ideia da dominação da raça ariana não permitia, realmente, que se aceitasse a igualdade e a colaboração de igual para igual, ainda que retórica, com outros povos e fascismos, e, ainda em 1939, Alfred Rosenberg ressaltava como, mesmo que todo o mundo se tornasse nazista, o conflito entre arianos e não arianos seria inevitável. A pretensão do domínio total excluía a priori a ideia da universalidade, a não ser aquela restrita à raça ariana. (BERTONHA, 2008, p. 91)¹⁰

Em 1939 o intelectual do Reich seguia com preparações e planejamentos, percebendo a guerra vindoura, tentando talvez notar a melhor aplicabilidade de seus ideais. Porém não foi muito favorecido, até mesmo devendo se conformar com o Pacto Nazi-Soviético, também conhecido como Pacto Molotov-Ribbentrop. Isto se devia à questão crucial de que grande parte de seu trabalho e esforço tenha sido contra os eslavos e os comunistas, aplicando até o termo “judiaria” para se referir a aqueles que o mesmo nutria um profundo ódio.

Tanto o termo “judiaria” quanto o de “judaico-bolchevique” não foram criados por Alfred Rosenberg, porém o mesmo se apropriou destas ofensas rasas e emotivas para explicar as suas teorias. Como comparativo, no livro escrito por Hitler também há a presença destas terminologias, mas em quantidade menor se levar em conta os escritos e dizeres de Rosenberg.

Todavia, com o início da guerra, Rosenberg teve a oportunidade perfeita para demonstrar a Hitler as suas aptidões. Com isto no ano de 1940, acabou sendo designado como organizador dos roubos de arte e bens culturais nos territórios conquistados, tudo na forma de pilhagem, começando na França ocupada. Assim os bens que encontrava poderiam ser enviados para a Grande Alemanha ou para as suas pretendidas escolas e institutos. Tudo isto é exemplificado pelo comentário de Martin Gilbert:

¹⁰ Como o autor explica, a universalidade e a convivência “pacífica” ficariam, em algum determinado momento, restritos a somente os arianos e tudo leva a crer que isto está correto, pois a guerra total empregada, possuía um provável intuito, de subjugar inimigos e impor ideais, podendo até encaminhar ao esfacelamento do povo alemão. Elevando a contradição existente, se tem o fato de que, dentre os aliados da Alemanha Nazista, terem-se os japoneses e a tentativa de se aliar a algumas nações árabes, configurando somente um grande aproveitamento das situações que o Reich se encontrava, algo que Alfred Rosenberg certamente repudiava, mas pode ter notado a necessidade.

Em outubro de 1940, Alfred Rosenberg criou, nos países ocupados, uma força para transportar para a Alemanha objetos culturais valiosos. Mais de cinco mil telas, incluindo obras de Rembrandt, Rubens, Goya, Gainsborough e Fragonard, foram retiradas de museus e de casas particulares, junto com milhares de porcelanas, bronzes, moedas antigas, ícones e móveis dos séculos XVII e XVIII. Em Frankfurt, Rosenberg criou um Instituto de Investigação da Questão Judaica, declarando, no discurso inaugural: “A Alemanha somente dará por resolvida a Questão Judaica quando o último judeu houver abandonado o espaço vital alemão.” Entretanto, os “bens judaicos sem dono” podiam ser distribuídos livremente, como, por exemplo, centenas de casas e de lojas na França, na Bélgica e na Holanda. (GILBERT, 2014, p. 170)¹¹

Mantendo todo este foco, desejando estar com plenas capacidades de cumprir o que lhe era exigido, Rosenberg criou neste mesmo ano a *Einsatzstab Reichsleiter Rosenberg-ERR* (Força Tarefa do Líder Nacional Rosenberg). Utilizando disto, pretendia-se organizar a apropriação de bens alheios dos povos ocupados juntamente com a própria educação nazista, além de ainda manter o seu gabinete no Ministério de Relações Exteriores. Percebe-se que mesmo na obtenção de novas funções ou cargos, as suas atuações anteriores se entremeavam, não abandonando totalmente o que fazia em anos passados.

Com o recrudescimento da guerra e com o desencadeamento da Operação Barbarossa em 1941, Hitler ordenou a criação de uma administração para os territórios que pertenciam a União soviética e que agora estavam sendo conquistados. Neste meio Rosenberg foi designado, no dia 17 de julho de 1941, como o responsável por tal poderio administrativo, se tornando o Ministro do Reich para os Territórios Ocupados do Leste. Mas deveria cumprir algumas metas, como dar um “destino” aos seres subversivos desses lugares, além de promover a colonização por alemães-étnicos.

Em posse de maior poder de comando, Rosenberg dava vazão a seus projetos para um Reich milenar, assim como explicam Robert K. Wittman e David Kinney, sobre alguns acontecimentos do ano de 1942:

¹¹ Apesar de uma possível incapacidade de Rosenberg para reconhecer todos os meandros, a operação nazista consistia, quase sempre, no que Gilbert revela, assim não se tendo possibilidades de uma suposta “falta de conhecimento” das ações perpetradas, pois eles estavam plenamente conscientes do que faziam e do que estaria ocorrendo.

No discurso radiofônico na inauguração do Instituto de Pesquisa da Questão Judaica, em março, Rosenberg dissera que o assunto só seria resolvido quando o último judeu deixasse a Europa. Caberia a Himmler e a Heydrich, o chefe do Escritório Central de Segurança do Reich, transformar tais palavras em ação prática. (WITTMAN; KINNEY, 2017, p. 279-280)¹²

Então no ano de 1942, já exercendo seu cargo como ministro, o intelectual nazista criou o chamado Instituto de Pesquisa da Questão Judaica. Com isto recursos eram direcionados para tais lugares, principalmente os bens culturais roubados, para que em algum dia a raça ariana tivesse como conhecer profundamente aqueles tidos como “maiores inimigos”. Livros e obras de autores judeus também eram direcionados a estes institutos, com o consentimento do Führer.

Neste meandro de afazeres, Alfred Rosenberg também conseguiu dar prosseguimento a um de seus mais cobiçados planos, o educacional. Assim foram criadas, durante sua administração nos territórios do Leste Europeu, as mencionadas *Hohe Schule der NSDAP* (Escola Avançada do NSDAP). Estas escolas comandariam não somente o ensino superior alemão, como também as bibliotecas e institutos de pesquisas.

As construções começaram quase que imediatamente, mas com o avanço da guerra e juntamente com os redirecionamentos de recursos, somando as dificuldades advindas, somente algumas localidades foram completadas. Por conseguinte, pouco mais de dez destas instituições foram finalizadas, a exemplo de uma em Praga, uma em Hamburgo e outra em Munique. Mas para exemplificar a questão do redirecionamento de recursos, tem-se a seguir uma citação de Anders Rydell:

Apesar das tentativas fracassadas de Alfred Rosenberg de influenciar a política relativa ao front oriental, ele pôde se consolar com o bem-sucedido trabalho da ERR na zona soviética. Adolf Hitler havia dado a ERR a atribuição de passar um pente-fino em bibliotecas, arquivos, lojas maçônicas e outras instituições ideológicas e culturais de todos os tipos, para identificar material útil e confiscá-lo para uso na esfera ideológica

¹² Como uma visão não totalmente aprofundada dos meandros históricos, estes autores apresentam uma visão um pouco mais linear e direta, em relação às ações nazistas, quase como se atribuíssem as atrocidades cometidas, a dois indivíduos, algo que pode não ter sido a intencionalidade dos mesmos.

do NSDAP e em pesquisas na Hohe Schule. (RYDELL, 2018, p. 248)¹³

Mesmo que tenha recebido estas atribuições, além de conseguir dar prosseguimento aos seus “sonhos” para o Reich, Rosenberg ficava sem muitos poderes em diversos momentos. Suas ações se entremeavam com a de outros líderes nazistas ou ministros, como Himmler e Goebbels, como no fato de ele querer controlar a polícia em seu território de atuação, o que não deu certo, ocasionando mais desavenças e conflitos internos. Estas são questões que acabam tornando os nazistas citados em rivais deste nazista, por conta da disputa de interesses e cargos, além do que o próprio intelectual descrever alguns destes momentos em seus diários, que serão abordados nos próximos capítulos.

Todos estes pontos, mesmo os planejamentos excessivos, continuaram até o fim da guerra, pois mesmo com as derrotas sofridas, tal líder nazista continuava aparentando crer na vitória e em seu líder. Por fim acabou não ficando no bunker de Hitler quando as tropas dos Aliados invadiam, mas ainda tentou empreender duas ações, ambas sem sucesso: a queima total de documentos incriminadores, além de esconder outras papeladas; e uma fuga propriamente dita com a sua família, a qual, infelizmente, não se encontram documentos disponíveis para melhor descreve-los.

Já no ano de 1945, Alfred Rosenberg juntamente com outros líderes nazistas, foram capturados e mantidos sob custódia para um julgamento que estava sendo preparado. Este julgamento foi conduzido em Nuremberg, isto pelo Tribunal Militar Internacional, iniciando em 20 de novembro de 1945 e findando em outubro de 1946, quando as sentenças, a maioria de morte, foram consumadas. Posteriormente ocorreram outros julgamentos em lugares diferentes, mas o primeiro foi mais impactante, talvez para assegurar o cumprimento da justiça e não deixar acontecer os mesmos erros da Primeira Guerra Mundial.

¹³ Pelo que foi citado, fica notável que inicialmente Rosenberg não detinha tantos poderes para atuar na sua organização, além de sempre tentar opinar nas ações feitas em território soviético. O que Anders Rydell não menciona, seria a utilização das atribuições de “arte degenerada”, funcionando como uma fachada, sendo direcionadas para a doutrinação e afins.

Durante o ano que ficou preso em Nuremberg, Rosenberg foi entrevistado por alguns advogados, psiquiatras e até religiosos, o que também aconteceu com outros líderes nazistas presos. Intrigante é que mesmo percebendo o que lhe aguardava, continuou defendendo alguns de seus ideais primários, principalmente contra o comunismo, além de tecer suas complicadas e prodigiosas explicações, como se desejasse convencer seu opositor.

O julgamento em Nuremberg dos maiores criminosos de guerra teve como resultado o decreto de uma série de penas de morte, uma delas (Bormann) in absentia. Hans Frank (governador-geral da Polônia), Wilhelm Frick (ministro do Interior do Reich e Protetor do Reich da Boêmia e Morávia desde 1943) Hermann Goring, general Alfred Jodl (chefe das operações do Comando Supremo das Forças Armadas Combinadas), Ernst Kaltenbrunner (chefe do Serviço de Segurança da SS a partir de 1943), Wilhelm Keitel (chefe de Jodl), Joachim von Ribbentrop, Alfred Rosenberg, Fritz Sauckel, Arthur Seyss-Inquart e Julius Streicher foram condenados à morte; todos foram executados, com exceção de Goring, que, como já vimos, cometeu suicídio na noite anterior ao dia em que deveria ser enforcado. (EVANS, 2016c, p. 849)¹⁴

Dentre todo o ocorrido, Rosenberg recebeu a acusação de dar legitimidade a grande parte da repressão nazista, seja com funcionários para cumprir as suas ordens ou com as próprias teorias ideológicas. Ainda tentou remediar ou mentir sobre o que fizera, como aponta Paul Roland (2013), o intelectual nazista expressou no dia de recebimento de sua sentença que “O movimento antissemita teve um caráter apenas de proteção”, além de “Como eu queria uma Lebensraum para a Alemanha, pensei que os judeus também deveriam ter sua Lebensraum, mas fora da Alemanha”, remetendo aos seus primeiros planejamentos sobre os judeus. Não havia como escapar de sua culpa e conseqüentemente de sua condenação ao enforcamento, fato consumado no dia 16 de outubro de 1946. (p. 54)

Como se procurasse continuar exercendo o intelectualismo de seu modo de vida, Rosenberg aparenta ter conseguido angariar até mais pessoas contrárias a si dentro da prisão. Nenhum dos entrevistadores aparenta ter

¹⁴ Esta outra citação de Evans é mais voltada ao relato, trazendo muitos nomes dos culpados. E como é descrito, a grande maioria foi condenada à morte, inclusive Alfred Rosenberg, o que trazia um sentimento de justiça para todos os envolvidos no conflito, principalmente os povos perseguidos pelos nazistas.

apreciado esta figura em nenhum momento, nem sequer notaram um mínimo desejo de se redimir ou se arrepender, como pode ser parcialmente notado na bibliografia correlata.

Um de seus entrevistadores, Leon Goldensohn, transcreveu todas as conversas que teve com inúmeros nazistas, incluindo o intelectual do Reich. Então Goldensohn menciona duas perguntas feitas ao intelectual do Reich e suas repostas, ambas encontradas a seguir em tradução livre, ajudando a transparecer a mentalidade de Alfred Rosenberg, que pensava ser alguém superior, sempre tentando deixar isto evidente:

Rosenberg se considerava um historiador ou principalmente um filósofo? Bem, ambos, porque você não pode separar as duas coisas. Ele se considerava uma autoridade sobre esses assuntos? Sim, ele estudou todos os tipos de história e filosofia desde a adolescência. (GOLDENSOHN, 2005, p.198)¹⁵

Finalizando as entrevistas que teve, Rosenberg tentava se comportar de maneira polida, mas deixava transparecer seu ódio e até o desespero de sua situação, nunca querendo se mostrar como um nazista qualquer. E como é evidente, seguiu deixando claro sua aversão intrínseca pelos comunistas, algo que também está a seguir em tradução livre, como quando estaria na sala de julgamento e escutou o que os russos teriam mencionado, posteriormente apontando seu desprezo:

Eles cometeram muitos erros e, embora eu soubesse que era muito pouco bom chamar a atenção para eles, fiz isso porque queria que os russos soubessem que eu entendia sua língua e queria que os juízes americanos, britânicos e franceses soubessem que esses russos estavam tentando dar a pior luz possível às minhas palavras. (GOLDENSOHN, 2005, p. 202)¹⁶

¹⁵ Citação no original: Did Rosenberg consider himself a historian, or a philosopher, primarily? Well, both, because you can't separate the two things. Did he consider himself an authority on those subjects? Yes indeed, he had studied all kinds of history and philosophy since his teens. (GOLDENSOHN, 2005, p.198)

¹⁶ Citação no original: They made many mistakes and although I knew that it did very little good to call attention to them, I did it nevertheless because I wanted those Russians to know that I understood their language and I wanted the American, British, and French judges to know that these Russians were trying to place the worst possible light on my words. (GOLDENSOHN, 2005, p. 202)

Os julgamentos ocorridos em Nuremberg aconteceram da maneira mencionada, com inúmeras testemunhas das nações beligerantes sendo ouvidas, conseqüentemente os líderes nazistas presos também ouviam o que era falado, posteriormente possuindo seus momentos de defesa com os seus advogados, estes que eram na maioria alemães. Ocorreram também entrevistas separadas de variados tipos para com os julgados, para depois tudo ser discutido. Foram então utilizadas entrevistas, testemunhas, diversos documentos comprobatórios e o que aconteceu verdadeiramente, para que assim uma sentença fosse promulgada.

A vida deste personagem nazista terminou sob um senso de justiça e reparação, por tanto sofrimento causado e pela despreocupação com a vida dos outros povos. Por fim, sua sentença ao enforcamento foi consumada em razão de ter sido condenado por conspirar para o cometimento de crimes de guerra, por ter cometido crimes contra a paz e crimes contra a humanidade.

Desta maneira, a seguir serão trabalhados aspectos referentes às ações e a própria mentalidade de Alfred Rosenberg, seu modelo de intelectual e mantendo em vista as atitudes intrigantes que permearam toda a atuação aqui descrita, focando na sua atuação durante o regime nazista, que foi o período em que começou a se sentir importante no que fazia.

O Tipo de Intelectual, as Intenções e a Intrínseca Insegurança de Alfred Rosenberg

Ao se tratar de alguém que se dizia ser um intelectual do Reich, de características obscuras e emblemáticas, deve-se ter muito cuidado, pois pode haver uma manipulação dos fatos, principalmente em documentos escritos por este próprio personagem. Desta forma Rosenberg demonstrava ser alguém de grande insegurança, mesmo que realmente fosse inteligente. Seja pelo fato da mentalidade ou das incertezas, tal nazista conseguiu conquistar diversos tipos de sentimentos nas pessoas alheias, admiração, a simples aversão, a indiferença, a inveja, a simpatia, a desconfiança e outros, algo que se nota em comparação dos seus diários com a bibliografia sobre o tema.

O que foi descrito anteriormente neste capítulo, demonstrou os seus diversos campos de atuação, juntamente com as conquistas adquiridas. Todavia, não foram tão lineares e fáceis de serem alcançados pelo mesmo, onde o aspecto intelectual de Rosenberg fez transparecer as suas falhas e limitações. Dentre isto, não foi somente uma admiração incondicional por Hitler que o fizera ficar relegado a uma possível margem administrativa por algum tempo, mas as suas próprias incertezas que mesmo acreditando que merecia melhores cargos ou vantagens, exemplificavam a dúvida de si mesmo.

Para descrever seu modelo de intelectual, pode-se dizer que era um intelectualista diferente, alheio a seu meio e às condições que passava, não obtendo uma autonomia de seu pensar, porém envolvendo a racionalidade intrinsecamente ligada ao que o nazismo fazia em seu país. Seria parcialmente um intelectual de uma forma dependente e que não atuava mais por si e sim por um movimento que o levou a acreditar em novos parâmetros de intelectualidade, assim como explica Marilena Chauí:

A autonomia racional era a independência com que a racionalidade científica definia seus objetos, métodos, resultados e aplicação, segundo critérios imanentes ao próprio conhecimento e à distância dos interesses particulares. A nova situação do saber como força produtiva determina a heteronomia do conhecimento e da técnica, que passam a ser determinados por imperativos exteriores ao saber, bem como a heteronomia dos cientistas e técnicos, cujas pesquisas dependem do investimento empresarial. Ora, a autonomia racional era a condição tanto da qualidade do saber como da autoridade do intelectual engajado para transgredir a ordem vigente. (CHAUI, 2006, p. 12)¹⁷

Alheio a classe que se originara e defendia, Rosenberg se tornou um propenso intelectual da maneira que a explicação de Chauí ilustra, não sendo mais dono de um raciocínio independente, funcionando quase que somente como uma força para o regime nazista. Claramente com esta definição de intelectual, tem-se a forma mais tradicional desta tipologia, a qual define

¹⁷ A autora ajuda a explicar o intelectualismo de Rosenberg, entremeado com a sua origem e seu meio atuante, sendo um intelectual do campo de ação do seu partido, como uma força realmente produtiva para a ideologia que seguia.

claramente Alfred Rosenberg, que também demonstrava manter um pensamento mais rustico em relação a sociedade em que vivia.

Levando-se em conta as próprias ações de Rosenberg em prol do nazismo, identifica-se claramente seu sentimento de superioridade sob os demais, principalmente acima dos povos conquistados. Imaginando ser o único de renome para levar os ideais nazistas adiante, deixando a “brutalidade” para aqueles que ainda precisariam de instrução ou para os inferiores a si. Corroborando então para o seu viés tradicional de intelectual.

Resgatando um pouco de suas primeiras etapas de vida, era pensado que regiões como a Ucrânia precisavam ser libertadas do jugo de Stálin, além de poderem estar agraciadas pela chegada dos nazistas. Então pretendia-se não somente proporcionar um tratamento mais brando, como construir escolas e dar determinados direitos a esta população, que assim entrariam em um consenso com os nazistas, cooperando em tudo o que fosse possível.

Esse tratamento “humano” evidenciava pensamentos do próprio Rosenberg, que odiava os bolcheviques mais até do que os judeus, além do fato dos alemães-étnicos, sendo estes constituintes de uma boa parcela de territórios soviéticos. Com a consciência da existência desses alemães em nações do Leste, o intelectual tradicional nazista acabava se identificando com os mesmos, pretendendo realoca-los e lhes proporcionar afazeres que seriam importantes para o engrandecimento do Reich.

Para os alemães-étnicos, mesmo que Rosenberg ainda não os considerasse completos alemães, algo que o mesmo também não era, o trabalho e o esforço eram alternativos para reverter a situação. Seja para a colonização ou para a função agrícola nos territórios conquistados, mantinha a prerrogativa que tais pessoas se sentiriam lisonjeadas. Porém em nenhum momento ele cogitou uma intenção de direcionar os “puros” alemães a estas funções, o que demonstra o preconceito arraigado em sua tipologia rudimentar de vida, que novamente traz à tona o seu intelectualismo tradicional.

Contudo, embora a situação europeia estivesse longe de estabilizada, era claro em 1920 que a Revolução Bolchevique não estava nos planos do Ocidente, embora também fosse claro que na Rússia os bolcheviques se achavam estabelecidos permanentemente. Sem dúvida, quando a Internacional se reuniu, parecia haver uma possibilidade de que o Exército

Vermelho, vitorioso na Guerra Civil, e agora marchando para Varsóvia, espalhasse a revolução para oeste pela força armada, como subproduto de uma breve guerra russo-polonesa, provocada pelas ambições territoriais da Polônia. Restaurada a condição de Estado após um século e meio de não existência, a Polônia exigia agora suas fronteiras do século XVIII. Essas ficavam dentro da Bielorrússia, Lituânia e Ucrânia. (HOBSBAWN, 1995, p. 76)¹⁸

Tudo isto demonstra que a própria intenção de Rosenberg era semelhante, em partes, com o que era pensado pelos demais nazistas proeminentes. Pois como já foi explicado, os nazistas não desejavam uma imagem intelectualista e ideológica para seguir, bastando o radicalismo de pessoas como Hitler. Não havia nada de novo no que estava perpetrando, porque não existe uma ideia de nazismo puro. Cada ideário fascista foi diferente de uma região para outra, além de se levar em conta os seus líderes, que atuaram de maneiras opostas e até quase divergentes, até mesmo dentro de um mesmo grupo de ideologia fascista, como no caso do nazismo.

...o papel central de Rosenberg foi o de tomar emprestado escritos de pensadores do passado, como Gobineau e Chamberlain, para formar uma ideologia simples e facilmente compreensível, centrada numa visão conspiratória da História, na superioridade racial e no antissemitismo. Sua importância, na verdade, residia justamente nas suas falhas como pensador. (BERTONHA, 2019, p. 680)

Estas falhas mencionadas na citação acima podem ser identificadas no tipo tradicional de intelectual que identificava Rosenberg. Neste meio, aqueles que detinham algum estudo formal e continuavam a refletir, mesmo que pífiamente, sua vivência, seriam os tidos como superiores na sociedade, até acima dos nazistas mais gerais, que presavam pela ação. Todavia este pensamento demonstra ser muito particular a Rosenberg, que se concentrava tanto em teorias, planejamentos e afins, que não conseguia ter as atitudes

¹⁸ Indubitavelmente, tal comentário traz um esclarecimento de alguns aspectos, como o fato do ódio de Rosenberg pelos eslavos e principalmente pelos comunistas. Nisto, ele procurava o favorecimento daqueles que achava merecedores. Além do fato de territórios como a Ucrânia, quererem uma possível “liberdade”, depois de terem ficado no meio de disputas internacionais e sob um jugo autoritário.

enérgicas daqueles que obtinham mais favorecimento, como Himmler e Goebbels.

Mesmo realizando diversas leituras, como comprova Timothy W. Rybach na obra *A Biblioteca Esquecida de Hitler* (2009), Rosenberg continuava aplicando o seu próprio olhar crítico e de aproveitamento das informações, seja de autores como Gobineau ou Nietzsche.

Apesar destas circunstâncias apresentadas, existem pontos determinantes que caracterizam, de maneira geral, os fascismos. A exemplo do apoio de uma grande parcela populacional e a figura de um líder autoritário e radical. O que se nota em todo o nazismo, com os líderes tentando ganhar apoio de outros nazistas e das massas, além das pessoas semelhantes a Rosenberg tentarem se destacar mais que os outros. Assim como novamente explica Paxton:

A imagem do ditador todo-poderoso personaliza o fascismo, criando a falsa impressão de que podemos compreendê-lo em sua totalidade examinando o líder, isoladamente. Essa imagem, cujo poder perdura até hoje, representa o derradeiro triunfo dos propagandistas do fascismo. Ela oferece um alibi às nações que aprovaram ou toleraram os líderes fascistas, desviando a atenção das pessoas, dos grupos e das instituições que lhes prestaram auxílio. (PAXTON, 2007, p. 23)

Já em perspectivas contra o judaísmo, este líder nazista era mais pautado por um documento que é na realidade falso, os Protocolos dos Sábios de Sião. Estes escritos tentavam trazer à tona uma fantasiosa estratégia dos judeus, que teriam a intencionalidade de subverter a população mundial e assumirem o controle. Mas mesmo que tivesse consciência desta provável mentira, não faria diferença para o mesmo, já que era algo que expressava o que era intrínseco aos nazistas de maneira geral, procurando por provas infundadas para as suas ações.

Adentrando o pensamento do intelectual nazista, aparenta ter uma outra base de raciocínio, que se aplica exclusivamente para as suas teorias complexas, como as presentes em seu livro. Neste ponto estaria a expressão

Blut und Boden (Sangue e Solo), de Richard Walther Darré.¹⁹ Era explicado que o sangue de heróis arianos teria banhado o solo da Alemanha que assim se tornou sagrado, onde, para Rosenberg as populações judaicas e a eslavas seriam indignas de pisar neste terreno.

Aqui fica um ponto divisor dos pensamentos de Rosenberg, que enquanto pregava o ódio dissimulado, ter-se-ia a intenção de eliminar os bolcheviques e ainda mover os judeus para fora da Alemanha, como uma etapa da Shoá,²⁰ que consistia em primeiro segregar os “povos odiados”, depois bani-los dos territórios considerados importantes aos alemães, realizar deportações para campos de concentração e de trabalhos forçados, além de pôr fim exterminá-los. Vale ressaltar que tais ações não eram exclusivas do pensamento de Rosenberg, mas com o mesmo perdurou por um tempo maior a política estatal de antes do conflito mundial iniciar, ou seja, a Shoá.

Isto foi se intensificando no decorrer da guerra, tanto por se conformar com as verdadeiras intenções de Hitler, como por seu próprio recrudescimento, tendo-se em vista que foi se tornando mais resoluto na aplicação da eliminação de muitas pessoas. Mesmo que desejasse manter o que fora estabelecido antes da guerra.

O espírito alemão se preocupava pouco com isso: era associal, no sentido próprio da palavra, e, no fundo, nunca esteve à esquerda ou à direita, mas sobretudo manteve-se em brilhante contradição com a vida: absoluto e concentrado, imutável, na atitude daquele que “não pode agir de outro modo” e sentindo uma “atração quase apocalíptica pelos princípios intelectuais.” A banal realidade dos homens quase não aparecia nas bordas desses abismos. Viam-se antes as emanações se perderem nas tormentas dos mundos. (FEST, 2017, p. 398)²¹

¹⁹ Richard Walther Darré, foi um promotor do programa de colonização interna alemã, exercendo o cargo de Ministro da Alimentação e Agricultura do Reich, entre 1933 e 1942, trabalhando em prol da criação de colônias agrícolas, estas que seriam controladas pela Grande Alemanha.

²⁰ A Shoá foi uma política estatal da Alemanha nazista, também conhecida como Holocausto. Ou seja, Holocausto e a Shoá seriam a mesma coisa, como algo empreendido ferrenhamente pelos nazistas, mesmo que de maneiras ocultas para variadas nações.

²¹ Este autor proporciona, em seu dizer, algo passível de boa interpretação, mencionando a questão de não se aliarem a esquerda ou direita, assim agindo a seu modo, pois apesar de os nazistas serem de uma extrema-direita, seria simplista dizer que eles só se definem por isto.

É notável que os ideais defendidos por Rosenberg, sejam eles antissemitas e fascistas de fato, não foram novos no mundo, com especial menção ao ódio aos judeus que é proveniente de tempos muito longínquos. Todavia, estas linhas de raciocínio foram elevadas a uma obscuridade tão grande que nem mesmo seus próprios correligionários entendiam ou levavam a sério, possivelmente até se tornando motivo de piada, isto em círculos mais internos da hierarquia nazista, como já foi comentado no primeiro item deste capítulo.

O fascismo em si, não precisava de algum intelectual para construir e explicar seus preceitos radicais, assim como Bertonha (2019) explica em sua resenha. Seria como um contrassenso aderir totalmente ao que era demonstrado pelos dizeres deste líder nazista, tendo em vista uma ideologia pautada na ação, de pensamentos simples e da aplicação da força. Por este motivo, Alfred Rosenberg era tratado com desdém na alta hierarquia nazista.

No raciocínio de Rosenberg, visando a organização da raça ariana, nem mesmo o lazer escapava. Criou-se a organização estatal conhecida como *Kraft durch Freude-KdF* (Força pela Alegria), que implementava colônias de férias, doutrinação incessante na educação, além de filmes e outros meios mais voltados ao Ministério da Propaganda. Esta organização não foi planejada, em sua totalidade por Rosenberg, mas suas ideias e afins proporcionaram grande parte do que estaria sendo aplicado em todo o Reich.

Alfred Rosenberg também fazia menção a heróis caídos em batalha, que seria uma honra para qualquer pessoa servir o Reich até a morte. Estando desta maneira, muito alinhado ao que Hitler pensava e intencionava, como já é notável no livro *Minha Luta*, no qual o Fuhrer trata de homenagear pessoas que teriam “caído” durante os tempos de luta nazista, como no Golpe da Cervejaria:

Aqueles dezoito heróis a quem dediquei o primeiro volume de minha obra, quero apresentá-los, no fim do segundo volume, aos adeptos e lutadores de nossa doutrina, como heróis que na mais plena consciência se sacrificaram por todos nós. Eles terão de chamar ao cumprimento do dever os vacilantes e os fracos, ao

cumprimento do dever que eles mesmos levaram na melhor boa-fé até às últimas consequências. (HITLER, 2016, p. 508)²²

Toda a sua pretensão de ser um intelectual respeitado, seja pelos seus trabalhos já feitos ou pela sua dedicação ao regime nazista, fazia com que Rosenberg tivesse mais coragem de expor o que pretendia, ainda mais quando encontrava ressonância nas palavras de Hitler. Porém também deixava aparente a insegurança do mesmo, tendo em vista que sempre procurava demonstrar-se atuante para o seu líder, tentando opinar na melhor utilização de variados meios da sociedade alemã e dos recursos nazistas.

Esta insegurança fica ainda mais evidente no receio de agir por conta própria. Isto acontecia devido ao fato de Rosenberg sempre procurar enviar seus discursos ou futuras publicações para o líder máximo avaliar, que somente com a anuência do Fuhrer seria posto em prática. Algo que também era recorrente em quaisquer que sejam as suas atribuições recebidas, como sendo o Ministro dos Territórios Conquistados do Leste, ou seja, sempre sendo muito dependente.

Intencionava em seu amago, ser o ponto de referência do nazismo para o mundo, que como um intelectual tradicional que era, imaginava ter plenas capacidades de desempenho. E seria como comenta Claudia Wasserman (2015), onde estes intelectuais que “diferente dos sábios, doutos, profetas ou mandarins, reivindicavam autonomia em relação aos poderosos valendo-se de uma suposta capacidade de serem porta-vozes da opinião pública.” (p. 68)

Com toda a sua admiração e seguimento intrínseco de regras pré-estabelecidas, era facilmente manipulado por Hitler, talvez não percebendo a banalidade com que era tratado, sendo relegado a posições de segundo plano ou quase subalternas. Pessoas mais enérgicas e ativas, como Himmler e Goebbels, eram mais bem vistas pelo Fuhrer, outro ponto para exemplificar a rivalidade dele para com estes líderes nazistas, mas Rosenberg preferia culpar os seus inimigos sobre qualquer uma de suas reivindicações frustradas, do que

²² É, obviamente, contraditório disponibilizar uma citação de Hitler, mas em suas próprias palavras, percebesse um misto de louvor aos caídos no Golpe de Munique, juntamente com uma convocação para uma luta sem fim, a qual Rosenberg tratava de ressaltar em seus discursos, em seus diários e em seu livro.

se ater a possíveis outras explicações que teriam sido mais relevantes a causa principal, como a preferência de Hitler.

Rosenberg também estava ávido para impor sua pureza ideológica sobre muitos outros aspectos da cultura alemã, inclusive música e artes visuais, igrejas, universidades e vida intelectual, todas elas áreas que Goebbels originalmente tencionava que caíssem sob o controle do Ministério da Propaganda. A Liga de Combate pela Cultura Alemã era pequena, mas muito ativa. Sua afiliação aumentou de 2,1 mil em janeiro de 1932 para 6 mil um ano depois, 10 mil em abril de 1933 e 38 mil no outubro seguinte. Muitas das investidas contra músicos judeus e esquerdistas que ocorreram na primavera e no começo do verão de 1933 foram organizadas ou inspiradas pela Liga de Combate pela Cultura Alemã, integrada por um número substancial de críticos de música e escritores de extrema direita. Além disso, Rosenberg tinha uma poderosa arma de propaganda a sua disposição na forma do Observador Racial, o jornal diário nazista, do qual ele era editor-chefe. (EVANS, 2016b, p. 169)²³

Adolf Hitler não tinha receios de uma provável traição de Rosenberg, porque devia conhecê-lo bem para notar possíveis problemas. Isto é evidente no envio de demandas e discursos para a aprovação do mesmo; as sucessivas tentativas de completar explicitamente o que o Führer ordenou; as ações notáveis de vontade de receber reconhecimento, somando a intenção de receber cargos valorosos. E mesmo que ocasionasse conflitos entre outros nazistas, o intelectual do Reich demonstrava agir para relatar tudo ao seu líder, possivelmente até temendo que recaísse alguma culpa sobre ele.

Mesmo com tantas particularidades distintas que permeassem o pensamento de Rosenberg, ele poderia ser tido como alguém que muito fala e pouco faz. Devido a tantas ambições e atribuições, este nazista não se concentrava em um problema isoladamente, tendo as suas “forças” reduzidas e minadas. Assim poderia ser mencionado como um quase intelectual, um quase jornalista, quase político e até quase ministro, nunca focando para obter a excelência em um ponto determinado.

Apesar de tudo, como já foi brevemente comentado, conseguiu conquistar algumas mentes para que seguissem o seu padrão de raciocínio, como a

²³ O autor é bastante incisivo em sua análise, não se tendo o que discordar dele no que foi citado.

intencionalidade de querer não maltratar algumas populações eslavas. Então tem-se o exemplo de Otto Brautigam, como explica Evans:

Atrelado ao Ministério do Leste de Rosenberg, Brautigam tornou-se vigoroso porta-voz de sua concepção de que seria mais proveitoso para a Alemanha no longo prazo não maltratar a população eslava das áreas ocupadas, uma ideia que exerceu pouca influência sobre o efetivo curso dos acontecimentos em si. Com relação aos judeus a questão era diferente. Durante a guerra, Brautigam havia feito pressão a favor da deportação dos judeus, como retaliação pelos maus-tratos a que Stálin submetera os alemães do Volga... (EVANS, 2018, p. 301)²⁴

Os planejamentos de deportação dos judeus não eram inicialmente voltados para uma retaliação contra Stálin, mas foram ponderados posteriormente por Rosenberg. Como um breve defensor de pequenas questões referentes aos alemães-étnicos, notou-se as atitudes do líder da União Soviética, de deportação dessas pessoas ou penalidades das mais variadas, por conta de afrontas ao comunismo e seus partidários. Querendo elevar a um mesmo nível de ações, pensou então em deportar eslavos, que eram tidos quase semelhantemente como judeus, mas não foi uma pauta levada a sério por Hitler, tendo em vista as intenções da guerra de extermínio.

Novamente a insegurança e a falha de defender um ideal até o fim ficam aparentes em suas atitudes. Seja antes ou durante o conflito mundial, tal personagem nazista não conseguira manter um pensamento fixo e determinado, o qual muitos outros mantiveram, sempre mudando e moldando o que queria conforme o que agradasse mais o Reich e, principalmente, a Hitler.

Desta maneira, com as características de um intelectual tradicional, ainda se mantinha, em variados momentos, empenhado em tentar ser o porta-voz de seu grupo primordial, os alemães. Isto não mudou no decorrer do conflito, pois em retrospecto ao que foi comentado dos alemães-étnicos, passou a defender mais fervorosamente os que eram visados como mais puros da raça ariana.

²⁴ Já nesta citação, percebesse mais particularidades compatíveis a mentalidade de Rosenberg, que conseguira alguns adeptos. E ainda, Evans é um dos poucos historiadores com obras acessíveis, que tratam de questões que envolvem Alfred Rosenberg, o que explica algumas citações a mais deste autor, em comparação a outros autores.

Aplicando uma demagogia de pretensão intelectual, Rosenberg em seu modo tradicionalista passa a agir como mencionam os autores Almeida e Rosenfeld (2017), apontando claramente que “o intelectual passa a cristalizar uma nova figura social difícil de ser definida, visto que enraizada numa classe social...” Este padrão de alguém que estaria engajado em pensamentos ou estudos profundos sobre a sociedade pode exemplificar o mencionado líder nazista, que aparentava notar a si mesmo como um destaque em seu meio social. (p. 11)

Sendo assim, Alfred Rosenberg nunca desejou ser um guia de pensamentos ou propósitos dos povos da Ucrânia, da Estônia ou sejam lá quais forem os lugares que queria aplicar tratamentos mais brandos. Seu verdadeiro grupo pertencente era o dos alemães, encontrando nos nazistas o reflexo de muitos de seus ideais que, por conseguinte, eram o seu foco. Assim planejou-se ser um expoente desta visão de mundo e não do que alguma população eslava precisasse.

Para o senso comum, a figura típica do intelectual, revelando-se por meio do exercício da palavra, está associada ao orador, ao retórico, ao demagogo, ao iluminado palrador, o sujeito que assumiu perante o Estado e a burguesia a missão de enganar os incautos. Quando age o faz normalmente nas assembleias e nas praças, sempre contra o povo e a favor do “príncipe”. Ao ocultar a verdade reafirma o status quo. Praticante da apostasia, jamais se engaja nos movimentos populares, preferindo viver um mundo à parte com os seus pares. (FREITAS, 2012, p.177)²⁵

Mesmo possivelmente sendo uma piada em seu meio, despertando desdém entre a maioria dos nazistas, que não desejavam um modelo demasiadamente acadêmico para o seu movimento, Rosenberg era um intelectual do tipo tradicional. Realizando estudos, leituras e ações que demonstram seu grau de aplicação ao saber. Contudo utilizou a sua capacidade para ideais radicalistas que careciam de ponderações sobre as ações perpetradas. Seu intelectualismo ficou então somente perceptível para si propriamente e não para o público alvo desejado.

²⁵ Esta conceituação para um intelectual é aplicável a Rosenberg, que por meio de todas as suas ações e experiências, se tornou um expoente dos valores nazistas, acreditando ser alguém possivelmente autodidata, agindo a favor do partido e não necessariamente do povo.

Permeando seus planejamentos, ter-se-iam diversas esquematizações que não somente pensava serem de extrema necessidade para o Reich, como também para grande parte da alta hierarquia nazista. Desta maneira o *Lebensraum* (espaço vital) seria de suma importância, com as intenções concomitantes de tomada de territórios do Leste europeu, para depois designar trabalhadores e colonizadores para por estas terras a um bom uso, como o plantio de alimentos necessários, principalmente sob a incumbência dos alemães-étnicos. Já no caso de construções e afins, os escravos seriam postos em uso, da mesma forma que foram utilizados nos campos de concentração, englobando todos os inimigos capturados ou odiados.

A intelectualidade de Alfred Rosenberg era fruto de sua alienação a condições perpassadas, juntamente com as vontades e ódios intrínsecos a sua experiência de vida. Isto não desmerece o fato de ser alguém com considerável inteligência, como foi comentado, porém voltou-se a ideias mesquinhos de querer adquirir relevância e ser considerado como o melhor em sua área, tentando trabalhar com a ideologia fascista do nazismo. Para pessoas como o este personagem histórico, quanto mais os outros grupos reagissem negativamente ao que fazia, seria então um sinal de que estaria no caminho certo.

É notável o recrudescimento deste nazista, que ao longo de aproximadas duas décadas deixou de ser um seguidor tão fiel quanto era das suas ideias iniciais ao longo dos anos de permanência do nazismo no poder alemão, para se tornar um defensor cego das mais cruéis atitudes perpetradas. Fica inegável que mesmo não sendo levado muito a sério por muitos partidários, Rosenberg exercera influência considerável em aspectos determinantes do Partido Nazista.

Terminando esta parte da pesquisa sobre as atitudes e mentalidade de Alfred Rosenberg, será adentrado a seguir em questões determinantes de sua carreira. Deste modo será tratado da maior exposição do ideário deste nazista, a sua obra *O Mito do Século XX*. Somando ao tema do próximo item, também serão discutidos alguns conflitos internos do nazismo, os quais tiveram a sua preponderante participação. Este último tema, será novamente abordado no último capítulo, utilizando-se dos escritos dos diários.

O Ápice Ideológico de Alfred Rosenberg e seus Conflitos no Terceiro Reich

Concomitantemente com toda a carreira de Rosenberg, mesmo antes do Partido Nazista, conflitos com outros partidários e questões ideológicas se entremeavam no dia-a-dia desta pessoa. Como um intelectual tradicionalista a seu modo, sempre tentava se mostrar como o mais digno de glórias do que seus colegas, acabando por gerar aversão inerente e não conseguindo ser levado a sério ou ter muitas pessoas amigáveis com quem partilhar opiniões e anseios.

Anteriormente foram discutidas questões da própria psique do mesmo, juntamente com as ações mais relevantes para ter seus pensamentos levados em consideração. Mas agora serão trabalhados não somente algumas repercussões destas atitudes, como também o seu maior reflexo ideológico, que seria o seu próprio livro O Mito do Século XX.

Procurando ser um expoente da cultura alemã e do pensamento nazista, Alfred Rosenberg almejava uma obra que serviria de “bagagem” intelectual ao movimento que seguia. Mesmo após a publicação do livro de Hitler, ainda não se tinha algo que expusesse a totalidade da ideologia nazista, em sua opinião, e que demonstrasse tudo pelo qual eles lutavam em todos os seguimentos da sociedade vigente. Assim trabalhou com foco nisto, até visando ganhar mais relevância dentro do partido.

Naqueles primeiros anos, Hitler e seu partido viam a si mesmos acima de tudo como revolucionários. Viviam uma época de revoluções – dos levantes comunistas em Berlim e Munique, em 1919, ao golpe de direita do Kapp-Putsch, em 1920. E, por volta de 1922, Hitler estava preparado não só para falar sobre a violência como rota para se chegar ao poder, mas também para liderar o próprio grupo de paramilitares em alguma batalha – os Stormtroopers ou Sturmabteilung. (REES, 2018, p. 42)²⁶

O ápice da ideologia de Rosenberg, veio a ser publicado na Alemanha somente alguns anos depois do Golpe da Cervejaria e da prisão de Hitler, pois ainda estava em sua produção inicial. Isto ocorreu no ano de 1930, explicando

²⁶ Grande parte desta citação, se aplica a Rosenberg, que se via como o grande revolucionário “libertador” da Alemanha, só não mais que Hitler.

uma teoria de raças, banhada de antissemitismo e misticismo. A teoria racial contida neste livro, tentava elevar os ideais nazistas a uma superioridade, deixando quaisquer outros pensamentos em um patamar inferior, até mesmo os outros fascismos. Tal fato se aplicava principalmente a vertentes religiosas, concentrando-se em ataques ao cristianismo e ao judaísmo de maneira geral.

Sua obra era vista por si próprio como uma continuação dos trabalhos de Chamberlain, este que havia publicado o livro *Die Grundlagen des Neunzehnten Jahrhunderts* (As Bases do Século XIX). Nos escritos deste autor britânico, também se tem uma relevante dose de antissemitismo, juntamente com ponderações sobre a raça ariana, deixando em evidencia uma possível opinião de superioridade desta raça. Rosenberg então percebe que o assunto carece de maior desenvolvimento e de mais aprofundamento, algo que estaria disposto a cumprir.

Não se pode também retirar a obviedade de algumas de suas bases teóricas serem da própria obra de Hitler. Ambos debatiam a superioridade germânica ou ariana, como sinônimos, além do preconceito óbvio a outros povos e da reverência continua a uma luta até as últimas consequências, venerando alguns partidários tidos como heróis caídos. Para exemplificar isto, tem-se uma citação de sua obra:

Chegará o dia em que as pessoas honrarão seus grandes sonhadores por serem homens de ação decisivos. Os sonhadores desenvolveram uma imagem e a partir dessas visões um objetivo de vida foi criado. Enquanto eles caminhavam entre nós como homens de ciência e religião e como filósofos e estadistas, tomavam as decisões e fabricavam as ideias, em vários meios de comunicação e de várias maneiras, ideias que moldavam nosso mundo. O sonho de um inventor é a primeira expressão de uma força espiritual. Ele dirige todo o movimento interno em uma direção – no reconhecimento de que a visão interior não pode ser completamente realizada. Aumenta todas as energias espirituais e intelectuais e, finalmente, dá à luz o ato criativo em torno do eixo em que uma nova era gira como a rotação da Terra em seu eixo. (ROSENBERG, 2018, p. 241)²⁷

²⁷ Citação no original: The time will one day come when people will honour their great dreamers for being decisive men of action. The dreamers developed an image and an out of these visions a goal of life was created. While they walked among us as men of science and religion and as philosophers and statesmen, they made the decisions and fabricated the ideas, in various media and in many ways, which ideas shaped our world. The dream of an inventor is the first expression of a spiritual strength. It directs all inner motion in one direction – in the torment of recognition that the inward vision cannot be completely realized. It

Como tentativa de exposição ao mundo, Rosenberg tenta argumentar sobre qual seria o verdadeiro propósito do povo alemão e quem seriam os perversores dos bons costumes. Neste meio não é linear nos seus apontamentos e culpabilizações, sempre preferindo tecer grandes enredos para que depois apontasse o mencionado verdadeiro mal. Este mal, como é claro no nazismo de maneira geral, era exemplificado na figura do judaísmo, em todo o comunismo e até mesmo na vertente da cristandade de Roma. Para complementar e embasar estes apontamentos, tem-se a seguir mais um dizer de Bertonha, o qual resume bem as atitudes de Rosenberg contra a cristandade e correlatos:

Ele também teve um papel importante na questão religiosa, sendo conhecida a sua postura anticristã. Ele considerava as práticas e símbolos cristãos como puro charlatanismo e a doutrina cristã como incompatível com a verdadeira alma alemã. No seu livro *O Mito do Século XX*, isso é evidente. Segundo Rosenberg, os judeus, através de Paulo, haviam corrompido a mensagem original de Jesus e divulgado uma falsa doutrina de submissão, amor e igualdade. Tal doutrina seria incompatível com a superioridade racial alemã e o nazismo devia criar uma nova religião, adequada aos novos valores. (BERTONHA, 2019, 681)

Certamente foram notados os grandes números de adeptos da religião cristã, mas para Rosenberg tal religiosidade precisaria de modelações e modernizações. Assim subentendesse que este nazista desejava um *modus cristão* próprio do nazismo, um que pudesse ser “aprimorado” com pensamentos tidos como importantes, como a idolatria na figura do líder, somando o misticismo proveniente da mitologia nórdica. Vale ressaltar que para Alfred Rosenberg, o nórdico seria uma grande expressão de arianismo.

Englobando diversas pretensões nesta obra, estaria a intenção de convencer determinadas nações do perigo judaico e dos “nobres” ideais nazistas. Entre estes países estariam não somente os Estados Unidos como, principalmente, a Inglaterra, que era vista como provável aliada em uma vindoura guerra, possivelmente neutra em um futuro conflito dos alemães ou que durante

enhances all spiritual and intellectual energies, and finally gives birth to the creative act around the axis of which a new era rotates like the rotation of the Earth on its axis. (ROSENBERG, 2018, p. 241)

a guerra pedissem por paz. Todavia, o antissemitismo era utilizado com um adendo para convencer estas nações e isto se equipararia ao igual ou maior perigo do comunismo. Ocorria desta maneira, porque não eram somente os nazistas que não simpatizavam com Stálin, mas também uma relevante parte dos Aliados.

Além disso, alguns anseios e expectativas dos ingleses eram aproveitados pelos alemães, principalmente no que concerne aos seus ministros e sua política. Alguns, como Lord Halifax, Ministro das Relações Exteriores da Inglaterra antes da guerra, pensavam em uma conciliação com a Alemanha nazista. Tinha-se ainda o Primeiro Ministro Neville Chamberlain, de 1937 a 1940, que priorizava acordos e meios pacíficos para acalmar as reivindicações de Hitler e dos políticos ingleses.

A conquista da França marcou o ponto mais alto da popularidade de Hitler na Alemanha entre 1933 e 1945. As pessoas agora esperavam confiantes que a Grã-Bretanha pedisse paz e a guerra estivesse acabada no fim do verão. Todavia, o problema sobre o que fazer a seguir não era simples. Além disso, a atitude de Hitler em relação aos britânicos era fundamentalmente ambivalente. Por um lado, ele admirava o império britânico, que nas décadas de 1930 e 1940 era o maior do mundo, ainda cobrindo uma enorme área do globo, e considerava os ingleses primos “algo-saxões” dos alemães, que no fim seriam impelidos pela lógica do destino racial a fazer uma causa comum com eles. (EVANS, 2016c, p. 168)²⁸

Outro eixo norteador importante contido na obra deste pensador nazista, era o meio artístico dos diversos povos existentes. Em seu raciocínio, a arte seria uma determinante expressão do indivíduo, que se fosse tentado pelos valores “ruins”, seria completamente degenerado e relegado a características pífias de existência. Dentre estes valores que deveriam ser evitados, Rosenberg novamente atribui ao cristianismo corrupto e aos já conhecidos inimigos do nazismo, os judeus.

Mantendo isto em mente, movimentou requerimentos e planejamentos, como já foi mencionado anteriormente, para demonstrar seu ponto de vista. E

²⁸ Esta citação sobre Hitler, ajuda a exemplificar e explicar estas questões de Rosenberg, pois aconteceu quase identicamente com ambos, no qual os dois admiravam a Inglaterra, antes da guerra, e obtiveram popularidade com a queda da França.

isto ficou claro nas chamadas Exposições de Arte Degenerada, que iniciaram em 19 de julho de 1937. Estas exposições permearam uma boa parte da guerra, tendo em vista que com a obtenção de artigos culturais, por meio da pilhagem, tais eventos foram ampliados e mais incisivamente aplicados.

Aborda-se também outra questão, a polarização do masculino e do feminino, debatendo as devidas atribuições de cada um dos gêneros. Estes, embora sendo iguais perante um criador, teriam tarefas e deveres restritos a cada particularidade da espécie, algo que o Terceiro Reich tratou de desenvolver. Assim os homens eram designados a trabalhos em fábricas, além dos estudos ideológicos e dos exercícios, somente em tempos de guerra é que as mulheres ficariam em seus lugares. O feminino era mais designado a somente ter atribuições familiares e de gerar filhos, além de serem periodicamente convocadas a trabalharem em enfermarias e afins.

Vimos que, por trás de todos os valores religiosos, morais e artísticos, um povo racialmente condicionado se mantém e que, através de uma mistura de raça sem obstáculos, todos os valores verdadeiros são finalmente destruídos, enquanto as individualidades dos povos desaparecem em um caos racial, para vegetarem como uma criatura ou tornar-se subserviente, intelectual e materialmente subordinado a uma nova e poderosa vontade da raça. No entanto, dentro desses contrastes mundiais de raças e almas da vida, há outra polarização dos povos: o masculino e o feminino. Se as características raciais e espirituais externas mais profundas, as orientações e estruturas de valores de homem e mulher em pessoas condicionadas também são idênticas, então a natureza criou uma polaridade sexual ao lado de outras polaridades de tipos físicos e ideológicos, a fim de produzir tensões e criações orgânicas com pré-condições de toda a criação. (ROSENBERG, 2018, p. 258)²⁹

Apesar de todas as críticas recebidas do cristianismo e da religiosidade como um todo, para tentar barrar a inclusão do Mito no método educacional

²⁹ Citação no original: We have seen that behind all religious, moral and artistic values a racially conditioned people stand and that, through unhindered race mixing, all true values are ultimately destroyed, while the individualities of the peoples vanish in a racial chaos, to vegetate away as an uncreative mass or become subservient, intellectually and materially subordinated, to a powerful new race will. However, within these world spanning contrasts of races and souls of life there is another polarization of peoples: the male and the female. If the deepest outward racial and spiritual features, the orientations and structures of values of man and woman in a type conditioned people are also identical, then nature has created a sexual polarity alongside the other polarities of physical and ideological kinds, in order to produce organic tension and creation as the preconditions of all creation. (ROSENBERG, 2018, p. 258)

alemão, nada surtiu efeito e os planos nazistas continuaram avançando. Isto ficou mais marcante não somente quando Rosenberg passou a comandar os âmbitos educacionais, como também quando se tornou Ministro dos Territórios Ocupados do Leste. E juntamente com o livro *Minha Luta*, o Mito se tornou uma das “bíblias” do regime nazista.

Todos os que aspiravam a um cargo na SS ou de relevância na hierarquia nazista, eram instigados a lerem estas duas obras. Apesar deste quase requerimento, não existem provas de que alguém realmente lera tais livros, ainda mais quando se trata do que foi produzido por Rosenberg. Mas presume-se que pelo menos uma pequena parcela realizou a leitura, principalmente os mais jovens do movimento nacional-socialista alemão.

Compete a expressão ideológica de Alfred Rosenberg, juntamente com suas ações para conseguir poder administrativo, além dos seus próprios escritos, muitos conflitos com os outros partidários do regime. Fica mais evidente quando se nota as divergências de opinião contra os já mencionados rivais, como Himmler e Goebbels. Porém, ao longo do ganho de relevância nazista, novos conflitos contra outros correligionários surgiram, como Bormann, Goring, entre outros.

Os líderes nazistas citados já tiveram alguma divergência de opinião, de ação e até de aproveitamento de recursos, para com o intelectual nazista. No caso de Himmler, era alguém que controlava a polícia e a SS, mesmo nas áreas de atuação de Rosenberg, o qual tentava ter algumas reivindicações junto a Hitler, mas sem sucesso. Com Goebbels era a questão da cultura o cerne conflituoso, Alfred Rosenberg detinha planejamentos e trabalhos intencionando elevar a cultura alemã, ao mesmo tempo em que o Ministro da Propaganda tentava cada vez mais obter a primazia neste setor, ficando até mais em evidência do que Rosenberg, onde ambos tentavam convencer o Fuhrer para receberem apoio, algo que Goebbels muitas vezes vencida.

Goring era diferente, porque os poucos momentos de rivalidade entre ele e Rosenberg foram nos saques de bens culturais dos territórios conquistados, que era a incumbência do intelectual nazista, mas o Ministro da Aviação tirava vantagem onde conseguia. E com relação a Bormann, misturavam-se ciúmes e desconfianças, já que esta pessoa ficou mais próxima de Hitler do que o próprio Rosenberg, sendo um secretário particular, o qual o autor do Mito desconfiava

de estar controlando o acesso ao Fuhrer. Tudo o que foi comentado sobre estes rivais estará mais descrito no último capítulo desta pesquisa, utilizando-se dos escritos contidos nos diários para exemplificar a rivalidade conflituosa existente.

Não se pode discordar que tal personagem era alguém realmente comprometido com a sua causa, sempre planejando com antecedência e nunca acreditando em uma derrota. Contudo não era levado muito em relevância, algo que é facilmente notado pelo favorecimento de Hitler por outros nazistas de ações mais enérgicas, além do ponto crucial de que Rosenberg nunca teria sido levado para jantares ou eventos semelhantes que eram propiciados pelo Fuhrer, onde se discutia assuntos das próximas ações no Reich e na guerra. As razões para a ocorrência disto são inúmeras, mas novamente Bertonha as explica com primazia:

Talvez tenha sido um problema, no caso de Rosenberg, o fato de ele ser, apesar de medíocre, um intelectual. A liderança nazista preferia a ação, a política e desprezava a cultura, a não ser aquela dirigida à propaganda e à formação de consensos. (BERTONHA, 2019, p. 682)

Em contrapartida, Hitler instigava conflitos dentro de seu próprio partido, ocasionando disputas de poder e cargos, em que sempre daria a palavra final. Demonstra ser algo que realmente desejava, não se tendo uniões contra o líder máximo e, conseqüentemente, quem fosse escolhido como certo, teria um vínculo pragmático de gratidão. E isto permeou a maioria das atitudes de Rosenberg, como é demonstrado brevemente por Shirer:

Onde quer que se chocassem pela divisão do poder ou de espólios, Hitler intervinha. Não se incomodava com tais disputas, na verdade, muitas vezes as encorajava, pois conferiam categoria à sua posição de árbitro supremo e impediam qualquer união das fileiras contra ele. Parecia, por isso, dedicar-se com o espetáculo de três homens competirem entre si na política exterior: Neurath, o ministro do exterior, Rosenberg, o dirigente do Departamento dos Assuntos Estrangeiros do partido, e Ribbentrop, que possuía seu próprio Bureau Ribbentrop, e que se dedicava a política externa. Os três viviam em disputa e Hitler manteve-os assim até que, por fim, escolheu o bastante obtuso Ribbentrop para ser o seu ministro do Exterior e para cumprir

suas ordens nas questões internacionais. (SHIRER, 2017, p. 371)³⁰

Sempre almejando mais do que recebia, Rosenberg, como já foi parcialmente abordado neste capítulo, achava que poderia ter melhor proveito do que era comandado por outros nazistas. Isto se reflete tanto na polícia quanto na propaganda, que após os assuntos de relações exteriores, eram constantemente o seu foco, mesmo que fosse aplicado e determinado também em outras questões, como a educação.

Possuindo um jornal sob seu comando e ações em prol da cultura, tentou pouco a pouco ocupar um espaço que o Ministro da Propaganda estava ocupando, levando-se em consideração o que já fora descrito neste capítulo. O próprio ministro notava estas ações, agindo de acordo com os seus interesses, mantendo reivindicações junto a Hitler, bem como críticas espúrias e que demonstravam uma determinada infantilidade de homens que almejavam o poder.

Alfred Rosenberg também aplicava estas críticas desejando que seus colegas não obtivessem um bom desempenho em quaisquer ações que tomassem. O que acontecia antes da guerra era um exemplo disto pois, os nazistas queriam proporcionar demonstrações de força e poderio do partido, além da Alemanha em si, tendo-se grandes festividades, desfiles e discursos de proeminentes nazistas. Isto tinha a funcionalidade de repassar um modelo de mensagem da condição do país após a Primeira Guerra Mundial, o que foi realizado possivelmente com louvor.

O intelectual nazista não demonstrava ter apreciado os eventos que foram planejados por Goebbels, mas se conscientizou que a dita mensagem de poderio tenha sido demonstrada. Já no que remete a Himmler, além de este não apreciar Rosenberg, tentava adquirir alguma funcionalidade ou administração que estaria nas incumbências do mesmo, novamente remetendo ao que foi citado das questões de rivalidades e conflitos de interesses, sendo um contundente exemplo da ponderação deles serem rivais e não serem simples ciúmes.

³⁰ Em tal explicação, fica claro que as intensas disputas nos assuntos exteriores, bem como as ações de Hitler, que ao mesmo tempo em que prevenia uniões contra si, escolhia aquele que ele achava mais forte ou preparado. Isto poderia, talvez, desgastar o poder de ação nazista.

...Rosenberg elaborou seu primeiro trabalho prolixo para o que prometia ser, na história, a maior conquista da Alemanha. Para começar, a Rússia europeia seria dividida em o que ele designava por comissariados do Reich. A Polônia russa passaria a ser protetorado alemão chamado Ostland; a Ucrânia, “um Estado independente aliado a Alemanha”; a Cáucasia, com seus ricos campos petrolíferos, seria governada por um plenipotenciário alemão; e os três Estados bálticos e a Rússia Branca formariam um protetorado alemão como medida preparatória para sua anexação ao grande Reich alemão. Essa última façanha, explicou Rosenberg num de seus prolixos memorandos com que cumulava Hitler e os generais, a fim de, conforme disse, elucidar “as condições raciais e históricas” para suas decisões – seria conseguida germanizando os bálticos racialmente assimiláveis e “banindo os elementos indesejáveis”. (SHIRER, 2017, p. 293)³¹

As questões de administração de territórios ou de ações em determinados lugares utilizavam a polícia ou a SS, as quais Rosenberg enviava memorandos para tentar controlar em suas incumbências, mas sem sucesso. Isto estava presente tanto em sua administração do Leste quanto nos roubos de artigos culturais. Nestes empreendimentos se via como o porta-voz, mesmo que outros ministros já atuassem parcialmente, conseguindo até ganhos próprios, o que era desprezado pelo mesmo, porque tentava cumprir a totalidade do que foi designado, devendo enviar tudo para Hitler.

Sobre os bens culturais, até mesmo alguém que possuía o mínimo de apreço, Goring, tentava adquirir ganhos próprios em detrimento do departamento de Rosenberg ou de seus funcionários. Estas ações ocasionavam conflitos internos, mas por estes dois terem uma relação de quase amizade, pelo menos da parte de Rosenberg, não desconfiava tanto deste ministro, ou seja, não se tiveram desavenças muito vociferantes entre os dois nazistas, apesar desta pequena parcela de rivalidade.

Já no caso de Martin Bormann, a situação era diferente, tendo em vista que assumiu como secretário pessoal de Hitler logo após o que havia ocorrido

³¹ Outra vez, o apontamento de Shirer traz boas informações. Mostra-se aqui, claramente, que Alfred Rosenberg já empreendia parte do que chegou a fazer nos territórios do Leste, sem nem ao menos uma denominação correta, pois isto ocorrerá poucos meses antes de sua designação.

com Rudolf Hess, que alguns historiadores dizem que tentou conseguir uma paz com os Aliados sem o consentimento do Fuhrer.³²

Sem dúvidas, entre os inúmeros cargos cobiçados por Rosenberg, o de secretário pessoal de Hitler poderia se encaixar como mais um deles. E conforme Bormann seguia aumentando a amizade com Hitler e até com Eva Braun, o acesso de informações era restringido pelo mesmo, algo evidente e realizado de maneira sutil. Tal ação estava sendo notada por Rosenberg, por conta de perceber que algumas de suas reivindicações ou memorandos não estavam chegando ao seu líder, provavelmente por não receber quaisquer respostas do Fuhrer.

Embora o recanto alpino de Hitler fosse administrado pelo discreto e eficiente faz-tudo Martin Bormann, nos anos seguintes foi Eva Braun quem se estabeleceu como a anfitriã que orquestrava os eventos sociais realizados na casa de campo, sendo por fim reconhecida pelo círculo íntimo de Hitler – de bom grado ou não – como a dona de casa. Bormann tinha a prudência de manter boas relações com Eva Braun, certificava-se de providenciar tudo de que ela precisasse, dinheiro inclusive, e tomava medidas cautelosas para mantê-la longe do público em geral. (EVANS, 2018, p. 173)³³

Conforme a guerra avançava cada vez mais aconteciam conflitos pelo poder, ainda mais entre Rosenberg e seus correligionários. Contudo teve uma possível “especial menção” para com Ribbentrop. Ocorria que o intelectual nazista acusava o Ministro das Relações Exteriores de alguns problemas pertinentes a guerra, principalmente por uma possível incapacidade de conseguir convencer os ingleses a não entrarem na guerra ou ainda por causa do Pacto Molotov-Ribbentrop, o qual nunca apreciou.

³² Este último ponto sobre Hess pode ser duvidoso, pois em algumas obras, como no livro *A Missão Secreta de Rudolf Hess* (ALLEN, 2007), é levantada a questão de que Hess teria sido enviado para uma missão na Inglaterra, que após a falha ocorrida demonstrou ser uma ação que o líder máximo nazista deveria tentar remediar e convencer tanto a opinião internacional quanto os seus próprios aliados. Então a partir da segunda metade do mês de maio de 1941, Bormann ficou encarregado de repassar ordens, indagações e todo tipo de documentação enviada ou solicitada de Hitler e para o mesmo.

³³ Se o que é explicado na citação está correto, então Rosenberg não teria nem chances de disputar autoridade ou aproximação com Bormann, tendo em vista que esta pessoa tentava agradar até mesmo Eva Braun. Mas teria sido interessante saber da posição de Hitler quanto a isto, se ele concordava com as atitudes de Bormann, embora pareça que sim.

Ao se analisar a obra Memórias da Segunda Guerra Mundial (CHURCHILL, 2017), é perceptível a falta de discernimento de Rosenberg, que não avaliou todo o contexto político da Inglaterra e depositou a culpa em um de seus colegas nazistas. Os ingleses não eram tão facilmente influenciados, mas por vias democráticas ocorriam sérios debates políticos sobre entrar ou não na guerra, um apaziguamento dos ânimos de todas as nações envolvidas, a vontade de alguns em se rearmar, como o próprio Winston Churchill, entre outras explicações. Tais debates envolviam todos os tipos de partidos políticos britânicos, como os conservadores, os trabalhistas, os comunistas, os liberais e outros, mas o que alguns fizeram, como Lord Halifax, fora escutar apelos populares de paz, além de tentar manter o próprio cargo.

Somente para exemplificar os debates que se tinham na Inglaterra em seu Parlamento, na Câmara dos Comuns e na Câmara dos Lordes, tem-se a seguir uma descrição de Churchill sobre como agiu diante de um discurso de Hitler no primeiro ano da guerra, somando a ideia de como funcionava a política de seu país:

Minha primeira ideia foi um debate solene e formal nas duas Casa do Parlamento, mas meus colegas acharam que isso seria dar importância demasiada a um assunto em que todos éramos da mesma opinião. Decidiu-se, em vez disso, que o ministro do Exterior descartasse o gesto de Hitler numa transmissão radiofônica. Na noite de 22, ele “pôs de lado” a “convocação [de Hitler] a capitularmos à sua vontade”. (CHURCHILL, 2017, p. 388)

Na administração do Ministro dos Territórios Conquistados do Leste, todos estes conflitos se agravavam, adquirindo maiores proporções, mas tomando cuidado para não enfurecer ou contrariar Hitler. Neste trabalho exercido por Rosenberg, ocorriam conflitos com todos os líderes nazistas citados e, possivelmente, outros mais que não foram devidamente relatados. Assim Goebbels, Himmler, Goring, Bormann e Ribbentrop se mostraram definitivamente como pessoas que ocupavam grande parte dos pensamentos e planejamentos de Alfred Rosenberg.

Em momentos determinados, alguns destes nazistas, de opiniões divergentes, culpavam o ministério do Leste ou mesmo seus funcionários por

problemas que possam ter surgido e até por supostas incompetências. Sendo estes os raros momentos em que Rosenberg realmente defendeu alguém que não fosse propriamente si mesmo ou o Führer. Mas eram claramente tentativas de desmoralizar o departamento do Leste, o que pode explicar a sua “defesa” dos funcionários.

Até mesmo aqueles que este líder nazista compartilhava opiniões eram, em algum momento, difamados e atacados. Tal fato aconteceu por em algum momento terem discordado dele ou tentado empreender ações divergentes. A exemplo de Eckart, o qual foi parceiro de Rosenberg na já explicada Sociedade Thule, antes mesmo deste emblemático personagem histórico se tornar líder do jornal.

Embora se tenha muitos conflitos internos dentro do nazismo, principalmente aqueles referentes a Alfred Rosenberg, o capítulo três terá uma melhor abordagem. Porque no último capítulo serão novamente trabalhadas questões sobre estes conflitos e, até mesmo sobre assuntos pertinentes a seus escritos, com a primazia dos exemplos contidos nos próprios diários de Alfred Rosenberg.

Nota-se aqui que este proeminente partidário nazista era uma pessoa de poucos amigos, concentrando-se em ganhos próprios. E isto não era somente com ele, porquê seus rivais e correligionários atuavam de maneiras que instigavam o mesmo a tais ações, além deles próprios terem semelhantes atitudes com o que Rosenberg fazia.

E no caso do ápice ideológico de Rosenberg, que era a sua obra O Mito do Século XX, esta produção se mostrava como um ponto que confluía todos os seus pensamentos notórios. Estes eram sim em virtude do nazismo, porém com uma obscuridade muito mais excessiva, com academicismos exagerados, tornando tudo quase incompreensível aos olhos alheios. Somando o ponto determinante, que era que a maioria dos nazistas não desejavam uma vertente de vida intelectualista para seguir, eram mais concentrados em agir pelo impulso e calor do momento, assim como corrobora Bertonha (2019).

Por fim, ambas as pautas, sua obra e os conflitos participados, eram bastante interligados. Algo que se deve ao fato de que conforme esboçava e exprimia o que pensava, ganhava mais partidários contra si e não mais prestígio dentro do partido. Acontecia não somente pela qualidade ou obscuridade da

obra, como também pelo próprio intelectualismo excessivo em características mais rústicas da ideologia ariana do nacional-socialismo, além de não ter sido alguém muito querido pelos colegas e partidários.

Considerações Finais

Neste primeiro capítulo da dissertação, procurou-se esclarecer e exemplificar quem de fato foi este personagem histórico, juntamente com as suas ações e a própria carreira nazista do mesmo. Além disto, a abordagem seguiu tratando da ideologia e pensamentos de Alfred Rosenberg, sem deixar de mencionar a sua obra de maior influência, *O Mito do Século XX*, somando com os conflitos existentes no partido.

Por vezes, ao trabalhar determinados aspectos, pode parecer que faltaram informações para serem abordadas. Algo que ocorreu pela falta de escritos que tratem deste nazista e de suas ações, o que pode tornar mais difíceis algumas argumentações. Porém nos próximos capítulos, os diários dele serão abordados e utilizados, para assim serem debatidos mais alguns aspectos pertinentes a esta fonte e a própria pessoa, não se esquecendo de retornar a pontos já mencionados, com uma nova gama argumentativa.

Especificamente neste capítulo, compreende-se que por mais que fosse inteligente, um intelectual tradicional alheio a sociedade em que vivia e atuava, ainda possuía um sentimento de superioridade sobre os demais nazistas. Rosenberg somente não se sentia superior a Hitler, mas em relação aos outros líderes nazistas não somente pensava ser mais merecedor de favorecimentos, como também alguém mais capaz de aplicação dos recursos utilizados.

Por mais que tenha mantido uma mentalidade coesa e quase linear durante muitos anos, não foi capaz de defender seus ideais até o fim da vida. Alfred Rosenberg recrudescer muito ao longo do conflito e nos minutos finais, nos tribunais de Nuremberg, argumentava como tentativa de remediar o que fizera, o que demonstra a falta de honra e hombridade tão defendidas pelos nazistas.

Por toda a abordagem aqui realizada e pela contribuição valorosa da bibliografia utilizada, nota-se um aproximado número de quatro concepções

sobre a sua verdadeira participação no desenrolar do nazismo e do Terceiro Reich:

Na primeira concepção, Rosenberg não possuiria relevância suficiente para ser levado a sério por Hitler e é alguém quase desconhecido, algo menos provável. Na segunda, seria que o mesmo configurava como um líder distrital e mais um dentre todos os nazistas que comandavam os territórios ocupados, o que é parcialmente aceitável. A terceira, remete ao fato de que este intelectual poderia ter sido um dos mais importantes do Terceiro Reich, criando boa parte da ideologia nazista, que teria influenciado até mesmo Hitler, o que é relativamente duvidoso. E na quarta concepção, tem-se o que é mais plausível com a realidade, explicando que Alfred Rosenberg atuou sim na concepção nazista, mas a seu modo, não totalmente ligado ao que os outros correligionários já seguiam e defendiam, mesmo que a maioria dos partidários não desejassem o intelectualismo no pensamento nazista.

Foi também constatado que pela admiração incondicional por Hitler e pelo partidarismo exacerbado, acabou sendo utilizado como um fantoche, uma massa de manobra nas mãos de alguns que o conseguiam manipular, como o próprio Führer. Os cargos que alcançou eram retidos do poder total ao qual seriam prescritos, pois na maioria das vezes as reivindicações de outros nazistas como Himmler e Goebbels, prevaleciam acima de suas perspectivas. Assim, Rosenberg nunca completava uma atividade totalmente com louvor ou comandava o todo de alguma função que teve que realizar, como nas mencionadas escolas avançadas.

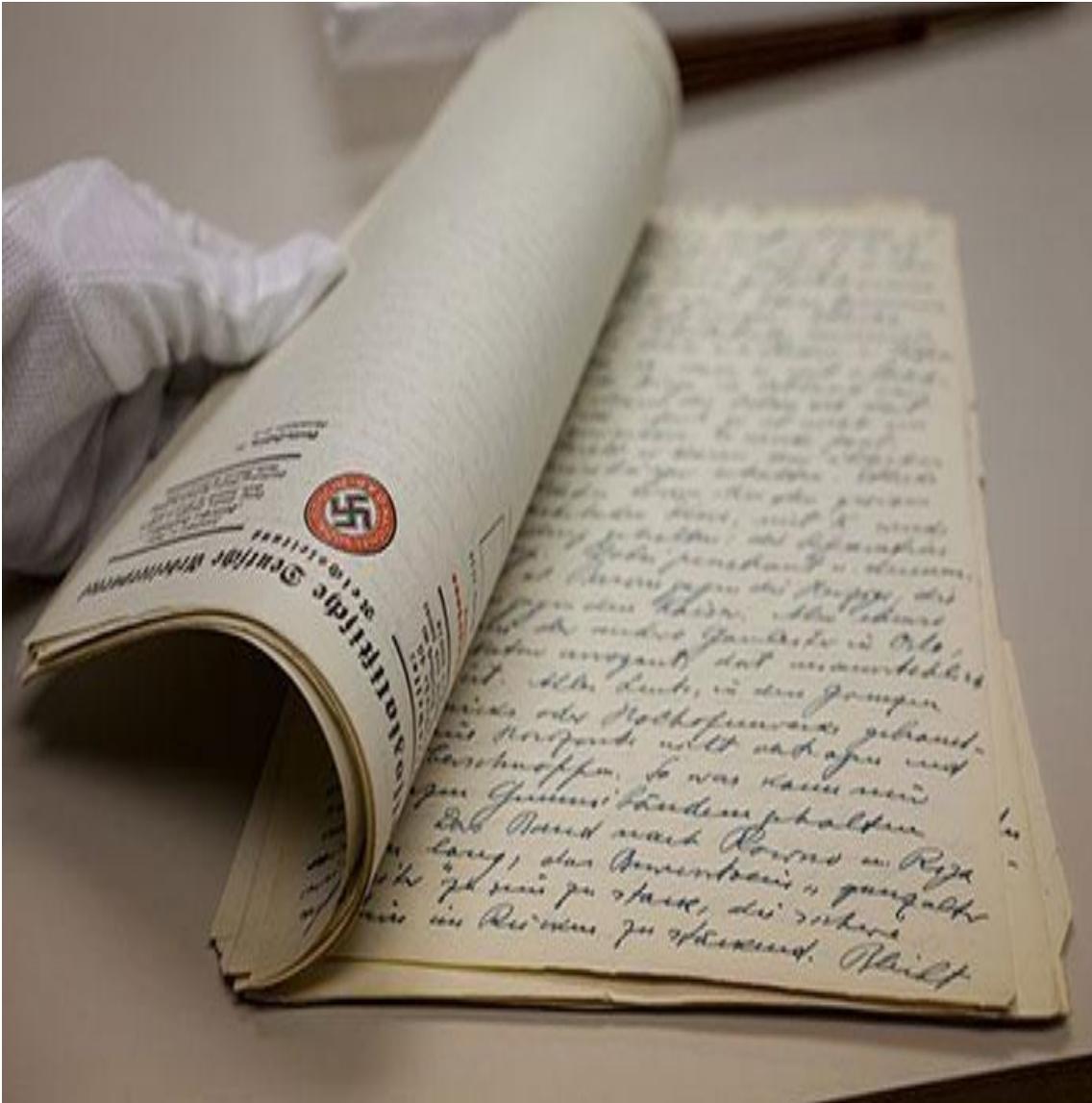
Corroborando com tudo o que foi mencionado, notou-se ao final do capítulo que Rosenberg era uma pessoa quase isolada em sua epifania intelectualista, sempre planejando, mas com pouca coragem de defender o que pensava junto ao seu líder, seja por medo ou por prudência. O que contribui nesta argumentação era que o mesmo também não seria originário da Alemanha, tendo pertencido ao território da União Soviética, além de ter um sobrenome mais característico aos judeus. Com isto, em muitas de suas ações procurou se acentuar como um nazista legítimo, para não haver dúvidas sobre sua origem ou suas alianças.

Uma boa parte dos pontos aqui discutidos estarão mais embasados e exemplificados no próximo capítulo, que será um pouco mais enxuto, onde a

análise será aprofundada nos poucos documentos existentes sobre Alfred Rosenberg, os diários deste nazista, compreendendo dez anos de seus escritos, de 1934 a 1944. Desta maneira, serão analisadas as formas de abordagem deste tipo de documentação; a trajetória destes diários até os dias atuais; e como seria a forma de escrita empreendida pelo intelectual do Reich.

Capítulo 2 – Os Diários do Intelectual Nazista e sua Escrita

Figura 2: O Diário de Alfred Rosenberg



Fonte 2: Site do United States Holocaust Memorial Museum³⁴

Ao final da Segunda Guerra Mundial, com a derrocada do poderio nazista na Europa, líderes nazistas preocuparam-se em esconder ou destruir quaisquer documentações e provas das atitudes perpetradas dentro e fora de seus campos de influência.

³⁴ Disponível em: <https://www.ushmm.org/information/exhibitions/online-exhibitions/special-focus/the-alfred-rosenberg-diary>. Acessado em: 25/09/2019.

Dentre toda a documentação existente, estes nazistas empreenderam uma apressada atuação de desfazer-se das possíveis fontes comprobatórias que poderiam ser usadas para acusá-los. As forças Aliadas tentaram recuperar o máximo de arquivos e afins sobre os nazistas, para serem utilizados como provas na concretização das penas para os crimes de guerra e contra a humanidade.

Nas documentações de Rosenberg, pode-se dizer que muito havia sido descartado ou demasiadamente bem escondido para que ninguém conseguisse encontrar. Contudo, por meio de alguns membros de seu escritório no Ministério dos Territórios Conquistados do Leste, os Aliados descobriram que Rosenberg havia ordenado esconder os seus escritos de diário, contendo muitas folhas paralelas e armazenadas de uma forma precária.

Por meio de seus próprios relatos, os advogados e juízes de Nuremberg obtiveram uma contundente confissão, contendo a legítima prova de que Rosenberg não só esteve ciente das violências perpetradas pelos nazistas, como também foi um de seus líderes em vastos territórios. Apesar disto, os pesquisadores e historiadores só foram ter acesso a esta documentação após o ano de 2013, com a descoberta de partes adicionais dos diários, que terão sua trajetória discutida neste capítulo.

Em meio a todas estas questões pertinentes, pretende-se analisar e estudar três pontos principais sobre os diários de Alfred Rosenberg, estes que foram publicados pela editora Planeta em 2017 no Brasil, englobando os anos de 1934 até 1944, quando se finda esta narrativa documental.

No primeiro ponto, será discutido o gênero biográfico na construção histórica, bem como as nuances mais gritantes ao se trabalhar com tais fontes. Prosseguindo ao segundo tópico de abordagem, será adentrado especificamente na discussão sobre a escrita de si. Para a análise historiográfica sobre o gênero biográfico e a escrita de si, serão utilizados alguns autores muito relevantes, como João Fábio Bertanha, Benito Bisso Schimidit e François Dosse.

Com o terceiro item, terá uma contextualização com a vida de Rosenberg e a sua continuidade ou falta dela, de manter uma escrita dos detalhes de seu dia-a-dia dentro da cúpula principal da administração nazista. Já no quarto e último subtópico, será buscado uma tentativa de compreensão da trajetória

desses diários até a atualidade, desde os anos dos julgamentos de Nuremberg em 1945 e 1946.

Problemas e Dificuldades ao se trabalhar com o Gênero Biográfico

Em tempos modernos há uma intrigante discussão sobre o gênero biográfico, principalmente nos meios acadêmicos e com as obras que são ligadas a modalidade de História, podendo disponibilizar muitas informações sobre um personagem específico, um grupo de pessoas e até sobre determinado período histórico. Mas a devida visão metodológica e epistemológica também deve ser aplicada ao se trabalhar com tais produções, que apesar de poderem apresentar uma gama considerável de conteúdos detalhados, podem ser como tentativas de abrandar a imagem pública de algo ou alguém. A exemplo de tal ponderação, tem-se algumas biografias de Hitler, que tentam diminuir a culpa que teve no Holocausto e na Segunda Guerra Mundial.

Os pesquisadores e também uma parte dos leitores destas obras, devem estar atentos para não ovacionar ideias prontas de um autor, porque poderiam incorrer em achismos, criando ideias diferentes da realidade. Com relação ao gênero biográfico, François Dosse traz uma robusta explicação de tal modelo documental:

Gênero híbrido, a biografia se situa em tensão constante entre a vontade de reproduzir um vivido real passado, segundo as regras da mimesis, e o polo imaginativo do biógrafo, que deve refazer um universo perdido segundo sua intuição e talento criador. Essa tensão não é, decerto, exclusiva da biografia, pois a encontramos no historiador empenhado em fazer história, mas é guindada ao paroxismo no gênero biográfico, que depende ao mesmo tempo da dimensão histórica e da dimensão ficcional. (DOSSE, 2015, p. 55)³⁵

Existem biografias de forma mais literal e mercadológica, mas também se tem as biografias históricas, todas com diferenciações entre si, com detalhes pertinentes para cada tipo. Logo nos capítulos iniciais da obra de Dosse (2015),

³⁵ O autor resume muito bem o que é necessário para se entender as biografias, aplicando-se também aos diários, pois são escritas de si.

evidencia-se que são inevitáveis a fabulação e imaginação, não deixando de ressaltar a periculosidade destas ações. Como regras que não se deveria desviar, a cronologia tem que se manter como cerne da biografia, seja qual modelo for não descentralizando a atenção para com o personagem tratado.

O próprio gênero biográfico tem o estigma de enaltecer personagens e ações, não contendo a importância do caráter social. Com a Escola dos Annales estes pontos mudaram, pois acreditava-se que as biografias daquele tipo produzido não permeavam um devido embasamento científico, se destacando quase como propaganda. Utilizando dos aspectos mais ligados a sociedade geral, os Annales produziram obras de excelentes qualidades, como a biografia de São Luis, escrita por Jacques Le Goff; a de Martinho Lutero, de autoria de Lucien Febvre; e a sobre Felipe II, da alcunha de Fernand Braudel.

Como exemplo de obra de qualidade da atualidade, produzida com o uso dos mais recentes métodos historiográficos e documentação disponível, além de se ser de autoria de um brasileiro, tem-se o livro Plínio Salgado: Biografia Política (1875-1975), escrito pelo professor doutor João Fábio Bertonha (2018). Como um profundo conhecedor do debate historiográfico do gênero biográfico, sua produção não somente ajuda a elucidar pontos do objeto de sua pesquisa, como também é demonstrado na prática o devido tratamento com os documentos relacionados, contendo características biográficas, autobiográficas, de escritas de si e conseqüentemente, diários. Assim tal obra é de grande valia na construção de grande parte da argumentação apresentada ao longo desta pesquisa, principalmente neste capítulo.

Assim com se tem explicado minuciosamente no livro de Ângelo Priori (2009), existem algumas obras que não se atentam aos perigos biográficos abordados, como os apontados por Dosse (2015), os quais um público leigo seriam os alvos principais, incorrendo na distorção da realidade factual.

A neutralidade na produção científica é impossível, mas a objetividade é possível. A rigorosa aplicação do método histórico permite reduzir o nível de subjetividade nos diferentes estudos e se buscar a verdade no sentido aproximativo. Contudo, a elaboração da biografia do grande personagem histórico apresenta um desafio maior à objetividade do historiador, a saber: a sedução ou a aversão gerada pelo biografado. No primeiro caso, a sedução pode resultar da utilização de fontes parciais, quer dizer, exclusivamente favoráveis ao biografado.

Outra possibilidade é que, de fato, o personagem em estudo teve papel saliente e foi visto como positivo por seus contemporâneos. Por outro lado, a aversão pode resultar quer pela aversão do pesquisador sobre o biografado, como se este tivesse que atendê-los quando, na realidade, viveu em uma época em que os valores eram outros. A aversão também pode resultar de características do biografado cuja condenação é praticamente universal – no tempo e em diferentes culturas – como, por exemplo, a crueldade com os mais fracos e desprotegidos ou a indiferença ao sofrimento dos seus semelhantes. (PRIORI, 2009, p. 16-17)³⁶

O gênero biográfico contém documentos que podem demonstrar uma provável memória de alguém e que também podem expressar informações sobre o próprio documento, juntamente com o seu contexto de produção. Se assemelhando desta maneira, com o que diz Jacques Le Goff (2013), “...os monumentos, herança do passado, e os documentos, escolha do historiador.” (p. 461)

Os dizeres deste autor são de grande valia, porque é apontada a questão documental e intencional na historiografia, a qual certamente se aplica ao gênero biográfico, estas que podem disponibilizar informações que obras mais gerais não abordam.

Coexistem dois pontos muito importantes, que tanto o leitor quanto o autor têm que se manter atentos. No primeiro, o indivíduo que tiver contato com uma determinada obra ou assunto mantendo um pensamento já formado e de total aversão sobre a determinada produção, provavelmente irá ignorar argumentos, comentários e provas, mantendo-se fechado em um pré-julgamento do objeto tratado. Por outro lado, assim sendo a segunda problemática, os leitores que esperam grandiosidades da obra ou até admiram enormemente o autor e o assunto, acabarão aceitando a ideia escrita como verdade absoluta, sendo seduzidos e induzidos ao erro, como o exemplo da obra escrita por Alfred Rosenberg, O Mito do Século XX, que como foi explicado no primeiro capítulo, se tornou uma segunda bíblia nazista.

³⁶ Observando atentamente a citação, qualquer produção, seja ela de cunho historiográfico ou acadêmico, tem uma intencionalidade e não possui a completa possibilidade de isenção de narrativa. Teria sido igualmente interessante, se o autor tivesse mencionado também, os conteúdos biográficos produzidos por aqueles que não são historiadores, pois o ímpeto narrativo é diferente.

A Escrita de si e os Diários no Trabalho Historiográfico

No campo do historiador, os diários e as escritas de si podem servir para corroborar ideias de pessoas distintas, como podem conter informações relevantes e exclusivas. Este exemplo básico se caracteriza em fontes que expressam a mentalidade da pessoa que o escreveu, revelando anseios que podem ser muito íntimos e talvez nada tão grandioso ou revelador.

É necessário manter um olhar crítico para tal documentação, o que é básico para qualquer pesquisador que pretenda trabalhar com diários e a escrita de si. Deve-se conhecer devidamente tal modelo textual, para se ter a possibilidade de identificar a finalidade pertinente ao que está sendo abordado. Durante seu contundente tratamento, é necessário ler e identificar todas as características da tipologia da fonte, realizar um levantamento e averiguação dos principais dados requisitados e se possível, manter o foco e um olhar crítico para com as informações escritas nos diários.

Não seria somente isto, porque a correta análise dos diários e a avaliação da relação da personalidade de Alfred Rosenberg com o contexto em que vive são questões de grande importância. O conhecimento prévio também ajuda ao manter uma leitura dos escritos deste personagem.

Os modelos de escrita de si produzidos de forma romanceada ou de origens duvidosas utilizam explicações desconexas da realidade, tornando seu público alvo totalmente suscetível a manipulação por narrativas tendenciosas. E na área de atuação de um historiador, existem perigos relacionados para com as perspectivas permeadas na produção de trabalhos referentes a diários, sobre isto, Schmidt explica devidamente os principais aspectos das biografias históricas e correlatos, envolvendo as escritas de si e conseqüentemente, os diários:

Em primeiro lugar, é importante ressaltar que a biografia histórica é, antes de tudo, história, portanto, precisa se pautar pelos procedimentos de pesquisa e pelas formas narrativas próprias a essa disciplina que se propõe a explicar e/ou a compreender o passado. Assim, a prática do gênero, pelo menos em âmbito acadêmico, deve estar subordinada às regras do *métier*, entre as quais se destacam a necessidade de se ter

como guia de investigação um problema de pesquisa histórico formulado a partir de referências conceituais e de fontes documentais apropriadas... (SCHMIDT, 2012, p. 195)³⁷

No devido tratamento da fonte desta pesquisa, que caracteriza como exemplo de escrita de si, os diários fazem parte, onde o teor metodológico é necessariamente mais rígido, evitando-se parcelas de aspectos romanceados para a ligação das lacunas históricas, mesmo que para isto sejam necessárias ponderações de maior complexidade. Levando-se tudo o que foi explicado em consideração, é contundente o que exemplifica Dosse, que explica este gênero historiográfico como um todo:

O espectro do gênero biográfico não abarca unicamente os homens de ação, mas cada vez mais os escritores, os filósofos e todos os homens de letras, que se tornam assim objetos de curiosidade e de exercício biográfico. Mas o que pode captar o biógrafo, de um filósofo ou intelectual, que já não esteja em suas obras? A biografia chegou, nessa esfera, ao ponto de paroxismo de sua tensão aporética – e parece desqualificada. Por definição, o homem de ideias se deixa ler por suas publicações, não por seu cotidiano. (DOSSE, 2015, p. 361)³⁸

O nome próprio acaba sendo essencial na escrita de si de forma geral, pois promove uma aproximação entre o leitor e o escritor ao praticamente forçar lembranças sobre a leitura, mesmo que ao longo da narrativa o nome próprio ou o pronome de tratamento tenham algumas mudanças que não trazem sentidos divergentes. Tal ponderação se apresenta bastante na obra de João Fábio Bertonha (2018), pois o nome do personagem remete a todo um contexto histórico que também necessitava de determinada abordagem, para assim entender-se as particularidades e afins que moldaram este integralista, parte da direita radical brasileira.

Para o que é referente aos diários, tem-se também características próprias na escrita, que se distanciam em particularidades mais atenuantes das escritas de si. Pelos problemas apresentados verifica-se que ao tentar se

³⁷ Nota-se a complexidade do tratamento de biografias históricas, o que também se aplica a fonte utilizada nesta pesquisa, que são diários.

³⁸ Este homem intelectual também tem sua rotina, não são somente suas publicações que podem definir que realmente seria esta pessoa, assim a sua vida também se torna importante para um pesquisador. Pode-se desta maneira, entender os percalços que tal pessoa superou.

descrever, o autor de um diário, por exemplo, também produz uma breve descrição de sua época e de seu entorno, contendo a intencionalidade de contar suas experiências particulares. Mas não são explicações totalizantes, somente disponibilizando uma compreensão parcial, onde a própria historiografia proporciona meios para averiguar informações adicionais e a veracidade dos fatos descritos.

Relembrando um ponto crucial desta fonte histórica, que é a escrita de si, Foucault proporciona o seguinte apontamento sobre quem escreve, algo bastante pertinente ao que se está discutindo neste item:

É sua própria alma que é preciso criar no que se escreve; porém, assim como um homem traz em seu rosto a semelhança natural com seus ancestrais, também é bom que se possa perceber no que ele escreve a filiação dos pensamentos que se gravaram em sua alma. Através do jogo das leituras escolhidas e da escrita assimiladora, deve-se poder formar uma identidade através da qual se lê toda uma genealogia espiritual. (FOUCAULT, 1983, p. 152-153)³⁹

Alguns diários ainda são “complementados” por simpatizantes do que se pretendia abordar, gerando uma grande tendenciosidade de enaltecimento, o que no âmbito historiográfico requer um robusto acervo bibliográfico complementar para averiguar informações não cair em armadilhas narrativas. Somente como medida de exemplificação, Bertonha (2011) explica em seu artigo sob o título “Plínio Salgado, o integralismo brasileiro e as suas relações com Portugal (1932-1975)”, algo que foi produzido sobre Plínio, mas também pode acabar ocorrendo sobre outras figuras históricas:

Em livros de simpatizantes de Plínio que recolheram depoimentos (datados de vários momentos) a seu respeito, publicados em 1986 e 1999, também há inúmeras fotos e transcrições de discursos e homenagens feitas pelos integralistas lusitanos durante a sua estadia em Lisboa. (BERTONHA, 2011, p. 75)

³⁹ Levando-se em consideração esta descrição, juntamente com os diários de Rosenberg, percebe-se a identidade de intelectual que este nazista tentou construir para si, como, quando se tem a intenção de repetir um erro inúmeras vezes, até o momento que supostamente se torna “verdade”.

Evidencia-se que na história, as escritas de si e os diários não se dissociam totalmente, mas se complementam ou se envolvem em poucas intencionalidades diferentes, como é possível compreender pelo escrito de Schmidt (2012). Desta maneira, documentos produzidos na forma de narrar o dia-a-dia trabalham com a história da vida das pessoas em um sentido mais cronológico e linear, sendo muito útil na historiografia. Na história trata-se da existência através do tempo e de forma mais robustas. Já em tais documentos, a singularidade narrativa é o cerne da produção. Apesar disto, a época da escrita biográfica pode deixar detalhes ocultos ao público mais desavisado, aquele que talvez não entenda a mentalidade da época, como é novamente destacado por Schmidt (2012).

A escrita de si mesmo aparece aqui claramente em sua relação de complementaridade com a anacorese: ela atenua os perigos da solidão; oferece aquilo que se faz ou se pensou a um olhar possível; o fato de se obrigar a escrever desempenha o papel de um companheiro, suscitando o respeito humano e a vergonha; é possível então fazer uma primeira analogia: o que os outros são para o asceta em uma comunidade, o caderno de notas será para o solitário. Mas, simultaneamente, é levantada uma segunda analogia, que se refere à prática da ascese como trabalho não somente sobre os atos, porém mais precisamente sobre o pensamento... (FOUCALT, 1983, p. 145)⁴⁰

Nesta pormenorização da escrita de si, demonstra-se a possível intencionalidade de obter uma simples conversa, contando segredos e anseios do personagem em foco. Ao mesmo tempo, tem-se a implicação da apresentação do personagem com uma exagerada ilibada idoneidade, mesmo sendo somente uma parte ou peça importante da perpetração de acontecimentos diversos. Apesar destes ditames, é necessário que se compreenda que simultaneamente com a intenção de repassar uma imagem, o autor de documentos relacionados a escrita de si pode ter a intencionalidade de se limitar a brevidades sobre sua vida e outras pontuações, justamente para não comprometer a própria imagem de alguma maneira, fatos estes

⁴⁰ Como ponto crucial deste autor, está o fato de ele apresentar ambas nuances que estão presentes na escrita de si. Todavia, ao apresentar a atenuação dos perigos e dos papéis desempenhados, fica um sentimento de informações contraditórias, que porventura acabam sendo amenizadas no contexto inserido.

perceptivelmente trabalhados de excelente maneira por Bertonha (2009) ao abordar os integralistas no período posterior a Segunda Guerra Mundial.

Como periculosidade atenuante, os diários são publicados por terem intenção histórica relevante, mas podem proporcionar afirmações dúbias e que até parecem absurdas a algum ponto, o que aconteceu com líderes nazistas ou mesmo com os integralistas, corroborando com as ideias de Bertonha (2018). Com relação a alguns perigos permeados por grande parte das biografias históricas, englobando também as escritas de si, Dosse pondera um pouco sobre a trajetória deste meio textual, parcialmente remetendo ao que já foi dito sobre os Annales:

O mercado da biografia sempre foi bom. Na época do triunfo da história dos Anais, no domínio da história erudita, a biografia histórica continuou a ter seus editores, seu público apaixonado e, conseqüentemente, seu enorme sucesso editorial. Certo, nem por isso a biografia histórica se tornou um gênero legítimo. Foi mesmo, muitas vezes, desprezada como simples “historieta” para “plumitivos”, no dizer dos historiadores profissionais. (Por sinal, não contem à minha mãe que sou biógrafo: ela pensa que sou historiador.) Ainda assim, a biografia histórica sempre gozou do favor de um público entusiasta... (DOSSE, 2015, p. 19)⁴¹

Neste contexto, as obras que permeiam a escrita de si, que recebem o devido tratamento no campo historiográfico, aparentam de alguma maneira receber uma devida atenção tanto de público quanto de editoras. O mesmo se aplica aos diários, que até com breves análises elucidativas do personagem tratado, disponibilizam uma leitura interessante para o público geral e se tornam ótimas fontes de análises para pesquisadores.

Com relação ao que foi escrito, Schmidt explica que:

...a cada momento da vida, todo o indivíduo tem diante de si um futuro incerto e indeterminado, diante do qual faz escolhas no âmbito de um campo de possibilidades, esse, sim, historicamente determinado. Se, para os historiadores, tais futuros já são passados, e os resultados das escolhas feitas, conhecidos, torna-se importante recuperar, na medida do possível (e esse possível inclui a disponibilidade de fontes), o caráter dramático de toda a existência, ou seja, o âmbito da

⁴¹ Não há o que se discordar do autor, que reafirma o ponto importante que é o público, o qual exerce considerável peso na propagação de biografias.

incerteza, do talvez, do hipotético, do poderia ter sido, do que não se realizou. Somente dessa forma a biografia será capaz de exprimir o “demasiadamente humano” da existência, ou seja, a angústia de se querer uno quando se é múltiplo e de se deparar com inúmeros caminhos quando a vida só pode ser uma. (SCHMIDT, 2012, p. 199)⁴²

A obra de Bertonha (2018) novamente se mostra de grande ajuda e importância neste debate historiográfico, pois contém a devida análise histórica e biográfica que se aplica a documentos como os diários. Nesta obra, o autor não foca somente no período emblemático do integralismo, como também em toda a vida do personagem, o que já foi devidamente explicado, algo que deve ser ponderado ao se publicar qualquer tipo de obra que trabalhem com a escrita de si e correlatos.

Não se pode deixar de mencionar mais apontamentos a respeito da fonte maior deste trabalho de pesquisa, que são os diários íntimos do nazista Alfred Rosenberg. Ao se analisar diários, um pesquisador não pode incorrer em um pré-julgamento de sua fonte, sempre levando em conta o porquê tal documento foi escrito, novamente inserindo um olhar crítico com relação a sua fonte. O compromisso com a historicidade e com os meios corretos de pesquisa não podem ser deixados de lado e sim devidamente aplicados, para que o leitor não venha a cair em armadilhas narrativas, praticamente comprando as ideias do autor, sem uma devida ponderação antecedente.

Para historiadores e pesquisadores, como alguns brasileiros, a escrita de si e mesmo os diários ainda demonstram perpassar por desafios perenes de tempos de outrora. Porém com o passar dos anos, novas publicações surgiram para ajudar o devido trabalho com estas fontes ou em suas produções, a exemplo do artigo de Bertonha (2009). Desta maneira, Schmidt aponta:

A biografia tem aparecido como uma grande novidade para os historiadores, inclusive brasileiros, frequentemente incluída em seminários e publicações como essa, que pretendem dar conta dos “novos domínios da história”. Entretanto, como foi apontado, o gênero biográfico é tão antigo quanto o gênero histórico, com o qual, aliás, sempre manteve relações ambíguas. Nos últimos anos, ele renovou-se e, nesse processo, seus praticantes

⁴² Outra vez a explicação de Schmidt se faz importante, exemplificando tudo o que foi esboçado antes, da necessidade da devida forma de escrita e dos assuntos pertinentes para com as biografias históricas, as quais o pesquisador tem que estar incisivamente atento.

precisaram enfrentar problemas antigos e recentes que dizem respeito à disciplina histórica como um todo: a relação entre indivíduo e sociedade, entre unidade e fragmentação, entre narração e explicação, entre outros. (SCHMIDT, 2012, p. 204)⁴³

Nos diários, os indivíduos principais incorrem em representar praticamente dois papéis que são diferentes e ao mesmo tempo se complementam, o de serem os autores e os personagens da história, exercendo um paradoxal individualismo na questão predeterminada do eu, principalmente com o uso do nome próprio. Vale ressaltar que estas obras são demasiadamente diferentes das autobiografias, seja pela autoria, meios de produção, contextos envolvidos e entre outros. Além disto, o período de publicação e a própria escrita podem favorecer tais produções, assim como ilustra Dosse:

...o significado de uma vida nunca é unívoco, só pode declinar-se no plural, não apenas pelo fato de as mudanças que a travessia do tempo implica, mas também pela importância a conceder à recepção do biografado e de sua obra que é correlativa do momento considerado e do meio que deles se apropria. A isso cumpre ainda ajuntar que o biógrafo não pode pretender, mesmo ao preço de uma pesquisa tão exaustiva quanto possível, a nenhuma chave que viria saturar o significado de seu relato de vida. (DOSSE, 2015, p. 375)⁴⁴

Novamente sobre os diários, tais documentos históricos também podem ser publicados contendo explicações e estudos breves sobre a autoria, detalhando para o leitor ou pesquisador futuro, questões possivelmente necessárias. Dentre estes documentos, o editor pode exemplificar o que precisou mudar ou se conseguiu manter a originalidade documental, até mesmo em possíveis traduções, mesmo com erros de grafia do autor da fonte histórica.

Existem obras que ao invés de serem a publicação integral dos diários em si, são constituídas completamente de estudos sobre esta fonte, englobando questões de outras obras e o que foi escrito pelo autor deste documento. Se tem

⁴³ A primazia dos argumentos deste autor demonstra até mesmo o despreparo de alguns ao se trabalhar com o meio textual biográfico, contendo até pensamentos de dissociação entre biografia e história, o que é inviável para uma correta interpretação.

⁴⁴ Nota-se aqui que o biógrafo corre o risco de ceder a tentações da narrativa, mas são problemas que podem alterar totalmente o seu trabalho, ou seja, o olhar crítico até de quem produz estas obras tem que ser atenuante.

ainda diversos pesquisadores que continuam a desprezar as biografias, as autobiografias e a escrita de si, como se sempre fossem grandes apologias a heróis ou grandes feitos.

Para salientar toda a ponderação aqui presente, a autora Marcela Cristina Quinteiros, que trabalha com biografias, autobiografias e a escrita de si do intelectual paraguaio Juan Natalício González, traz uma passagem que ajuda a exemplificar aspectos pertinentes a escrita de si, a qual iria se aprofundar no estudo:

...nos valem das biografias sobre o personagem, porém, tão importante quanto elas, são as “escritas de si” que permitem conhecer aspectos de sua vida a partir de outras perspectivas. Seu epistolário e uma autobiografia, escrita pouco antes de seu sucesso, serão analisados para compreender como se relacionava com seus pares e qual a imagem que tinha de si mesmo. (QUINTEIROS, 2016, p. 88)⁴⁵

Na pesquisa aqui realizada, constata-se que os diários de Alfred Rosenberg, além de serem um exemplo da escrita de si, em muitas partes incorre na justificação das atitudes do próprio intelectual do Reich e do nazismo, chegando a imputar culpa nas forças dos Aliados pelos crimes perpetrados. Em algumas partes, ainda aparenta se ter uma omissão proposital de alguns percalços, revelando outros no processo narrativo, porém isto será melhor abordado a seguir neste capítulo.

São explicados nos diários diversos pontos sobre o passar de seus dias e seus anseios, mas transparece a possibilidade de se ter outros possíveis detalhes sobre o meio mais interno do Reich ou até sobre as suas próprias opiniões, algo que se recusa a escrever. Deste modo, Francisco Alves de Almeida (2014) diz sobre o biografado e sua atuação em diários, que “...ele pode escamotear ou disfarçar certas passagens por temor que seus sentimentos possam se tornar públicos...”. (p. 302)

Como papel de um historiador, ao se trabalhar com uma obra envolvendo diários e a questão da escrita de si, tem-se a seguinte perspectiva apontada por Schmidt:

⁴⁵ Obviamente, esta citação não introduz questões específicas sobre os diários ou sobre o nazismo, porém, deixa a entender as origens da escrita de si, que também fora abordada no primeiro item.

Logo, a biografia não pode ser narrada como a revelação de um sentido já dado a priori ou como a realização de um plano pré-fixado e conhecido pelo historiador que parte de uma visão retrospectiva. Cabe, então, ao biógrafo, acompanhar o fazer-se (parodiando Thompson) do indivíduo ao longo de sua vida, levando em conta os diferentes espaços sociais por onde ele se movimentou, mas também suas percepções subjetivas, oscilações, hesitações e mesmo o acaso. (SCHMIDT, 2003, p. 69)⁴⁶

Com todo este aparato explicativo, juntamente com toda a bibliografia utilizada, constata-se que nos diários o autor se escreve e se insere, revelando parcialmente suas ambições e descontentamentos, até mesmo criando uma imagem ilusória da sua própria personalidade. O que Dosse argumenta sobre o gênero biográfico, pode ser aplicado para com esta ponderação sobre diários:

Mesmo os limites que pareciam intangíveis, como os que definem o desenrolar biográfico entre o nascimento e a morte, são hoje questionados tanto a montante quanto a jusante. De um lado, a psicanálise e a sociologia em particular, e as ciências sociais em geral, nos informam sobre a validade de certo número de condicionamentos que pesam sobre o indivíduo antes de nascer. De outro, a reviravolta historiográfica e memorial desloca a atenção para as flutuações de sentido das figuras biografadas após seu desaparecimento físico. O após-morte do biografado torna-se tão significativo quanto seu período de vida, pelos traços que deixa e pelas múltiplas flutuações na consciência coletiva sob todas as suas formas de expressão. (DOSSE, 2015, p. 405)⁴⁷

Surpreendentemente, se tem uma ponderada continuidade e regularidade nos diários, que por vezes não constitui análises generalizantes de seu contexto histórico. Mesmo que possa se ter intencionalidades escusas, o autor e personagem da escrita de si acaba por ser atraído a um tipo de confissão dos seus pensamentos, o que pode proporcionar detalhes cruciais para quem deseja trabalhar com tais obras. Para encerrar estas ponderações dos diários, com base na bibliografia utilizada, a exemplo de Bertonha, Dosse e Schmidt, nota-se que

⁴⁶ Obviamente, o que Schmidt diz é aplicável aqui, porque devem ser levados em conta os diversos aspectos da vida de Alfred Rosenberg, para se compreender as ações perpetradas.

⁴⁷ Se aplicando a Alfred Rosenberg, seu após-morte é importante para se debater uma figura tão emblemática e até contraditória do período nazista.

os diários são do meio textual da escrita de si, que por sua vez estão inseridas no gênero biográfico, mas logicamente apresentam particularidades distintas de quaisquer outras obras, como se fossem um outro tipo insólito historiográfico.

A Trajetória dos Diários até os Dias Atuais

Ao final da guerra e com a derrocada dos exércitos nazistas, grande parte dos escritórios e do alto escalão nazista procuraram fazer uma “queima de arquivo”. Tal conluio consistia na destruição de documentações e quaisquer tipos de provas que encontrassem, principalmente sobre a atuação das forças destrutivas e administrativas em todos os territórios que sofreram alguma influência nazista. Líderes do nazismo empreenderam o máximo de esforço para acobertar os crimes cometidos, para desta maneira não sofrerem as penalizações impostas pelos Aliados em um julgamento. Dentre os diversos crimes, a própria nação alemã sofrera com o mal nazista, assim como menciona Evans:

O regime nazista respondeu à desilusão doméstica e ao declínio do ânimo nas Forças Armadas intensificando a repressão e o terror que haviam sido sempre uma parte central de seu regime. O elemento de martírio e de autossacrifício na ideologia nazista também foi intensificado. Pequenos grupos de alemães começaram a resistir, mas o único capaz de derrubar Hitler, a resistência militar, fracassou na tentativa em julho de 1944, dando início a uma intensificação ainda maior do terror e da destruição que foram encerrados com a queda do Terceiro Reich apenas nove meses mais tarde. (EVANS, 2016c, p. 871-872)⁴⁸

Existiu uma determinada quantidade de documentos que não foi destruída e sim escondida, seja por conta do tempo disponível, por causa de algum traidor dos nazistas ou até devido a crença de poderem obter a vitória, mesmo com tudo de desfavorável ocorrendo. Posteriormente, ao mesmo tempo em que Inglaterra, França e Estados Unidos obtinham provas documentais, uma parcela

⁴⁸ Mesmo sendo algo que o autor não comentou, Rosenberg provavelmente concordava com tudo isto, pois quase não tece críticas a tais repressões, somente faz isto quando as pessoas não seguem as estritas ordens dele, e principalmente, de Hitler.

desconhecida das fontes nazistas foram parar com a União Soviética, sendo guardados e raramente estando disponível para pesquisas.

Os diários estariam em posse do dono da editora Edwin Mellen, Herbert Richardson, alguém que foi amigo do advogado judeu Robert Kempner e que fez parte da Associação Robert Kempner, que funcionava como um escritório de advocacia. Na atuação de promotor nos processos contra os nazistas, Kempner foi alguém que defendeu enfaticamente as mais altas penas possíveis para os hediondos crimes dos mesmos. Sendo assim, os autores Robert K. Wittman e David Kinney (2017) dizem em seu livro, que “...Kempner podia requisitar os documentos que quisesse para preparar sua argumentação”, porém tiveram-se “...questionamentos sobre o modo como ele lidava com eles.” (p. 26)

Em poder de uma equipe de advocacia eficaz, Kempner pesquisou e teve em mãos não só os diários de Alfred Rosenberg, como também muitas outras provas de extrema importância, a exemplo do Protocolo de Wannsee. Este protocolo, como os mesmos autores acima explicam, “...descrevia uma reunião organizada por Reinhard Heydrich – chefe do Escritório de Segurança do Reich, comandado por Himmler – para discutir a ‘evacuação’ dos judeus da Europa.” (p. 26)

Nem todo o acervo documental referente a Rosenberg ficou perdido, pois breves anotações datadas, referindo-se a um provável diário pertencente a este líder nazista, sobraram em Nuremberg. Estas foram posteriormente transferidas para o Arquivo Nacional Americano nos Estados Unidos. Muitos anos depois, mais precisamente entre os anos de 2000 a 2013, não só historiadores de renome sobre o nazismo, a exemplo de Jurgen Matthaus, como até um agente do FBI, Robert King Wittman, estariam envolvidos no intuito de analisar pistas e descobrir o verdadeiro paradeiro dos diários de Rosenberg, mesmo após a morte de Kempner. Incisivo nesta gama de acontecimentos, é como foi atestado pelos organizadores da publicação dos diários, bem logo nas páginas iniciais:

Entretanto, aquilo que não se extraviou do material de Nuremberg chegou de maneira fragmentada à custódia dos repositórios de documentos previstos para tanto. No outono de 1945, os promotores americanos arquivaram partes das anotações dos diários de Rosenberg dos períodos de 14 de maio de 1934 até 18 de março de 1935, bem como de 6 de fevereiro de 1939 até 12 de outubro de 1940, com o registro de

documentos de Nuremberg 1749-PS e 1748-PS. Por motivos desconhecidos, o restante do diário não foi considerado como prova processual potencialmente relevante e por essa razão não entrou no esquema da administração de documentos de Nuremberg. Segundo informações de Fred Niebergall, chefe da seção para checagem de documentos, todos os documentos deveriam ser entregues a ele, exceto aqueles reservados ao processo de Nuremberg. Tudo indica que Niebergall deve tê-los recebido. De acordo com uma anotação do verão de 1946, trechos de diário – “diary notes” – de 1936, assim como documentos descritos de maneira vaga como “diary” para os períodos de janeiro até maio de 1940, fevereiro a dezembro de 1941 e 1939 até 1944, foram enviados para o escritório do juiz militar (Judge Advocate General, JAG) do Exército americano em Wiesbaden. O apontamento fazia uma distinção entre “documents”, entre os quais estava o diário de Rosenberg, e cópias (“photostats”); apesar disso, os originais destinados ao promotor público ficaram em posse de Robert Kempner, enquanto apenas a parte do diário de 1934-35 – as únicas anotações de Rosenberg em forma de um diário encadernado – , no original, foi remetida pelo JAG ao Arquivo Nacional Americano (National Archives and Records Administration, College Park, MD; a partir daqui, NARA). (MATTHAUS; BAJOHR, 2017, p. 35)⁴⁹

Por conta de todas as ações pertinentes, os documentos referentes ao intelectual do Reich tiveram a possibilidade de serem guardados por indivíduos ligados aos processos, como Kempner, ou até mesmo tendo-se a possibilidade de serem jogados no lixo, pela motivação de serem taxados como de pouca relevância. O arquivista Fred Niebergall fez, em algum momento, registros sobre a presença dos diários de Rosenberg em seu alcance, mas os volumes mais densos desapareceram de alguma forma, indo parar justamente com um dos maiores promotores contra os nazistas, como foi comentado.

Para se ter a condenação de Alfred Rosenberg nos julgamentos de Nuremberg, não eram necessários exclusivamente os diários, pois este indivíduo teve ao longo de sua carreira no partido diversos discursos redigidos, cartas a variadas pessoas do alto escalão do nazismo, um jornal próprio e até o seu livro, abordado no primeiro capítulo. Somando-se com as provas apontadas, em outras atas e escritos de pessoas e departamentos do nazismo pode-se

⁴⁹ Esta estrondosa explicação dos organizadores, ajuda a ilustrar que os diários existiram e foram utilizados nos processos, mas por conta de uma administração nada competente no manuseio e análise documental, os diários de Rosenberg foram separados de seu conjunto coeso.

encontrar menções a Rosenberg, como o diário de um dos seus correligionários, o Ministro da Propaganda Joseph Goebbels.

Quando Rosenberg tinha sossego para se dedicar ao seu diário – por exemplo, durante suas frequentes estadias na clínica para celebridades de Hohenlychen –, ele escrevia copiosamente, em geral de memória, às vezes baseado em registros de conversas ou agendamentos de visitas. Via de regra, não era exigente na escolha de seu material de escrita e preferia folhas soltas; por volta do fim da guerra, reaproveitava até papel usado. Ao lado das lacunas parcialmente significativas, várias citações da mesma data, falta de paginação, muitos erros de ortografia e o uso não padronizado de abreviaturas apontam para um processo de escrita não sistemático, cujo efeito desconcertante é reforçado pela destruição posterior do contexto documental. (MATTHAUS; BAJOHR, 2017, p. 43)⁵⁰

Neste momento, é conveniente retornar ao assunto sobre Robert Kempner. O advogado ficou com a posse desta documentação por muitos anos em sua residência particular e também em sua associação de procuradoria. Independentemente, em quase nenhuma circunstância desconfiou-se, pelo menos por grande parte das pessoas ligadas aos atos processuais, que o próprio Kempner já havia não só obtido a maioria das folhas soltas dos diários de Rosenberg, como havia despachado as mesmas para um local privado.

Um aspecto que Kempner pode ter mantido em sua visão durante os julgamentos, era o de talvez querer preservar alguns documentos, porque presenciou a gama documental em Nuremberg e também toda a desorganização que havia se instalado, podendo ter notado o possível descarte de documentações promissoras, assim como é descrito em uma parcela da obra de Robert K. Wittman e David Kinney (2017). Mas isto é algo que não pode ser totalmente comprovado, ficando relegado a somente possibilidades.

Prosseguindo a abordagem, com o falecimento de Robert Kempner, em Königstein em agosto de 1993, alguns estudiosos que haviam feito contato com o advogado antes de 1993 quase perderam as esperanças de algum dia reaver os diários em seu conjunto coeso. Estas pessoas acabaram tendo contatos breves com uma assistente de Kempner, Jane Lester, mas nada muito

⁵⁰ Por esta breve análise, produzida por dois professores especialistas na questão do holocausto e do nazismo, fica claro como os diários de Rosenberg chegaram até a atualidade tão divididos e também como foi possível que esta documentação fosse guardada para usos particulares.

conclusivo, assim se empenharam em investir para encontrar tal fonte, o que levou a contratação de um investigador que fez parte do FBI, Robert King Wittman, juntamente com uma equipe que combatia o crime de roubo de arte e até possíveis contatos sobressalentes.

A assistente aparentemente manteve algum contato com o teólogo Richardson, dono da editora Edwin Mellen, com o provável intuito de manter o legado de Kempner vivo por meio do acervo documental que o mesmo dispunha. Mas como exatamente esses diários foram parar nas mãos de Richardson e assim encontrados por Wittman é uma questão dúbia e duvidosa, pois ao mesmo tempo que se tem algumas fontes que tratam disto, como a obra O Diário do Diabo parece tratar em demasia, determinados detalhes não são totalmente explicados.

Deve-se também levar em consideração, que mesmo antes do mundo saber, em 2013, da existência de todas as páginas de diário, surgiram algumas publicações que referenciavam e disponibilizavam citações, que deixavam claro a existência de partes dos diários, que seriam exatamente aquelas guardadas no museu dos Estados Unidos. Em sua forma mais completa possível até o momento, os diários de Alfred Rosenberg encontram-se com espaçamentos vazios entre algumas semanas ou até meses.

Tabela 1: Períodos da escrita de Alfred Rosenberg

PERÍODOS DA ESCRITA DE ALFRED ROSENBERG	
01	Março de 1934 até abril de 1936
02	Fevereiro a julho de 1937
03	Fevereiro a julho de 1938
04	Final de Julho até outubro de 1938
05	Junho a julho de 1940
06	Meados de Outubro de 1940 até o final de janeiro de 1941
07	Início de Junho até o final de julho de 1941
08	Agosto de 1941
09	Meados até o fim de setembro de 1941
10	Início de Outubro até meados de dezembro de 1941
11	Janeiro até o início de outubro de 1942

12	Início de Fevereiro até o final de julho de 1943
13	Meados de Agosto até o final de dezembro de 1943
14	Início de 1944 até o final de maio de 1944
15	Junho até o final de julho de 1944
16	Setembro até o final de outubro de 1944 ⁵¹

É necessário que se compreenda que os diários possuem em somatória às lacunas citadas, que estão contidas no que é descrito por Matthaus e Bajohr (2017, p. 42), diversos espaçamentos entre os dias, além de algumas passagens diárias, as quais a pessoa que produziu tentou resumir tudo o que teria se passado em determinados dias anteriores a esta data específica de escrita. Também é notável que algum mínimo padrão pode ser encontrado nesta periodização da escrita de Rosenberg, visualizando os anos que o mesmo mais escreveu e comparando com a história da atuação do regime nazista.

Primeiramente, o ano 1934 é algo crucial, com Hitler se tonando Führer da Alemanha e assim estabelecendo o nazismo como força predominante, prosseguindo até o ano de 1936, quando os nazistas foram cada vez mais se instalando e mudando a sociedade alemã a sua vontade, tendo-se ainda as Olimpíadas na própria Alemanha. Já em 1938, foi quando os atos contra os judeus na nação alemã chegaram a um ápice antes da guerra, com a *Kristallnacht* (Noite dos Cristais), além de também ter ocorrido vários encontros diplomáticos de nazistas com pessoas de outros países, como a Inglaterra, a exemplo do que foi discutido no capítulo inicial.

Prossegue-se então para o ano de 1940, que foi bastante promissor para os nazistas, com a guerra avançando a passos largos e com algumas conquistas territoriais, em uma sucessão alarmante para o mundo em geral. Dentre estas ocorrências, a França foi derrotada em menos de um mês, fato que pôs um fim ao termo de “Guerra de Mentira”, com esta grande movimentação militar, depois ainda se tendo a Batalha da Grã-Bretanha.

Com 1941, a Operação Barbarossa foi posta em prática e a União Soviética foi assim invadida, somando ainda o ataque a Pearl Harbor pelos

⁵¹ Esta tabela foi produzida com base no que é descrito pelos próprios organizadores dos diários, Jurgen Matthaus e Frank Bajohr (2017), na página 42 da introdução dos diários.

japoneses. Os maiores relatos deste período têm a ver com os anos da guerra em si, como 1942, com o prosseguimento da Guerra no Pacífico e contendo algumas vitórias de Rommel, do exército alemão, na África. Já em 1943 tiveram acontecimentos pouco abordados nos diários, surgiram agrupamentos, como a milícia do regime de Vichy na França e mais adesões a Resistência em vários países, além da acentuação das perdas alemãs na União soviética. E por fim, os diários terminam suas páginas em 1944, quando os nazistas sofrem enormes reveses e tem seus territórios bombardeados constantemente.

Com as atitudes de Wittman e com a ajuda dos advogados que trabalharam em conjunto, foram constatados que os diários do líder nazista aqui abordado estavam mesmo com Richardson. Com uma declaração judicial o advogado de Richardson entendeu justamente a gravidade da situação, convencendo então o seu cliente a entregar os diários para o investigador Wittman e sua equipe.

Após toda esta epopeia, os diários de Alfred Rosenberg foram devidamente analisados pelos profissionais e historiadores especializados na documentação nazista, juntamente com trechos pertencentes ao Museu Memorial do Holocausto no Estados Unidos, sendo depois unidos aos escritos que já se mantinham sob a tutela do museu. Dentre estes historiadores especializados, se tem Henry Mayer, que conforme é mostrado por Wittman e Kinney, estava muito animado com a recuperação desta documentação:

Mayer estava em êxtase. Passara catorze anos buscando-o e as páginas por fim estavam ali. O sonho de qualquer arquivista era encontrar um documento tão importante, e este tinha poucos rivais. Era extraordinário estar sentado em uma sala de conferências em Delaware, 68 anos após o fim da Segunda Guerra Mundial, folheando papéis rabiscados com a caneta tinteiro de Rosenberg – páginas que se pensava estarem para sempre perdidas na história. (WITTMAN; KINNEY, 2017, p. 64)⁵²

A recuperação desta fonte histórica permitiu novos estudos e pesquisas sobre o período nazista e sobre o intelectual do Reich, tendo uma visão particularizada, de alguém que estava dentro da cúpula da hierarquia do Partido

⁵² Provavelmente não somente Mayer, como é mostrado nesta citação, como também pesquisadores e historiadores, de todo o mundo, devem ter se animado com a documentação recuperada.

Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães. E mais estudos deste tema poderão surgir no futuro, configurando como animadoras possibilidades de pesquisa, com prováveis diferentes abordagens.

Tão logo quanto possível, já começaram a serem publicadas obras sobre este tema, tendo-se duas em particular, que aparentemente são as únicas até o momento, ambas tratadas nesta pesquisa, O Diário do Diabo (2017), com estudos e uma tensão mais romaneada do assunto que envolvia estes documentos, além do livro Os Diários de Alfred Rosenberg 1934-1944 (2017), que tem alguns breves estudos iniciais, trazendo logo em seguida os próprios diários, em sua forma mais completa na atualidade.

Considerações Finais

Com o segundo capítulo desta pesquisa, que foi um pouco mais breve, pretendeu-se tratar de uma determinante bagagem contextual para se entender esta fonte documental, com seu estilo e sua contribuição para a história em si, somando uma trajetória para saber como esta fonte chegou aos dias atuais. Não foram deixadas de lado a compreensão de minúcias importantes que poderiam envolver esta fonte, com questões históricas, pontos relevantes para a sua produção e seu subsequente desaparecimento de Nuremberg.

Tudo foi unido a uma importante e enfática abordagem do gênero das escritas de si, sendo que os diários se encaixam nesta parte. Ao se propor tratar destas informações, não foi pretendido ficar inteiramente focado nos títulos e subtítulos que se pensou trabalhar, pois são a parte mais geral, que para entender o todo desta complexidade, foi iniciado pela menor parte, até progredir ao fechamento do assunto.

Por esta razão, foram analisadas estas três categorias, levando a compreensão de algumas questões mais importantes desta fonte documental, que com a leitura completa se poderá compreender a intenção analítica. E novamente, ao se tratar destas explicações que englobam os diários, também se notou uma determinada periodização, dividindo-se em três grandes setorizações:

Na primeira, segue-se da tomada de poder dos nazistas na Alemanha, com Hitler se tornando Fuhrer, até a iminência da guerra. Em um segundo patamar, compreende o início da guerra, as mais variadas vitórias do Reich e as discussões internas entre a liderança nazista como um todo. Já na terceira categorização, com as derrotas sofridas pelos exércitos alemães, Rosenberg demonstra ficar progressivamente mais agitado para conseguir o favorecimento de Hitler, para que completasse os seus objetivos e planejamentos.

Ao se findar mais este capítulo, ficou bastante evidente os cuidados necessários em se trabalhar com escritas de si e com diários, mantendo a necessidade de uma bibliografia adicional para compreender tudo o que é referente a este tipo de narrativa e apontando descrições divergentes da realidade. Sendo tal abordagem referente a uma visão crítica do pesquisador para com o documento, também se verificou que Rosenberg escreveu com o intuito de reler, repensar e até divulgar alguns dos próprios feitos para o Reich.

No próximo capítulo, o aprofundamento será inteiramente no contexto de produção e nas narrativas de Alfred Rosenberg, englobando explicações juntamente com o que o mesmo descreve sobre alguns assuntos de maior relevância. Sendo necessário que se entenda a posição que o mesmo ocupava no partido, a sua verdadeira relevância para os embates e as suas opiniões.

Desta maneira, trataremos de projetos deste nazista, principalmente para os territórios do Leste europeu, conflitos com a Igreja Católica, o pensamento nazista, brigas internas do partido e até a estruturação do nazismo na Alemanha e nos territórios ocupados, com foco nos escritos do próprio autor dos diários. E relembando, as citações serão quase inteiramente dos diários, isto a partir do segundo item do capítulo, utilizando a bibliografia pertinente para atestar ou refutar o que está exposto por este personagem histórico.

Capítulo 3 – Os Relatos e a Visão de Mundo do Ponto de Vista de Rosenberg

Figura 3: Retrato de Calendário de Alfred Rosenberg



Fonte 3: Site do United States Holocaust Memorial Museum⁵³

Neste momento na pesquisa será discutido algo crucial e estritamente referente aos diários de Rosenberg, que é a visão que tinha sobre tudo o que estivesse ao alcance de suas críticas. Contendo suas exacerbações de ego, no qual tudo o que fazia seria de um aspecto límpido e superior a todos. A manipulação dos relatos deste nazista é um tanto gritante, sempre tentando prover uma lógica quase sem sentido a questões determinadas. Além de que ainda promovia o ideal da raça superior em todos os possíveis apontamentos

⁵³ Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/alfred-rosenberg-biography>. Acessado em: 25/09/2019.

que poderia fazer, com narrativas que não apontavam muitos problemas dentro do Partido Nazista.

Evidencia-se que tudo o que será tratado neste capítulo é melhor compreendido com a devida leitura dos capítulos anteriores, que em partes possuem conotações gerais ou específicas em determinados pontos. As partes anteriores proporcionam alguns detalhes importantes, que ajudam ao entendimento e não tornam a pesquisa cansativa ou enfadonha.

Somando-se a isto, serão disponibilizadas algumas recapitulações de contexto para explicar questões novas, fazendo com que os detalhes que podem ter sido perpassados despercebidos, possam ser trajados de uma nova contextualização e inseridos novamente. Inteiramente nas páginas dos diários, evidencia-se um homem que tenta se inserir em um meio, o qual tem tudo para não ser tão favorável ao mesmo. Este homem se vê como um intelectual, do tipo tradicional como discutido anteriormente, que supostamente teria o entendimento de muitos aspectos importantes e soluções necessárias.

Para ser reconhecido Rosenberg adentra completamente o campo do misticismo ao elaborar seus esquemas para o regime nazista, sempre achando que estaria se espelhando em algum grande autor do passado. Com uma psicologia irredutível de sua própria imagem e de suas teorias mirabolantes, Alfred Rosenberg atraiu a atenção de muitas pessoas, mas não necessariamente para agraciá-lo, muito pelo contrário, para criticá-lo e combatê-lo, tentando até prevenir que as suas palavras se disseminem.

Também por causa de sua tentativa constante de acentuar a pragmática superioridade, angariou até o desagrado de seus próprios correligionários e colegas de partido, tendo-se discussões e conflitos de interesse ao longo de toda a sua carreira ao lado de Hitler. Tais atitudes originaram o que foi explicado, das rivalidades entre este líder nazista e os demais existentes.

Com esta explicação introdutória, a pretensão analítica deste capítulo visa quatro particularidades, englobando o contexto de produção desta documentação, o que este personagem havia escrito nos seus diários de 1934 a 1944, tendo em mente as lacunas explicadas no capítulo anterior, além dos detalhes disponibilizados no primeiro capítulo.

Na primeira parte analítica, serão tratados a contextualização e a forma de escrita deste líder nazista. Com a segunda particularidade, será analisado o

que o intelectual nazista tem a dizer sobre os conflitos na hierarquia nazista, juntamente com uma ideia da composição deste regime. Como terceiro ponto, serão tratados os detalhes religiosos, místicos e até racistas nas ideias deste líder nazista. Por fim, já no quarto item haverá uma tentativa de compreensão do que Rosenberg queria realizar no Leste europeu e o que pretendia para o futuro do nazismo.

Contextualização da Produção dos Diários de Alfred Rosenberg

Como foram devidamente explicadas as questões referentes às escritas de si e aos diários, no capítulo anterior, o assunto agora se aprofunda mais especificamente nos diários do líder nazista Alfred Rosenberg. Não se deve esquecer que o nazista autor destas passagens do diário era um dos líderes nazistas mais crentes em seu ideário de vida. O pensamento deste nazista era deixado para ser apresentado em suas obras, produções e discursos, além de que em outros casos, como nas páginas do diário, muitas intencionalidades nazistas seriam quase automaticamente evidentes. Soma-se ainda, a questão preponderante de Rosenberg realmente não saber ou possuir todos os detalhes de que desejava ter conhecimento.

A confecção do diário de Rosenberg tem algumas lacunas de tempo, ficando evidente que o mesmo não tinha uma costumeira intenção de manter a escrita convicta de um diário, como demonstrado no item anterior. Em contrapartida, existem pequenos detalhes de datas ou informações que demonstra ter escrito e depois ponderado sobre, assim rasurando e escrevendo outra passagem em substituição, o que pode ser talvez por causa de um receio de realmente alguém ler e notar erros. Justificando parte de sua escrita, Rosenberg demonstrava ter a intenção de apresentar a sua trajetória como um exemplo a ser seguido pela Juventude Hitlerista. Então o que é mencionado pelos organizadores desses diários, Jurgen Matthaus e Frank Bajohr, faz muito sentido:

Por essa razão, a evidente discrepância entre pretensão e realidade só podia ser ignorada nas anotações dos diários ao

custo do autoengano. Mesmo se a maioria dos homens ao redor de Hitler não duvidasse do significado histórico, até da falta de precedentes dos eventos desde 1933, faltava-lhe uma consciência histórica que pudesse unir a ação do presente com a pretensão de eternidade do regime. Conceitos como “solução final” e “Reich de mil anos” documentavam, por um lado, o presunçoso postulado de eliminar sem mais a história e querer passar para um estado final. (MATTHAUS; BAJOHR, 2017, p. 20)⁵⁴

Nota-se que Rosenberg aparentava necessitar se explicar sobre as próprias atitudes em diversos relatos nos diários, como se fosse uma obrigação ter que se disponibilizar algum tempo para refletir o que passou no dia e transcrever nas páginas desta documentação. Novamente simbolizava uma preponderante vontade de alimentar o próprio ego, porque pensava ser de grande importância naquele momento para o Reich. Mas não é levado em conta que os possíveis leitores, a posteriori, de seus diários, poderiam fazer julgamentos mais enfáticos de sua personalidade.

Fica claro nos escritos em geral, que Rosenberg desempenhou diversas tarefas dentro da cúpula de administração nazista, sendo bastante requisitado principalmente para a questão educacional e ideológica, mesmo que sua intelectualidade fascista não fosse aceita por muitos nazistas, os quais não desejavam seguir, assim como explica Bertonha (2019). Na realidade não havia outro líder nazista, excluindo Hitler, que entendia tão demasiadamente a questão do pensamento nazista como Alfred Rosenberg expunha em diversos momentos, os quais são insinuados nos diários.

Dentre as páginas do diário, Rosenberg demonstra uma insatisfação com a posição que ocupava, aparentando sempre almejar vantagens e ser alguém mais merecedor de reconhecimento do que qualquer outro, principalmente aqueles que possuía alguma rivalidade, algo também explicado anteriormente. Mesmo assim, este líder nazista não parece conhecer todos os seus inimigos ou aqueles que comandaram alguma trama contra as suas reivindicações, a exemplo de Hermann Goering, porque em grande parte das passagens sobre este outro nazista nos diários, Alfred Rosenberg estaria tendo conversas

⁵⁴ Nesta citação, se tem a evidenciação dos problemas que permeiam, principalmente, líderes nazistas, como Rosenberg. Acreditando, mesmo com todas as contradições, no que estava fazendo e no suposto futuro, sem levar em conta quaisquer outras urgências.

amigáveis com o mesmo. Com a ajuda da bibliografia referencial nota-se que Goering não expõe qualquer apreço pelo colega de partido.

Os diários demonstram que uma parcela de pessoas prestava atenção no intelectual do Reich, porém a participação de Rosenberg durante o seu período de escrita, como foi mencionado, era o tempo em que se identificava como muito útil para o Reich. Em contrapartida, também atuou em grau considerável antes de 1934, assim como é descrito por Wittman e Kinney:

Rosenberg testemunhara os primórdios do partido, em 1919, quando nacionalistas alemães enraivecidos enxergaram um líder em Adolf Hitler, o veterano bombástico e errante da Primeira Guerra Mundial. Em novembro de 1923, Rosenberg adentrou a cervejaria de Munique logo atrás de seu herói na noite em que Hitler tentou derrubar o governo bávaro. Uma década depois, Rosenberg estava lá quando o partido subiu ao poder e se dedicou a esmagar seus inimigos. Estava na arena, lutando, quando os nazistas remodelaram a Alemanha à sua imagem. Esteve até o fim, quando a guerra passou por uma reviravolta e o sonho se desmanchou. (WITTMAN; KINNEY, 2017, p.15)⁵⁵

Mesmo com seus trabalhos anteriores, há de se levar em consideração que o momento da escrita era, como já foi explicado algumas vezes, o período em que mais se identificava como indispensável para o regime nazista, conseguindo proporcionar um possível maior alcance para as suas falas e seus planos, mesmo que isto não seja abordado consistentemente nesta pesquisa, ainda assim é um fato sobre estes diários e seu autor. Nas descrições deste líder nazista faltaram detalhes intrínsecos das ações e até dos planejamentos dos fascistas alemães, o que pode deixar claro que Rosenberg não era tão querido e influente, como demonstra pensar que era, não tendo acesso a questões muito particulares do partido como um todo.

O que se tem realmente nestes diários, são muitas afirmações sobre uma péssima conduta de outras lideranças nazistas, contendo exemplos da intelectualidade de Rosenberg, além de explicações de teor mais denso sobre o que os nacional-socialistas defendiam. Permeando também os escritos, estão

⁵⁵ Há de se concordar com esta passagem em muitos momentos, como na carreira nazista de Rosenberg, porém dizer que ele estava “lutando”, subentende-se que o mesmo possuía alguma valentia ou “espírito guerreiro”, o que pode não ser verdade, somente ficando atuando nos bastidores do conflito.

presentes questões referentes, mesmo que não em sua totalidade, da aplicação da Shoá e do fascismo na Alemanha, que não são pontos únicos dos nazistas e de seu país, ocorrendo similaridades no mundo.

Nos parágrafos dos escritos, sempre se recorre a um julgamento ou detalhamento de quem quer que seja, tanto de partidários quanto de outros governantes internacionais, contendo até mesmo menções a planos econômicos destas pessoas. Mesmo nos encontros que tinha com Hitler, Rosenberg dava mais sinais de sua sistematização excessiva, pois relatava quaisquer gesticulações, elogios, força do aperto de mão e tudo o que conseguisse notar, como corrobora Bertonha (2019).

Em contrapartida, o intelectual do Reich ficava perceptivelmente sem saber como reagir quando notava que outros nazistas eram convidados por Hitler para alguma ocasião de confraternização, como jantares ou quando recebiam regalias, relegando Rosenberg e seus planejamentos para outros possíveis momentos. Com aparente orgulho próprio, o autor dos diários proporciona depoimentos mais enfáticos dos seus “grandes momentos” no Reich, a exemplo de quando seu escritório consegue apreender bens culturais de autores renomados da antiguidade e que estavam em posse de judeus na França.

O que mais se encontra ao longo dos diários são seus esboços do que tentava recomendar junto a Hitler, como a sua concepção intelectualista e sua incumbência de comandar toda a educação nazista, com a devida dose manipulada de conhecimento, algo que tinha como o único que seria capaz de organizar e fornecer para o povo alemão.

Muitas insinuações ou descrições breves, da maioria de seus planejamentos, se encontram nos diários, porque grande parte dos detalhamentos, como os discursos datilografados que enviava para ter a aprovação de Hitler, não se encontram disponíveis. Contém-se então apenas alguns espaços nos quais Rosenberg mostra que provavelmente deveria ter anexado o determinado documento, mas em nenhuma das versões disponíveis se tem esses adendos nos escritos.

Ao final desta publicação documental, os organizadores dispuseram de outros documentos de Rosenberg, que até são citados nos diários, mas não se tem escritos insinuando que estariam anexados nas páginas. Deste modo, se tem disponíveis um total de vinte e três fontes a mais, que vão desde cartas a

algum outro nazista, como Bormann, até a esboços dos discursos proferidos por Alfred Rosenberg em algum momento de sua participação no Partido Nazista.

Para exemplificar estes documentos, se tem uma fala de Rosenberg para diplomatas estrangeiros no dia sete de fevereiro de 1939, em que continua tecendo críticas aos judeus:

[...] Num grande panorama histórico, o Reichsleiter abordou, no final, o desenvolvimento da questão judaica desde a emancipação dos judeus até nosso presente e ressaltou que a questão judaica na Alemanha só estará resolvida para o nacional-socialismo quando o último judeu tiver deixado o território do Reich alemão. A política judaica não conhece fronteiras para sua ação destrutiva. Foi o que o novo assassinato em Paris mostrou ao mundo. As ações do Reich alemão para a anulação do judaísmo da vida alemã no geral acabaram por assolar as esperanças que se mantinham e uma difamação mundial por todos os judeus e por aqueles que lhes são dependentes é a resposta a essa autodefesa da nação alemã. (MATTHAUS; BAJOHR, 2017, p. 556)⁵⁶

Em diversas passagens, demonstra se esforçar para crescer dentro da hierarquia nazista. Porém não é somente isto o cerne da questão, porque como o intelectual nazista era originário das regiões bálticas, talvez ele desejasse se acentuar como um verdadeiro alemão, tendo em vista a sua região de origem, assim como foi debatido no primeiro capítulo. Os escritos de Rosenberg também não representavam um tipo de traição para com o Reich, mas admitia problemas com outras lideranças e também exacerbava fatos, sempre concordando ou se conformando com as atitudes do Führer. Talvez se tenha uma explicação plausível para alguns pontos, que se preveniu de comentar, pois fazia isto até em suas cartas enviadas para correligionários, algo que transmite a mesma ideia apontada pelas autoras Sheila dos Santos Silva e Maria Elisa Rodrigues Moreira (2016), de que “...a carta enviada atua sobre o indivíduo que escreve e sobre o que lê.” (p. 03)

Este pensamento, conforme é mostrado pelas autoras, seria caracterizado como algo mais sentimental, porém o que este personagem histórico pode somente ter possuído a intenção de defender um grupo que

⁵⁶ Como sendo o terceiro documento, que está como complemento nesta publicação dos diários de Rosenberg, se tem mais uma demonstração da deturpação mental que muitos nazistas tinham, principalmente o autor dos diários, acreditando, inexoravelmente, no caráter de “defesa” de suas ações.

expressava o que pensava, somando o seu sentimento de ser importante e necessário naquele momento para a Alemanha, se espelhando em exemplos para si, como o de Hitler.

Em consonância com o assunto da agenda de Rosenberg e suas ocupações, o autor nazista escreve em diversos momentos que estava muito atarefado e com questões para resolver, tentando explicar o porquê de não ter tempo de manter uma escrita constante. Já em outros momentos, menciona não ter um simples costume de continuar escrevendo um diário específico e que o fazia para um dia reaproveitar o que escreveu, o que esclarece o porquê de o achado dos diários estar em partes fragmentadas. Estão também presentes erros de grafia nos diários, não por culpa da editora que publicou, mas porque Alfred Rosenberg não escrevia totalmente de maneira correta. Tal percepção foi algo que os organizadores fizeram questão de ressaltar, para manter a originalidade desta fonte.

Com toda a intencionalidade nazista de superioridade, Rosenberg não seria diferente, pois não demonstra qualquer arrependimento pelas suas ações ou ordens nas passagens dos diários, se mantendo fiel aos dizeres de vitória eminente de Hitler. Concomitante com os anos derradeiros da guerra, seguiu mantendo reivindicações problemáticas, sob a forma de cartas para Hitler, mesmo que desconfiasse que Bormann não entregasse essas correspondências ao Fuhrer, até porque este era um nazista com ambições próprias, como foi abordado no capítulo inicial.

Compete a toda a sua escrita, a duvidosa habilidade de Rosenberg para lembrar de longas conversas que teve nos dias que acabou registrando, fazendo menção a cada palavra proferida por aqueles que encontrava e conversava, como Hitler, Goering e principalmente os seus rivais, como Himmler. Ocorria deste modo mesmo se eram mais de duas pessoas conversando ou se até fossem conversas e dizeres banais, o que remete para aquele pensamento sistemático já comentado neste capítulo.

Não se pode deixar de perceber que ao longo de todas as páginas dos diários, o intelectual nazista exacerbava demais a sua atuação no conflito de ideias, exclamando-a como muito importante para o Reich prevalecer e florescer em todos os setores, como o econômico, o administrativo, o social, o político e principalmente o religioso. Como parte do que já fora discutido, não se pode

compreender todo o meio que este personagem estava inserido somente pelos seus escritos, sendo necessário um compêndio adicional. Neste sentido, Bourdieu destaca que:

...não podemos compreender uma trajetória (isto é, o envelhecimento social que, embora o acompanhe de forma inevitável, é independente do envelhecimento biológico) sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou e, logo, o conjunto das relações objetivas que uniram o agente considerado – pelo menos em certo número de estados pertinentes – ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço dos possíveis. (BOURDIEU, 2006, p. 190)⁵⁷

Tanto em seus diários quanto em sua obra, *O Mito do Século XX*, Rosenberg exclama que seus conflitos estavam mais voltados contra o catolicismo e a cristandade de maneira geral, não se distanciando totalmente desta religião. Nem mesmo o papa de Roma, Papa Pio XII, ou os padres que viviam em exílio, escapavam das duras críticas deste líder nazista, estes que também não perdiam tempo em tecer alguns escritos e proclamações contra as ações do fascismo alemão.

O período de produção dos diários é ao mesmo tempo o período de ascensão e decadência do Terceiro Reich, compreendendo os anos de 1934, poucos meses antes de Hitler se tornar Fuhrer, prosseguindo até o ano anterior ao final da guerra, em 1944, com a maioria das táticas nazistas falhando. Esta periodização é bastante conturbada para a escrita de Rosenberg, pois presencia o auge de tudo o que sonhou fazer pela supremacia ariana, para depois estar presente na derrocada de todo o movimento que defendeu.

Como uma ponderação historiográfica, Fest traça um brilhante comentário sobre Hitler e sua atuação na Alemanha, complementando o que foi descrito anteriormente:

Se Hitler parecia anacrônico, no fundo foi mais moderno ou mais resoluto quanto a modernidade do que todos os seus adversários na política interna. O aspecto trágico da resistência

⁵⁷ Os aspectos mais pertinentes da vida de Rosenberg, estão sendo analisados de acordo com a sua escrita, conforme também é devidamente explicado nesta citação. Mas, somente com a leitura total do que está aqui proposto, se terá uma melhor compreensão.

conservadora residiu justamente em que sua clarividência moral tenha sido muito maior do que sua visão política: a Alemanha autoritária, profundamente imbricada em seus atrasos românticos, sustentava um combate sem esperança com o presente. A superioridade de Hitler sobre todos os seus rivais, incluindo-se os social-democratas, residia justamente em ter compreendido de modo mais penetrante e decisivo a necessidade de modificações. (FEST, 2017, p. 851)⁵⁸

O intelectual do Reich não trata propriamente do extermínio em seus escritos, mesmo ao longo da guerra, sempre trazendo à tona a questão da expulsão dos judeus para um local afastado e focando mais nesta etapa da Shoá. Intencionalmente ou não, foi deixado a entender que as mortes estavam acontecendo, ou seja, as palavras de Rosenberg podem terem sido dúbias e muito bem pensadas, talvez não desejando demonstrar provas reais de qualquer problema.

Com o início da guerra e com a posição contrária de grande parte dos ingleses em deixarem os nazistas completarem seus objetivos territoriais, assim como explica Churchill (2017), o autor dos diários passa a tecer críticas e apontar uma “tolice inglesa” em não ver as melhores vertentes de vivência. A capacidade econômica inglesa era percebida por Rosenberg, que não deixou de salientar em seus diários, descrevendo os exércitos das forças do Eixo como superiores a Inglaterra. Somando a estes pensamentos, o próprio Churchill tinha dúvidas de se conseguiriam vencer a guerra sem a entrada dos Estados Unidos, principalmente por conta da demora da preparação das nações contra o nazismo e com as diversas transgressões do Tratado de Versalhes, assim como também é exemplificado por Churchill (2017).

A capacidade das forças do Eixo não era totalmente compreendida naquele momento histórico, mas não eram tão poderosas como o intelectual nazista salientava. Sendo como é descrito por Evans:

E não era apenas a capacidade produtiva que faltava ao Eixo; reiteradas vezes suas forças foram derrotadas por conta da escassez de combustível; o [marechal de campo Friedrich] Paulus não conseguiu escapar do cerco do Exército Vermelho em Stalingrado, embora, desafiando Hitler, tenha tentado, porque seus tanques e caminhões não tinham combustível para

⁵⁸ Mesmo sendo uma citação que fala de Hitler, tem-se a pormenorização de como pessoas, a exemplo de Rosenberg, o apoiavam incondicionalmente, tentando até se assemelhar com tal figura emblemática.

percorrer a distância, e houve muitos outros episódios desse tipo. Do início ao fim da guerra, a Alemanha nunca teve mais do que 1 milhão de toneladas em reservas de petróleo, ao passo que a Inglaterra tinha 10 milhões em 1942 e mais de 20 milhões dois anos depois. (EVANS, 2018, p. 326-327)⁵⁹

Os relatos de Alfred Rosenberg sobre outras nações, se concentram basicamente nessa questão com a Inglaterra, o desprezo pelas atitudes francesas e críticas contra o comunismo de Stálin. E sobre o próprio intelectual nazista, Churchill traça uma breve descrição do mesmo sobre as opiniões dele a respeito da Escandinávia, comparando com o almirante Raeder e levantando a questão da tomada da Noruega:

Rosenberg, o especialista em assuntos estrangeiros do Partido Nazi e encarregado de um órgão especial que lidava com as atividades de propaganda nos países estrangeiros, compartilhava a opinião do almirante. Sonhava em “converter a Escandinávia à ideia de uma comunidade nórdica que abranja os povos nortistas, sob a liderança natural da Alemanha”. Logo no início de 1939, ele acreditou ter descoberto um instrumento para isso no Partido Nacionalista da Noruega, de caráter extremista, que era liderado por um ex-ministro da Guerra norueguês chamado Vidkun Quisling. Estabeleceram-se contatos e a atividade de Quisling foi vinculada aos planos do Estado-Maior Naval alemão, através da organização de Rosenberg e do adido naval alemão em Oslo. (CHURCHILL, 2017, p. 235)⁶⁰

Algo também mencionado nos diários seria a problemática dos judeus em relação aos estadunidenses, como se a entrada deles na guerra fosse algo instigado pela “judiaria” contra a raça superior. Em anos anteriores, mais precisamente em 1939, com o pacto entre a Alemanha e a Rússia, Rosenberg escreve uma parcela de sua insatisfação, configurando um dos poucos momentos de descrença do mesmo para com o seu líder, algo embasado pelos diários.

⁵⁹ Não há o que se discordar disto que foi explicado, porque os nazistas convictos, como Alfred Rosenberg, não notavam as próprias limitações de seu movimento, apostando tudo na “sorte estratégica” do Führer, que pouco a pouco foi se esvaindo.

⁶⁰ O que é descrito por Churchill ajuda a esclarecer um pouco mais da participação de Rosenberg em alguns setores da guerra, complementando o todo desta pesquisa aqui realizada.

Compensando isto, este líder nazista logo é acalentado pela providência de Hitler e uma garantia do mesmo de ser tudo parte de uma estratégia maior, o que realmente era, para se concentrar primeiramente em um front da guerra e assuntos diversos, como o extermínio e a obtenção de obras de arte. E como se trata de uma documentação com características da escrita de si, assim como foi abordado no segundo capítulo, tal gênero historiográfico que sofreu mudanças ao longo dos anos. Desta maneira a seguinte explicação de Levillain se torna pertinente ao tema, permeando transformações que podem ter se relacionado a ideologias e ao radicalismo em alguns lugares no pós-Primeira Guerra Mundial:

É provável que a exclusão da biografia pronunciada pela *École des Annales* e a chamada à cena do papel das forças profundas na História tenham se encontrado num terreno idêntico: o de uma democracia política que buscava um modo social igualitário, já que o pesado tributo pago à Primeira Guerra Mundial, o peso das ideologias, sobretudo no período entre as duas guerras, opunham a exaltação extrema do chefe à universalidade de uma classe e conduziam à prudência radical etc. (LEVILLAIN, 2003, p. 160-161)⁶¹

Subentende-se pelos diários, tendo-se respaldo da obra de Ian Kershaw (2010), que as ordens de Hitler poderiam não ser devidamente tratadas com uma burocracia administrava, ficando quase tudo a cargo da interpretação de comentários e conversas junto ao Führer. Todavia, Rosenberg era um dos poucos, senão o único, que insistia em ainda enviar relatos escritos para Hitler, tentando exclamar sobre aproveitadores de oportunidades dentro das incumbências que o mesmo era encarregado.

Além de tudo, Alfred Rosenberg não conseguia se sair tão bem ao tentar suplantando a briga interna entre muitos nazistas, isto de acordo com todo o respaldo já mencionado, mesmo aplicando aparências acadêmicas às suas explicações, como a que está a seguir em tradução livre:

Portanto, quem quiser ser nacionalista hoje também deve ser socialista. O socialista da frente cinza de campo de 1914-1918 deseja ter sua vida no estado. Sem o Estado, o marxismo nunca será superado e o capitalismo internacional também nunca será inofensivo. Por essas razões, é compreensível que uma medida

⁶¹ Esta incisiva citação proporciona a base dos assuntos que levam biografias e autobiografias a preferência popular, no qual os diários de Rosenberg ocupam um provável lugar de destaque.

socialista real - a ser interpretada como tal por suas conseqüências - seja neutra em relação à idéia de propriedade privada. Ele o reconhecerá onde garantir uma segurança para o todo e o restringirá onde oculta o perigo. Por esse motivo, por exemplo, a demanda por propriedade estatal das ferrovias e por bens pessoais é oprimida, a fim de fornecer a eles o pré-requisito para criações culturais e estatais. (ROSENBERG, 2018, p. 290)⁶²

Tão dúbios quanto as atitudes de Hitler, eram os pensamentos do intelectual do Reich, os quais, como demonstrado nos diários, estavam bastante expostos e da forma mais completa possível em seu livro, como no exemplo acima, acentuando o seu pensamento supremacista. As formulações das políticas de ocupação e execução das tarefas necessárias para o Reich, são tratadas em seus diários, mas com características mais brandas e de condições simples, as quais só precisaria de mais funcionários para executar.

Apesar disto, a responsabilidade de Rosenberg e a designação feita para o mesmo pelo próprio Hitler, mostram que as condenações contra o mesmo nos julgamentos de Nuremberg são plausíveis com as ações deste personagem histórico, como já fora descrito. Em relação aos seus inimigos, é evidente que os critica bastante, colocando a si mesmo como um dos únicos pensadores de sanidade em meio ao conflito pelo poder no nazismo, sendo esta última questão algo que aparenta desprezar e ao mesmo tempo faz parte.

Por diversas vezes nesta fonte documental, Rosenberg retorna a criticar aqueles que a poucos momentos estava elogiando, por não terem feito o que estaria estritamente no seu desejo. Deste modo demonstra ser uma pessoa arrogante e também extremamente dependente, porque pensava no melhor momento de rebater as críticas direcionadas a si, mas era alguém que possuía a necessidade de obter, na maioria das vezes, a aprovação de Hitler para expor ao público algumas de suas respostas.

⁶² Citação no original: Thus, whoever wishes to be a nationalist today, must also be a socialist. The socialist of the field grey front of 1914-1918 wishes to have his life in the state. Without the state, Marxism will never be overcome and international capitalism will also never be made harmless. For these reasons it is understandable that a real socialistic measure – to be interpreted as such from its consequences – will be neutral toward the idea of private property. It will recognize it where it ensures a security for the whole, and will restrict it where it conceals danger. For this reason, for example, the demand for state ownership of the railways and for personal estate are both oppressed, in order to provide them with the prerequisite for cultural and state creations. (ROSENBERG, 2018, p. 290)

Neste enredo argumentativo, Alfred Rosenberg tem exposto em seus diários, uma escrita sólida e congruente a respeito de repartições nazistas e de ações mais gerais. Após o prosseguimento de alguns momentos, o intelectual nazista retorna a manter um olhar crítico sobre seus rivais e inimigos, além de expor os seus anseios e suas frustrações ao tentar realizar qualquer tarefa que desejava. Faltaram detalhamentos mais importantes sobre questões nazistas, como o Holocausto, mas isto não quer dizer que esta fonte documental não esteja apta para mais análises no futuro. Porque como foi explicado, por se tratar de um diário e por causa da personalidade deste nazista, pontos cruciais não estariam necessariamente explicitados.

As informações aqui contidas, revelam pontos realmente interessantes e estabelecem uma maior bagagem documental sobre os comportamentos dos nazistas, obviamente mais do próprio Alfred Rosenberg. Além de também contribuir para aumentar e melhorar o entendimento sobre o Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães.

A Estrutura Nazista e os Conflitos Pelo Poder

Dentro dos variados meios estruturais do Partido Nazista, Alfred Rosenberg nem sempre ocupou um bom lugar, porque possivelmente não era valorizado pelo seu líder como pensava que deveria. Em diferentes momentos recebia funções em escritórios ou ministérios, que apesar de parecer que tinha grandes poderes de decisão, configuravam como posições subjugadas, sempre se tendo algum departamento com voz mais audível.

Mesmo para adentrar no Partido Nazista oficialmente, não foi algo realizado prontamente, principalmente por causa de receios diversos e de sua resignação de cunho intelectualista, que praticamente o impedia de tomar decisões importantes que poderiam trazer grandes mudanças. Neste meio, outros com mais atitude chegaram a se filiar primeiro, como um de seus principais e maiores rivais nas decisões de suas incumbências, Heinrich Himmler, que se tornou um partidário alguns meses antes de Rosenberg, no mesmo ano de 1921.

Este personagem histórico ocupou além do cargo de editor-chefe de jornal, muitos outros cargos, tais como o de pessoa encarregada para algumas questões de relações exteriores. Somando a isto e com o início da Segunda Guerra Mundial, adquiriu a função de obter os bens culturais das nações ocupadas, que fossem de interesse para o nazismo, ainda mais com a ocupação da França, depois sendo designado como responsável pela “educação” do Reich. Posteriormente, como Ministro dos Territórios Ocupados do Leste, aplicou um conjunto de quase todas as funções anteriores, conflitando com outros nazistas por mais liberdade de comando. Tudo isto já foi devidamente detalhado no primeiro capítulo, que configura aqui como uma retomada importante.

Desta maneira, são esses seletos e determinados conflitos de interesses que causam as complicadas “brigas” por ganho de favores e de poderio dentro do nazismo. Na maioria da bibliografia sobre o fascismo alemão, nota-se que Hitler estava ciente desses interesses e das ações de cada um ao seu redor, mas aparenta que o mesmo desejava que tais ocorrências fossem perpetradas, para que todos se esforçassem em cumprir as demandas e ao final, poderia escolher quem mais lhe agradou. Com tal evidenciação, ficam claras quais tipos de ações mais se interessava que fossem realizadas, quase sempre preferindo a ação mais rápida e enérgica do que o embate intelectual, como o de Rosenberg, algo comum na maioria dos nazistas.

Mantendo como foco os conflitos mencionados e uma parcela da organização ministerial antes e durante a guerra, no dia vinte de outubro de 1942 Rosenberg escreve algo, que ajuda a exemplificar isto:

Longa consulta com Runte sobre a questão da reorganização do Ministério do Leste. Meu ministério é altamente desconfortável em todos os lugares. Pois subitamente a onipotência de quase todos os departamentos é suspendida num território gigante e todo o conhecimento especializado inserido numa linha política que não está mais sob responsabilidade dos departamentos do Reich. Por essa razão, desde o começo o intento desses últimos é formatar o Ministério do Leste como um lugar de assessoramento, mas a si próprios como órgãos governamentais. Tal desenvolvimento seria o final de uma unidade no direcionamento político no Leste, já suficientemente ameaçada por diversos plenos poderes. Por essa razão, procurei – também ao montar as representações setoriais – uma centralização interna do departamento, de maneira que não possa haver uma linha direta que desça até os comissariados regionais. Devem ser criadas 10-12 divisões ministeriais que

correspondem aos departamentos governamentais! Certo, não tenho nada contra 12 diretores ministeriais, mas esses têm de ser centralizados também – e num nível mais elevado. Minha primeira exigência: 2 secretários de Estado. A proposta foi aceita com um pouco de descontentamento. – Internamente é claro que tenho dificuldades de pessoal, porque algumas divisões principais enfraquecem e outras se fortalecem. – Tudo terá de ser discutido ainda em detalhes. (ROSENBERG, 2017, p. 464)⁶³

Nota-se que os seus escritos não trazem uma ideia muito pormenorizada das divisões administrativas do Reich, somente tendo-se um contexto mais geral para se interpretar. Mesmo assim esse ponto abrangente ainda ajuda, a exemplo desta citação, em que aborda a presença de inúmeros departamentos na administração nazistas, estes que possuem poderes exacerbados de decisão, esbarrando nas incumbências sob outra responsabilidade. Vale ressaltar que na maior parte de sua escrita são aplicadas denominações diferentes para os seus colegas de partido ou para seja quem for, como dizer que teve uma “longa consulta” com Runte, se referindo ao marechal de campo Karl Rundstedt.

Os conflitos pelo poder também visavam diminuir a autoridade de alguns e aumentar enormemente o alcance de outros, tornando-os quase inatingíveis pelos últimos citados. Por conta disto Rosenberg demonstra tentar prevenir-se contra o que quer que seja que o afetasse, ainda mais quando ficou a cargo do Leste, porque empregou uma quantidade reduzida de pessoas que poderiam ser confiáveis e ao mesmo tempo, mais fáceis de se vigiar. Neste meandro, também poderiam ser criadas dificuldades de atuação, não levando em conta que muito disto poderia estar sendo causado pela desconfiança exagerada e pelo seu próprio modo de agir, proporcionando cada vez mais inimigos do que amigos.

Convém explicar brevemente sobre partes da divisão administrativa do Reich, que não está detalhada nos diários, mas que é respaldada por toda a bibliografia analisada, algo necessário para uma contundente compreensão do assunto. A começar pelas primeiras conquistas alemãs, que configuravam países como a Áustria e parte da Polônia, sendo territórios chamados comumente de Grande Alemanha, os quais Hitler deixou um nazista encarregado em cada um desses países, como um líder provinciano.

⁶³ As citações desta parte em diante são da publicação: MATTHAUS, Jurgen; FRANK, Bajohr, Org. Os Diários de Alfred Rosenberg 1934-1944. São Paulo: Planeta, 2017.

Acima do líder provinciano tinham-se os ministros e suas atribuições, como o Ministro da Propaganda, o Ministro para os Territórios Conquistados do Leste, Ministro das Relações Exteriores, entre outros. Tinha-se também uma designação que praticamente se encaixava entre as funções de líder provinciano e de ministro, estes eram os chamados *Reichskommissariat* (Comissariados do Reich), que eram setores administrativos dirigidos por comissários.

Por vezes estes comissariados englobavam mais de um país, porém eram comandados pelo ministro de tais territórios, como os de Rosenberg, que assim como está escrito nos diários, repassou uma proposta para Hitler, com a pretensão de se criar o *Reichskommissariat Turkestan-RKT* (Comissariado do Turquestão).

Problemas fiduciários: a agricultura quer uma agência própria. – Ela parece sempre como um corpo fechado. Não é fácil lhe explicar que se trata de um departamento de um organismo que está surgindo. No mais, os líderes da agricultura realmente fizeram um grande trabalho, do qual muitos não têm ideia das dificuldades. (ROSENBERG, 2017, p. 473)

Já nesta outra passagem dos diários, do dia dezoito de novembro de 1942, pode-se perceber que em determinados afazeres eram criados departamentos específicos para tratar destes problemas, assim como na agricultura. Compete a isto a organização de carregamentos de grãos que seriam enviados para o Reich, valendo lembrar que haviam pessoas que tinham que trabalhar “voluntariamente” no campo, como parte da educação nazista. E ainda se teve a questão de realocar alemães para territórios ocupados, como já foi exemplificado.

Por diversas vezes, a subdivisão administrativa e operacional era tão grande que os poderes de decisão ficavam todos confusos entre os indivíduos que lideravam, o que explica parte dos diversos conflitos pelo poder. Dentro das próprias províncias nazistas, que já eram divisões dos comissariados, subdividia-se ainda mais, com prefeituras em prol do regime, além do que foi explicado, das funções e afazeres essenciais, a exemplo da própria propaganda e do policiamento.

A estrutura nazista ficava mais complicada e fragmentada com o passar do tempo, conforme mudavam seus interesses e abordagens, contendo até

mesmo instituições e agremiações com presidentes e seus similares, que muitas vezes demonstravam ser extensões de líderes maiores naquele setor, como Rosenberg. Convém novamente trazer outro exemplo dos diários, que é do dia trinta de novembro de 1942, exemplificando não só os conflitos como também está outra particularidade estrutural:

À tarde, com o presidente do Instituto Arqueológico, consulta breve sobre pesquisas no Leste. – Stellrecht relata sobre a conferência de treinamento bem-sucedida em Magdeburg. Schmidt e prof. V. zur Muhlen voltaram da Ucrânia. Lá, reforço do “curso rígido” – mas, sim, o recuo de decretos imprudentes: o fechamento de institutos de pesquisa que são extremamente importantes para a pesquisa alemã. P. ex., inoculação da turfa com bactérias, que conseqüentemente se retrai e assume uma forma de coque, também problemas geológicos. (A SS tirou de Dniepropetrovsk todas as teses de doutoramento sobre geologia. Sch.[midt] deve investigar e pedi-las de volta.) (ROSENBERG, 2017, p. 478)

Nesta outra citação, evidenciam-se mais abreviações e diferenciações de nomes aplicadas nos diários. E ainda é mencionado o Instituto Arqueológico, que possuía o nome *Ahnenerbe Forschungs und Lehrgemeinschaft* (Comunidade para a Investigação e Ensino sobre a Herança Ancestral). Pelo escrito, torna-se aparente que as instituições e outros agrupamentos se mostravam basicamente como uma extensão do poderio do Reich, o que é óbvio, com algum nazista de confiança exercendo a liderança, mas não sob o controle intransigente de Rosenberg.

Mesmo antes da guerra, as produções da Alemanha estavam visando o conflito futuro, isto com os seguidores mais fiéis, como Rosenberg, acreditando e confiando plenamente em Hitler. Desta maneira os nazistas moviam, como subentende-se em obras de historiadores como Bertonha e Evans, toda e qualquer instituição que controlavam, em prol de seus anseios últimos, contendo a acentuação da Alemanha como maior e melhor nação mundial.

Concomitantemente, as tentativas de angariar poder se entremeavam até em institutos como os de pesquisa, principalmente naqueles que realmente aparentavam poder trazer resultados promissores ou que já tinham dados de relativa importância. Sob tais auspícios, Rosenberg conflitava com pessoas como Himmler, já que era um indivíduo designado para a educação do Reich e

o líder da SS queria ter as suas forças nas mais variadas atribuições, tendo em mente que a Juventude Hitlerista era educada nos moldes do treinamento da SS, como é evidente na obra História Revelada da SS (KOEHL, 2015).

Em relação a este tipo de conflito, Rosenberg aparenta sempre se preocupar em apontar críticas a seus rivais nos diários, assim como é exemplificado pela passagem datada do dia vinte e dois de maio de 1934:

De todo modo, porém: nova piora no estado de ânimo. E nada do que deu origem a isso era necessário, nem o número do Sturmer nem a forma do discurso de Goebbels, onde o agitador de 1928 superou mais uma vez o ministro no auto enlevo resultante do discurso e diante do aplauso barato para os argumentos antisemitas. (ROSENBERG, 2017, p. 133)

Deixando claro o que já foi comentado, Rosenberg aplicava um criticismo incisivo nas ações dos correligionários que não tinha simpatia e se caso eles recebessem alguma congratulação, para este personagem histórico seriam “atitudes vazias”, conforme está descrito na citação anterior. Ao que aparenta, em todo o conteúdo dos diários se tem menções, sejam pequenas ou grandes, das desavenças dentro de toda a cúpula nazista, o que também é respaldado por toda a bibliografia sobre este regime.

Notadamente percebe-se o fato de que o nazismo manteve, desde o seu cerne mais simples ao ponto mais extremo, problemas entre os partidários, com cada um tentando prevalecer acima do outro. Poderia ocorrer também a intencionalidade de algum líder nazista de determinado departamento, que desejaria ter uma pessoa de sua confiança dentro de outro setor, para desta maneira conseguir informações privilegiadas e poder planejar meios de se favorecer, algo mencionado por Rosenberg, mas com breves respaldos bibliográficos.

Como exemplo desta questão duvidosa, pode-se dizer que Alfred Rosenberg poderia ter alguém que lhe mantivesse informado dos afazeres de Goebbels, ao mesmo tempo que o Ministro da Propaganda poderia ter cooptado alguém do ministério de Rosenberg, com um conseguindo a informação do outro e vice-versa. Como deixa a entender algumas partes dos diários, poderiam surgir problemas para se conseguir informantes dentro das outras partes da

administração nazista, o que acabava gerando algo comum no nazismo, que era a coação de pessoas para conseguir aliados.

Entre estas coações, poderiam ocorrer chantagens, repressões violentas, subornos e uma maior gama de meios corruptos para fazer com que alguém fornecesse informações. Isto poderia, como condição vis-à-vis, fazer com que alguns nazistas mais joviais criassem alguma aversão a determinados ideais do partido, porém sendo casos mais raros.

Sendo assim, a obtenção de informantes poderia incorrer em um tipo de “faca de dois gumes”, além de que talvez este cidadão utilizaria de tudo o que conseguisse para prejudicar e lucrar acima dos próprios líderes para quem trabalhava. Demonstrando-se desta maneira, que a confiança entre os nazistas era estabelecida por uma linha tênue ou quase sempre nem existia, pairando uma desconfiança do próximo em cada setorização possível.

Inicia-se agora um verdadeiro cabo de guerra sobre questões culturais. Para onde quer que eu vá, escuto queixas unânimes sobre a falta de direção da Câmara de Cultura do Reich. Ou seja, no campo também se tem consciência da confusão que acontece ali. Velhos camaradas judeus como presidentes, advogados dos vermelhos em postos estratégicos, “nazistas” incapazes, entre eles algumas pessoas competentes, que se sentem mais do que desconfortáveis. E mais discurso de Goebbels sem substância, que abrangem de maneira rasa todos os problemas sérios. É lamentável. Colocam suas esperanças em mim, mas, pelo fato de que um nazista é presidente da Câmara de Cultura do Reich, é difícil criar uma outra organização partidária sem a Câmara ou a Câmara contra ela. (ROSENBERG, 2017, p. 137)

Neste escrito datado do dia cinco de junho do ano de 1934, o autor dos diários destaca questões relevantes do nazismo na época em que se estabeleceu no poder alemão, lidando com os supostos problemas dos grupos odiados e também com as atitudes de alguns correligionários. Todavia ainda como ponto principal, está o que era relacionado ao meio administrativo dos departamentos para fins ligados ao que é viável para os nazistas, como a parte cultural, em que seria promissor, na opinião dos partidários, se dedicar para divulgar e melhorar a imagem do nazismo por meio das *Reichskulturkammer-RKK* (Câmara de Cultura do Reich).

Estas câmaras faziam parte da atuação de promover o nazismo, no qual Rosenberg percebia a si próprio como indispensável. Mas o que os preocupava naquele momento de estabelecimento do poder, era a atuação dos seres subversivos em postos que poderiam corromper o partido e até mesmo o regime como um todo. Especificamente neste ponto, os comunistas e os judeus, pelo que se entende nas palavras de Rosenberg, poderiam até ser competentes, porém também desejavam ser realocados, por conta da ideologia em voga na Alemanha. Sabe-se que esse realojamento era uma das fases da Shoá, que prosseguia a outros desdobramentos, como as prisões, deportações, trabalhos forçados e execuções, a exemplo do que foi explicado no primeiro capítulo.

Não poderiam faltar, como é óbvio, as intrigas pelo poder até mesmo nestes momentos de articulação de ideias e remanejamento da cultura alemã, que Rosenberg faz questão de relatar e aplicar as suas ponderações. É evidente que ao longo dos diários estas críticas se concentram em dois principais líderes nazistas, o chefe da SS Himmler e o Ministro da Propaganda Goebbels, os quais o intelectual nazista sempre destaca os problemas dos mesmos e suas supostas incapacidades para o Reich. Havia aqui um misto de rivalidade e também de simples ciúmes.

Alfred Rosenberg se via como alguém que deveria estar ocupando o cargo dos líderes mencionados acima, isto com base nos diários, pensando ser um dos poucos que entendiam verdadeiramente as problemáticas enfrentadas pelo regime nazista.

Aparentemente, os problemas por mais autonomia e supremacia extrapolavam as fronteiras do partido político, adentrando nos discursos proferidos e nas obras que muitos desses líderes publicavam. Exemplificando este comentário, teve-se um livro escrito por Goebbels, que tem como título Comunismo sem a Máscara e Bolchevismo na Teoria e Prática,⁶⁴ o qual Rosenberg aborda na anotação do dia sete de julho de 1934:

Aquilo que Goebbels escreve em seu livro sobre Strasser é apenas um coice de um rival triunfante, que se sente em segurança. Ele despertou todo o tipo de antipatia. Como o livro no geral, que recebeu uma crítica pública acompanhada de longos aplausos numa reunião de Gauleiter como sendo

⁶⁴ Título em inglês: Communism with the Mask Off and Bolshevism in Theory and Practice.

resultado de vaidade e autoincensamento. (ROSENBERG, 2017, p. 150)

Agora na questão das publicações, estas obras se caracterizavam como meios culturais para se ter a disseminação de ideias, servindo para ganhar mais apoio, o que Rosenberg incessantemente evidencia, como no fato de sempre acompanhar as vendas de seu livro. Este tentava ao máximo apontar o mínimo possível como sendo um problema grandioso na obra do outro. A exemplo das opiniões de Goebbels sobre Gregor Strasser, antigo rival de Hitler, que embora o intelectual nazista concordasse com o Ministro da Propaganda, teria pensado que os apontamentos foram muito superficiais e com pouca lógica. Além disto, muito do que escreveu na forma de críticas a outros, talvez pode ser comparado a sua própria personalidade demonstrada ao longo de toda a escrita dos diários.

Em contrapartida, isto que é exposto por Rosenberg também configura a sua própria vida e seu *modus operandi*. Pois descreve várias vezes os períodos de triunfo e segurança acima dos seus inimigos, se animando por muitos momentos com alguns duvidosos aplausos recebidos.

Não se pode deixar de mencionar, ao se tratar da estrutura nazista e dos conflitos pelo poder, as pequenas confederações, as sociedades e outras decisões administrativas para o povo alemão. Tudo funcionava no intuito de promover os ideais explicados e ganhar apoio por meio de algumas ações simplórias, corroboradas pelas opiniões do líder nazista aqui pesquisado. Com isto, um parágrafo escrito no dia vinte e seis de dezembro de 1934 se torna muito importante, por mencionar um pouco estes pontos e também criticá-los:

Ideologicamente me enxergo mais uma vez como há 6 anos, quando tive de enfrentar aguerridos opositores a fim de manter a clareza da linha nacional-socialista. Hoje, gente pequena e ambiciosa ocupa-se da “Força pela alegria”, presa na agitação das massas. Por essas pessoas, voltaríamos ao pão e circo da Roma Antiga – seguido por uma derrocada intelectual e econômica de nosso teatro. Do outro lado, apenas fachadas representativas. – A comunidade cultural nazista, apesar de ambos, se desenvolveu sempre mais: exposição “a seleção I”, promissora, estimulante. Exposição: artes manuais um sucesso total. O escritório organizou uma exposição de livros “Alemanha eterna” – esplêndida. A Sociedade Nórdica cuida com todo dos relacionamentos nórdicos, para que ao menos haja algo com que se conectar no futuro, visto que os ingleses nos afastaram do mercado do mar do Norte – outro “sucesso” de nossa política

externa. Por mais brilhantemente que o Fuhrer possa iniciar as coisas, em outro momento os sabotadores e os burocratas destroem o que foi construído. É uma tristeza constante. (ROSENBERG, 2017, p. 167)

Uma das políticas dos nazistas que realmente se assemelha ao que Rosenberg mencionou, sobre a Roma Antiga, é a instauração da Força pela Alegria. Esta foi uma organização política visando controlar os meios de lazer da população e dos soldados, tudo por meios obrigatórios para fazer com que todos seguissem o raciocínio nazista. Essa organização fora criada em 1933, fazendo parte da Frente de Trabalho Alemã, que também regulamentava os trabalhos designados para a população, na básica pretensão de aumentar os rendimentos e a qualidade do desempenho das pessoas.

Somando ao Força pela Alegria tinha-se até mesmo viagens de cruzeiro, principalmente para membros da SS ou ainda, concordando com as ideias de Rees (2018), para aqueles que se destacavam em sua colaboração para com o nazismo. Também houveram grandiosas propagandas sobre um carro que seria barato, compacto e acessível para todos, que desfrutariam da liberdade de dirigir nas autoestradas alemãs idealizadas por Albert Speer.

Já no caso das mencionadas sociedades durante o regime nazista, estas estavam presentes para tentar fazer prevalecer o ideal nacional-socialista, além de conseguir benefícios para si. Mas acima de tudo, configuravam como meios de alcance do nazismo aos vários setores da sociedade, como a dita Sociedade Nórdica. Estes grupos expressavam ideias seletas, como o ideal ariano de superioridade e toda a mística envolvida. Assim, não é de se admirar que Alfred Rosenberg destaque tais grupos, possivelmente querendo envolver as características deles ao seu objetivo de ensino no Reich.

Em meio a todos esses apontamentos, não poderiam faltar os conflitos entre seus membros, a exemplo da questão da política exterior, a qual Rosenberg se propõe a demonstrar os fracassos ou a culpa de mal desempenho nesta política, sem levar em conta a política externa das outras nações, como explicado no primeiro capítulo. Como adendo, as pessoas encarregadas dos outros meios, como o Força pela Alegria, estariam desenvolvendo todo um aspecto de corrupção. Nisto o intelectual do Reich dizia notar os possíveis

problemas, até tentando desenvolver soluções, mas seria incapaz de colocar em prática por causa da posição que exercia.

Alfred Rosenberg demonstra, claramente, não confiar em suas colegas de partido, o que é bastante exposto nos diários, principalmente entre 1943 e 1944. Nestes anos, este líder nazista indaga o porquê de muitas de suas requisições não estarem chegando as mãos do Fuhrer. Envolvendo tal fato, passa a desconfiar do secretário pessoal de Hitler, Martin Bormann, pensando que este nazista poderia estar manipulando o acesso e as informações para Hitler. Isto conforme foi discutido no primeiro capítulo.

Proferindo críticas a dois sujeitos simultaneamente, configurando uma provável confusão de pensamentos, Rosenberg traz o seguinte na passagem do dia sete de agosto de 1943:

Se esses métodos de B. saíssem vitoriosos, então o trabalho de minha vida teria sido em vão. Difamar e executar homens honrados, sem ouvi-los, com poder comprado por meio de milhares de mortos e sendo camarilhas de salão – isso é algo que o NSDAP não suporta a longo prazo e nem o decente povo alemão. Nem os métodos de B., muito menos a “propaganda” do dr. Goebbels correspondem à decência de nosso pensamento e de nossa luta. – Mas dizer isso na cara do Fuhrer não adianta nada – ele consideraria isso um ataque contra colaboradores considerados capazes, talvez como inveja de um “teórico” contra “homens da prática”. (ROSENBERG, 2017, p. 502)

Ao analisar os diários, muitas questões precisam estar claras, como o significado das abreviações e também o porquê de determinados pronomes de tratamento relativamente sofisticados. A começar pelas abreviações de nomes ou siglas, que como já foi mencionado, Rosenberg fazia uso constante em seus diários, como na citação acima em que se usa somente a letra B para quando queria dizer algo sobre Bormann, o que necessitou para esta afirmação, uma contextualização dos escritos anteriores e bibliografias adicionais.

Já no caso do tratamento, os escritos deixam a entender que tais nomenclaturas eram mais voltadas para a formação da pessoa, com significância para a parte educacional que tal indivíduo atingiu, semelhantemente a atualidade. Assim, Goebbels é chamado por “dr” antes do nome, porque ele atingiu um grau de doutoramento em filosofia. Esse tratamento utilizado não passa de uma formalidade que embora perpassasse por conflitos de poder e

liderança, a maioria dos nazistas não deixavam de faltar as normas comportamentais, novamente a exemplo dos dias atuais, quando um juiz ou um político é chamado de “Vossa Excelência”.

Porém Rosenberg aplica um sentimento de superioridade até ao formular o que pretende escrever com menção a alguém que não apreciava, como se fossem grandes discursos para serem proferidos a uma plateia de nível extremamente culto de sabedoria, algo que por vezes poderia não ser o caso. Aparenta que o mesmo rejeitava até as maneiras mais simples e informais de se manter uma conversa ou escrita, o que deixa evidente o repúdio de alguns nazistas em conversar ou trabalhar com o mesmo, que ficava cada vez mais isolado na hierarquia do regime que seguia.

Por conta dos escritos, é notável algo que já se mostrou parcialmente em muitas obras sobre a estrutura nazista, que é a grandiosa preocupação com a imagem pessoal em primeiro lugar, prosseguindo para uma preocupação com a imagem do próprio Reich. Este ponto não só entremeia com o que foi explicado dos pronomes de tratamento, como é uma questão mais aprofundada, tendo preocupações em como se comportar, a visão que queriam que outros nazistas tivessem de si e a ideia de ser uma pessoa culta, querendo transparecer a sua intelectualidade.

Em somatória, só se debatia os assuntos pertinentes ao nazismo nas horas adequadas, para não trazer visões errôneas em momentos nada propícios. Isto é semelhante em vários momentos, os quais Rosenberg desejava realizar um discurso ou pronunciamento mais enfático sobre a luta contra os judeus, mas se atendo a ter a aprovação de Hitler para empreender tal ação.

Então a estruturação de todo o regime nazista era bastante complicada, subdividindo-se diversas vezes em funções, atribuições e localidades distintas, até não levando em conta a capacidade dos seus próprios integrantes. Desta maneira, os conflitos pelo poder se desenrolavam, com muitos líderes nazistas procurando acumular o máximo de capacidade administrativa quanto fosse possível, para ter uma melhor imagem frente ao Führer, mantendo o lucro pessoal como ponderação quase principal, lucro este que era mais atribuído a características de poderes políticos e administrativos.

Mesmo assim, pode ser notado que Alfred Rosenberg também visava ganhos próprios, mesmo que criticasse quase todos que ocupavam cargos que

almejava, principalmente quando não recebia o destaque desejado. Atuava em prol da ideologia que defendia, mas não se pode esquecer que era uma pessoa bastante ambiciosa, desejando cargos melhores, com tudo de mais gratificante que viesse a alcançar.

Antissemitismo, Religiosidade e a Ideologia Nazista

Ao se falar de quase qualquer grande movimento ou regime que existira ao longo da história, uma ideologia sempre esteve em seu cerne, mantendo um intuito de mover seus correligionários e de conseguir o apoio popular. No núcleo destas ideologias encontram-se maneiras de viver e ao mesmo tempo controlar todos os aspectos possíveis da sociedade, sem o mínimo de liberdade de atuação para os cidadãos, como nota-se em Bertonha (2008), muitas vezes acontecendo em detrimento de alguns grupos, que acabam sofrendo de diversas maneiras.

Piorando esta situação, quase sempre se tem entremeado o aspecto das religiões, estas que exercem um forte papel na mentalidade popular e também em seletos líderes, aderindo a uma ponderação intrinsecamente ideológica. Vale lembrar o que já foi explicado, de que as ideologias estão sempre certas para quem as defende e aplica, nem sempre sendo pautadas em realidades, visando um possível destino utópico, como fica evidente pela obra de Kolakowski (1990).

Levando-se em conta o que fora discutido na seção anterior, este item será de exploração da questão ideológica nazista, com base nos diários, envolvendo o antissemitismo e o conflito de Rosenberg com a religiosidade de maneira geral. Claramente, por se tratar de uma fonte historiográfica de escrita de si, não estará delineado todos os adendos do nazismo, mas a tentativa aqui é a de argumentar e debater pelas palavras do intelectual do Reich.

Deste modo se tem o regime nazista, com um líder que se pensava quase divino, envolvendo questões místicas de providência e negando o cristianismo, para posteriormente planejar instalar uma vertente própria, esta que pessoas com dizeres baseados em estudos e ponderações espúrias ajudaram a construir, como o próprio Alfred Rosenberg.

É certo que algumas instituições que não concordavam com o ideário nazista não ficaram estagnadas em sua totalidade, mas também não exerceram a pressão necessária, como a própria Igreja Católica, que tentava pregar formalmente contra o que estaria explícito nos livros nazistas, como o de Rosenberg. E trazendo à tona os pensamentos de Paxton (2007), o nazismo nada mais era do que um fascismo aplicado por radicais alemães, tendo em vista que não há um fascismo igual ao outro, já que a ideologia fascista foi diferente por uma grande variedade de aspectos, como pelos seus diversos líderes ou regiões de aplicação.

Muitas das críticas voltadas a Rosenberg, provenientes da Igreja e de sua sede em Roma, eram levadas com escárnio e como uma convicção de que estaria realmente fazendo um bom trabalho, já que taxava o Vaticano de um “antro problemático de perversão”. Uma parte dos diários que exemplifica isto, esta datada do final do dia vinte e seis de dezembro de 1934:

Ou seja, o contra-ataque de Roma tem de ter sua resposta. Eles perceberam que agora que tudo está em jogo e 2 mil anos de eclipsamento estrangeiro serão explodidos. O Osservatore Romano escreve, furioso, que eu sou muito mais perigoso do que o Movimento Alemão pela Fé [Deutsche Glaubensbewegung]. Também acho, porque no nível da batalha por valores, a luta de Roma não tem mais tantas boas perspectivas quanto antes. O cristianismo romano está construído sobre medo e humilhação, o nacional-socialismo sobre coragem e orgulho. Agora os pregadores romanos têm de falar até do “cristo heroico”, a fim de manter o passo. Tomara que essa nova tentativa de falseamento dos senhores pios chegue tarde demais. A grande transformação começou. (ROSENBERG, 2017, p. 169)

Os nazistas aparentam, por estes dizeres, querer impor um tipo próprio de cristianismo, porque demonstram notar aspectos que em algum período já foram promissores dentro desta religião e que provavelmente caberia ao nazismo a incumbência de resgatar a pureza e aplicar os novos modos. Como um porquê da não exclusão total com o catolicismo, se tem a questão deste ideal ter muitos adeptos na Alemanha. Estas pessoas somente com o tempo e com uma atuação incessante do partido, seriam realmente “convertidos” a uma fé que glorificaria a nação alemã, conforme era intencionado e, respaldado pela bibliografia analisada.

Nos escritos de Rosenberg, as perspectivas adotadas pelos nazistas estariam dignas e promissoras, que até mesmo uma religião de longa data como o cristianismo deveria se adaptar para trabalhar “conjuntamente” com o nazismo, que seguia adquirindo cada vez mais espaço. Mesmo assim, este líder nazista percebia a eloquência que a Igreja tinha, principalmente com o jornal do Vaticano, o *Osservatore Romano* (Observador Romano), e conseqüentemente, torcia para que a mesma não tivesse sucesso em suas tentativas de modificação de velhos valores. Tal pensamento ocorria porque a suposta verdadeira transformação que este líder nazista intencionava, somente seria alcançada pelo completo banimento dos valores de Roma, no que diz respeito ao cristianismo, juntamente com a total imposição dos modos nazistas.

Em uma perspectiva de valoração de ideais, este personagem histórico desaprovava tudo o que pôde sobre o papa, sobre a Igreja de Roma, sobre o modelo de cristo adotado pelos cristãos e enfim, todos os aspectos pertinentes para com aquela religião. Neste meio, o ideário nacional-socialista era pretendido como algo superior, elevando o indivíduo e o Estado-nação ao invés de um conjunto diversificado de valores, que na visão nazista poderiam levar a um caos e não a ordem.

A luta ideológica parece ganhar formas cada vez mais nítidas. O infesto cardeal Faulhaber falou em Munique e entre outros atacou minha obra de maneira mais venenosa; visto que não se ousa ainda tocar no Fuhrer, querem desacreditar seus colaboradores mais perigosos. A resposta ao homem não passará em branco. A bem da verdade, tendo em vista as novas leis, eu poderia acusá-lo e mandar prendê-lo; mas como Faulhaber tem uma estatura política maior, isso seria improdutivo politicamente. Melhor haver uma atmosfera na qual o povo ao redor dele e de seus iguais se desvie deles quando os vir. (ROSENBERG, 2017, p. 176-177)

Como ainda existiam alguns religiosos de repercussão na Alemanha a época do escrito citado, datado do dia vinte e quatro de fevereiro de 1935, tais pessoas faziam o que podiam em combater o nazismo. Porém até mesmo por medo, pessoas como este cardeal Faulhaber focaram em outros líderes nazistas, como Rosenberg. Todavia não é só por isto que este nazista se torna quase um alvo, pois era um dos que mais atacavam a Igreja, publicando a sua obra-prima já mencionada, a qual também fazia inúmeras insinuações insidiosas

da lógica católica e cristã, expondo que estaria estagnada na problemática de não ajudar a nação.

Levando-se tudo isto a uma contundente ponderação, Rosenberg demonstra ver o seu livro como obra fundamentada, em contrapartida a visão dos religiosos como sendo um perigo para a cristandade, configurando desta maneira quase como uma represália o fomento das críticas levantadas pela maioria dos padres, cardeais e até mesmo o papa, contra as manifestações antirreligiosas do nazista em questão. De todo modo, em diversas passagens não se tem uma clareza sobre os nomes dos religiosos que criticava, utilizando de abreviações e menções que somente o próprio autor dos diários poderia compreender totalmente, mesmo que alguns tenham sido desvendados pelos organizadores desta publicação.

Um orgulho cego também pairava sobre este nazista, que de dentro de seu meio intelectual aparentava preferir contradizer seus opositores em meio a uma audiência, que muito provavelmente concordaria mais com suas ideias, o que é corroborado no livro *O Diário do Diabo* (2017).

Quando se via encurralado pelas atitudes de opositores, Rosenberg demonstra enfurecer-se, mas tentava remediar a situação, o que fica evidente quando é explicado alguns dos alcances que poderia ter com as forças nazistas, como prender aqueles que minavam sua paciência. Enfaticamente nos primeiros momentos do Partido Nazista no poder, diversos cidadãos com influência política nacional, teceram ponderadas críticas mesmo que corressem riscos de vida, tendo-se a possibilidade da repercussão que poderia ser gerada caso algum problema lhes acontecesse.

Alfred Rosenberg atribuía possíveis traições nacionais a alguns de seus inimigos, isto nas páginas dos diários, o que demonstra serem tentativas desesperadas de angariar apoio. A vertente fascista defendida por Rosenberg não focava somente contra um grupo em específico. Desta maneira, nota-se nos diários de Rosenberg, no que fora escrito também no dia vinte e quatro de fevereiro de 1935, mais menções a outro grupo religioso que teria trabalhado contra Rosenberg:

Também os “protestantes” lançaram novamente 1/2 dúzia de brochuras contra mim. No geral, decentes na forma, todas iguais

no conteúdo – e tediosas. Eles não protestam mais contra Roma, pois descobriram uma porção de “confissões comuns”. Então só resta perguntar por que eles não voltam logo de novo para Roma! Ao grande curral de cordeiros do qual saíram erroneamente e agora estão parados ao lado, passando frio. (ROSENBERG, 2017, p. 179)

Nesta breve parte, percebe-se que não só o catolicismo atuou de alguma forma contra o nazismo, virando um alvo subsequente, como também os protestantes atuaram em muitos momentos, trabalhando conjuntamente com o cristianismo de Roma, pois possuíam uma causa comum de oposição ao nazismo. Mesmo assim, como um intelectual do Reich, é mais do que evidente que atraísse mais inimigos nos grupos sociais contrários, que o mesmo faz questão de construir críticas enfáticas, além de promover diversos autoelogios.

Piadas desmoralizantes e comentários sem muita sutileza não faziam parte do vocabulário dele, como já foi mencionado no início deste capítulo, ficando isto bastante restrito a poucas partes de seus diários, quando expõe as suas verdadeiras opiniões. Nesta citação em específico, Rosenberg compara Roma a um curral, debochando da forma de culto a uma divindade única, que é empregada por muitas religiões e afins, talvez esquecendo do fato de que seus próprios escritos deixam claro uma vontade de pregar um cristianismo adaptado ao nazismo.

Também é evidente o fato de o este líder nazista não compreender muito bem o porquê de receber tantos ataques, até pelos protestantes, tendo em vista os problemas que dizia enfrentar com os católicos. Em meio a sua incompreensão, não se pode deixar de ressaltar que independente do grupo visado, o mesmo escrevia com uma aversão do seu adversário. Além disto, existia a questão do ego, algo que acontece repetidas vezes e praticamente sem raciocínio lógico.

O próprio Rosenberg menciona alguns nomes de religiosos que o teriam apoiado, tanto em suas críticas quanto em suas análises. Também ressalta que estas pessoas desejavam combater outros inimigos da ideologia nazista. Para exemplificar estes comentários, se tem o escrito datado do dia quinze de março de 1935:

Pastor Butzow esteve duas vezes comigo: quer frear os velhos em meu favor. Tenho de hesitar, pois bater muito cedo às vezes é perigoso. Também não dá para soltar a Juventude Hitlerista. Vou anunciar uma postura geral para confrontar as teses dos protestantes, hoje tão antiprotestantes com uma autoridade baseada em palavras. (ROSENBERG, 2017, p. 183)

Mesmo que demonstrasse ter atitudes próprias, por passagens como esta, nota-se que o intelectual do Reich poderia também estar sendo usado por outros, angariando o ódio de grupos para si, ao mesmo tempo em que combate opositores que também seriam inimigos de outras vertentes de pensamento, o que é demonstrado pelo apoio do pastor citado. Os argumentos expressados nos diários demonstram uma insegurança do mesmo em relação a quase tudo, principalmente para com as tarefas vigentes dentro do Reich, sua posição na hierarquia nazista e quem quer que fossem os seus inimigos.

Chegasse assim a algo bastante promissor nesta área analítica, que é o fato de Rosenberg aparentar não conhecer aspectos mais intrínsecos de seus inimigos. É demonstrado conhecer somente o básico superficial para construir críticas debochadas e praticamente acreditando em muitos rumores ou obras falsas, como o exemplo do que fora discutido no primeiro capítulo, sobre os Protocolos dos Sábios de Sião.

Outra maneira que os nazistas, juntamente com o Alfred Rosenberg, encontraram de inserir seus “realismos” na mentalidade de alguns de seus inimigos, foi a tentativa de se jogar um grupo contra o outro, causando uma histeria que poderia ser controlada pelos nazistas. Neste quesito o antissemitismo foi propício, pois era uma época que tais pensamentos estavam fortes em muitas partes do mundo, mais ainda na Europa. Assim tinha-se um caminho aberto para se disseminar, veladamente, as palavras que incitavam medidas de repressão aos judeus, o que ocorreu de forma sutil em seus momentos iniciais, prosseguindo para as fases da Shoá, que já foram discutidas.

Já neste meio, nos diários de Rosenberg se tem passagens esporádicas da menção a recepções de cristãos que foram “iluminados” pelos nazistas, pois tais pessoas também não tinham amizades para com judeus e eslavos, além de este líder nazista ter sido alguém que teria notado um perigo nestes grupos. As suas tentativas eram claras, principalmente ao tratar dos judeus juntamente ao ter que lidar com o catolicismo ou protestantismo, culpabilizando o judaísmo pela

morte de Jesus Cristo, um marco e símbolo na religião cristã, o que fazia gerar surtos de ódio contra a fé judaica e seus adeptos.

Desta maneira, tinha-se um tipo de consenso ou apoio em muitas das medidas empregadas pelos nazistas contra os judeus, mesmo que os assassinatos em massa fossem parcialmente disfarçados. Tais ações poderiam transformar os mencionados religiosos em quase partidários do nazismo, o que não eram todos, como foi descrito.

Prosseguindo neste raciocínio, Rosenberg foi um dos que realmente moldaram o caráter intelectual do regime nazista, sendo um dos líderes que mais estudava, premeditava e planejava antes de qualquer ação, como um simples discurso, de acordo com os diários. Em contrapartida, deixa-se ao entendimento do leitor de seus diários de que teve, em alguns momentos, uma surpresa ao encontrar os pensamentos de Hitler em consonância com os seus, como na passagem do dia vinte e cinco de abril de 1936, em que relata algo que aconteceu no dia anterior:

No dia 24 o Fuhrer inaugurou os três Ordensburgen e tive a felicidade de poder constatar que minhas explicações no dia anterior eram absolutamente concordantes com as suas. Logo no início, ele afirmou que antigamente as Igrejas teriam conduzido o povo. Hoje elas seriam incapazes disso. Por essa razão, o nazismo assumia essa herança. O Fuhrer concluiu: “O Ordensburg do povo alemão é o movimento nacional-socialista. (ROSENBERG, 2017, p. 187)

Tanto Hitler quanto Rosenberg notavam que a Igreja havia exercido um forte papel na sociedade, mas para seus pensamentos isto seria um passado que deveria ser modernizado, algo que somente o nazismo poderia propiciar, com o viés fascista que tinham como pilar principal da unificação da nação alemã. E como o nazismo envolvia um misticismo exacerbado, não é novidade que pensassem ser um tipo de destino, até porque visavam estarem saindo de crises que teriam permeado a República de Weimar.

Prosseguindo para atitudes mais enfáticas, criaram e executaram a construção das *Ordensburgen* (Ordens de Castelos), que faziam parte do planejamento de Rosenberg para o ensino alemão. Nestas Ordens eram promovidos cursos educacionais para as mais altas elites militares nazistas,

contendo um rigoroso processo de admissão, que Evans (2016c) também corrobora.

Dentre este processo, ao se analisar a bibliografia sobre o nazismo, estaria em evidência a questão do desejo de se comprovar a pureza da genealogia ariana, que não possuiria doenças ou defeitos corporais, ser completamente capaz fisicamente e possuir boas condições monetárias. Se o candidato não cumprisse todos os pré-requisitos mencionados, jamais teria acesso pleno aos métodos educacionais e ideológicos mais planejados por Rosenberg, conseqüentemente não se tendo a possibilidade de fazer parte da elite nazista.

Em retrospecto, quando o nazismo tentava se estabelecer como ideologia dominante na Alemanha, angariavam incutir velhos valores no mundo moderno, que no momento de domínio nazista ficaram em voga naquela sociedade. Dentre estes ideais de vivência teriam questões imperiais e de obediência, no qual a democracia não existiria, porque era considerada como um problema, subvertendo os honrados e enfraquecendo os fortes.

Essa aparição de pessoas de todos os países que conhecem o meu trabalho tem algo de muito profundamente satisfatório. Há alguns meses outro sul-africano veio falar comigo durante um evento noturno da APA. Ele tinha aprendido alemão em ½ ano e estava lendo o Mito de uma sentada. “Creio”, disse ele, “que mesmo passados mil anos, sua obra permanecerá. Ela se tornou a nova Bíblia para mim e para muitos outros.” Há mais tempo, veio um xeique do Irã, companheiro de luta do atual xá [Reza Pahlavi]. Me trouxe como presente uma caixa de cigarros revestida com padrões de mosaico, no meio uma suástica. E mais fotos de obras iranianas que mostram a suástica. O atual enviado iraniano falou da renovação ariana do Irã. O ministro das Relações Exteriores do Afeganistão, ao qual servi um café da manhã, escreveu uma grande obra sobre monumentos arianos no Afeganistão. Recebo dos Estados Unidos cartas de pessoas totalmente desconhecidas exprimindo sua satisfação. A tradução francesa do Mito ficou pronta agora. Primeiro vou lê-la. Quando for publicada, haverá uma grande confusão no clero da França. (ROSENBERG, 2017, p. 193-194)

Nesta passagem datada do dia dez de agosto de 1936, se percebe um ponto primordial do pensamento nazista, que é o de não ficar somente ligada ao seu núcleo alemão, mantendo o intuito de suplantar outros ideais de mundo, como o da Igreja. Já com relação a este clero, Rosenberg demonstra conhecer

e prever os possíveis alvoroços que algumas obras, como a sua, fariam em alguns segmentos ou nações. Estas que ao mesmo tempo em que possuíam adeptos de antigas crenças, também tinham pessoas avidas por mudanças rápidas, que o nazismo se dispunha a providenciar.

Mesmo nos anos do período entreguerras, como em 1936, muitos líderes mundiais se identificavam com o fascismo alemão, tendo suas próprias vertentes fascistas e nacionalistas de atuação. Isto pode ter sido possível por conta do período descrito, configurando como uma época de diversas crises no mundo todo, com uma guerra mundial que havia acabado, além de diversos conflitos em vários lugares do planeta, somando a crise de 1929 e ainda as fracas condições de muitos países de se reerguerem no cenário mundial.

Então tudo isto contribuiu para a proliferação do fascismo, que chegou até as Américas, mesmo que em pequenas proporções, sendo fatos que os nazistas talvez poderiam posteriormente aproveitar. O arianismo estava encontrando adeptos dos mais diferenciados, por conta de obras como a de Rosenberg, com pessoas de diferentes culturas e crenças, mas um ponto deve ser levantado, que é a característica de estes ideais terem um enorme preconceito com outras linhas de raciocínio.

Deste modo, duas perguntas se fazem necessárias: Até que ponto os adeptos internacionais do nazismo realmente a conheciam e compreendiam de fato? E será que não foram simples maneiras diferentes para conseguir apoio de uma nação forte e em constante crescimento, como estava a Alemanha? A primeira questão é difícil de se responder, já a segunda possui uma resposta evidente, sendo claro que os apoiadores internacionais desejavam a força da Alemanha aos seus lados.

Presume-se que as palavras gentis de apoio eram formas para estabelecer alianças, somente mantendo as aparências conforme tais aliados fossem necessários, para talvez depois tratar de também subjugar-los. Com relação a estas palavras afáveis, pessoas como Rosenberg, parecem ser facilmente ludibriadas por presentes e elogios, ou pelas palavras de apoio mencionadas anteriormente. Porque o mesmo exprime, em diversos momentos, uma possível satisfação em ver que seu trabalho seguia sendo reconhecido por muitos, o que também já fora discutido.

Em agravante ao seu ego, nos diários de Rosenberg se tem variadas passagens sobre o seu livro, se referindo ao mesmo como simplesmente “Mito”, tratando de ressaltar como a obra seria eloquente e essencial aos nazistas, além das pretensões de mais traduções em outras línguas. No aspecto das traduções, como quesito determinante, tudo deveria perpassar pelo crivo de seu próprio autor, que até mesmo se encarregava de produzir as traduções, desconfiando que os outros não teriam a capacidade de compreensão de suas palavras.

Na seriedade com que Alfred Rosenberg e outros nazistas defendiam a causa de sua luta, o intelectual do Reich notava tais ações como normais e necessárias. Tais ações ocorriam visando alcançar a verificação da genealogia de seus correligionários, para tentar assegurar a pureza de sua raça e não corrompendo o cerne nacional-socialista. Neste meio como uma maneira de exemplificar esta análise, se tem um escrito deste nazista datado do dia vinte e um de agosto de 1936:

Hoje descobro por que o cap.[itão] Furstner, que realizou a organização da vila olímpica, foi morto num “acidente”. Descobriu-se há algum tempo que ele tinha sangue judeu; por isso foi rebaixado. Ficou trabalhando até o final da Olimpíada, depois sofreu um ataque de nervos e cometeu suicídio. Um desses muitos trágicos casos-limite. Certamente seu lado germânico foi dominante, segundo as leis mendelianas – todo respeito pelo seu trabalho. (ROSENBERG, 2017, p. 202)

Os adeptos do nazismo pregavam a necessidade do auto sacrifício em prol da raça germânica e de sua pureza, mas por conta da análise genealógica, como é explicado parcialmente acima, alguns entravam em quase desespero, por perceberem que tinham algum grau de ligação com os judeus, que eram aqueles que eles mais culpabilizavam pelos problemas da Alemanha no pós-Primeira Guerra Mundial. Tinham-se ainda aqueles que tentavam esconder os seus parentescos ou os locais de origem, aumentando o comprometimento com a causa, como muitos líderes nazistas.

Ainda existiam os que, para salvaguardar a “honra” do movimento que participavam, preferiram tirar a própria vida do que envergonhar o regime ou até sofrer a repressão que defendiam, o que era visto como algo nobre por indivíduos como o líder nazista aqui analisado. Porém, como as análises de

parentescos não eram empreendidas pela própria pessoa, alguns desses nazistas podem ter sido coagidos por outros de maior grau hierárquico para que tomassem as atitudes mais drásticas possíveis.

Seguindo neste raciocínio, Rosenberg destaca o lado germânico da mentalidade das pessoas, se referindo aqueles que tem uma vida dúbia, que expressavam a vontade de servir ao nazismo, ao mesmo tempo em que possuíam o problema de parentesco a raças “inferiores”. Para este personagem histórico, o lado alemão seria a parte predominante, mais sério e puro, que era honrado e detentor dos privilégios da raça enquanto que as contrapartes odiadas, como os judeus e principalmente, para Alfred Rosenberg, os eslavos, eram as piores, que não só tinham aspectos ruins, como também poderiam corromper a sociedade germânica.

É também mencionado no escrito citado, as chamadas Leis de Mendel, que são um conjunto de normas que configuram uma fundamentação para explicar a transmissão hereditária de genes e de características, idealizadas por pelo monge Gregor Mendel, este que viveu de 1822 a 1884. O autor dessas leis não tinha nenhuma ligação com os ideais nazistas, porém teve as suas ideias cooptadas pelos mesmos, tudo na intenção de provar a superioridade da raça.

Complementando o criticismo do fascismo exemplificado, Rosenberg taxa os judeus de parasitas e traidores do povo alemão, como problemas para a sociedade mundial, assim como fazia com os bolcheviques do Partido Comunista de Stálin. Com este intuito quase incompreensível sob qualquer comparação, Rosenberg escreve o seguinte, no dia vinte e dois de agosto do mesmo ano de 1936:

Em seguida, Suvich passou de repente para os Protocolos dos sábios de Sião e disse: Tanto faz se são autênticos ou não, neles a política mundial judaica é apresentada como se mostra na realidade. Naquela época, fiquei muito surpreso por ouvir justo de Suvich tais ideias. Talvez ele quisesse apenas sondar algo. De todo modo, temos de ligar, como antes, os judeus ao bolchevismo, como corresponde à realidade, e não permitir que eles mais tarde se tornem subitamente também “antibolchevistas”, a fim de envenenar novamente um nacionalismo tão vencedor de nosso tempo. (ROSENBERG, 2017, p. 207)

Concomitante nesta citação, tem-se uma hipótese muito importante, a qual talvez Rosenberg também não acredite na veracidade dos próprios documentos que utilizou para construir as suas teorias, somente tendo utilizado de base para demonstrar o que já acreditava. Isto deixa claro que o mesmo já era um antissemita. Essa documentação também reafirma que este preconceito já existia em pessoas que o utilizavam, como o esse secretário de Estado italiano Fulvio Suvich, podem ter feito.

Prosseguindo, Rosenberg menciona os bolcheviques não de maneira agraciada, tendo a intenção de expor os mesmos praticamente em igualdade de repressão aos judeus, pois outro grupo que os nazistas desejavam extirpar eram os comunistas. Assim o intelectual nazista demonstra possivelmente recorrente entre muitos nazistas, que era um ódio semelhante entre os eslavos e os judeus, porque muito provavelmente deve ter sofrido durante a ascensão desse grupo político no território soviético, tendo em vista que Rosenberg era proveniente da Estônia, um território soviético, como abordado no primeiro capítulo desta pesquisa.

Não se tinha muitas referências para o nazismo associar a religiosidade judaica com o comunismo bolchevique, a não ser por agrupamentos de judeus que viviam na União Soviética, o que já era suficiente para estes alemães criarem as pretensões de incriminá-los. Um grande aspecto a ser ressaltado, era que os nazistas consideravam uma vindoura guerra, isto antes de 1941, contra a URSS e que possivelmente isto não tardaria a acontecer, já que os comunistas eram uma das maiores forças mundiais, que os nazistas temiam em algum grau.

Unindo aqueles tidos como os dois maiores inimigos, bolcheviques (utilizado pelos nazistas como sinônimo ao se falar dos comunistas) e os judeus, o Rosenberg pretendia combater duas grandes correntes de pensamento, suplantando-as. Então, a premeditação era crucial a este personagem histórico, que mantinha planejamentos cuidadosos constantes, tonando-se até apressados e movidos quase que somente pela ambição ou impulso de ação ao longo da guerra.

Dentre tudo o que foi explicado, a intencionalidade intelectualista deste líder nazista pregava o antissemitismo e tratava de combater ferrenhamente os comunistas. Ocorriam-se estas ações ao mesmo tempo em que tentava resolver

possíveis conflitos de ideais que viessem a surgir, que se concentravam principalmente antes da guerra, contra as Igrejas.

O Leste Europeu e o Futuro do Reich de Mil Anos

É difícil não se falar em planejamento ao se abordar o nazismo e seus adeptos, devido ao óbvio de este partido político ser conhecido pelos esquemas, planos e fanatismos até os anos finais da Segunda Guerra Mundial, culminando na crença infundável em sua vitória. Os mais incautos seguidores, como Alfred Rosenberg, tinham uma grande confiança na capacidade de seu líder e de muitos dos soldados no campo de batalha, sempre levantando a suposição de uma providência os estar ajudando e de favorecer o próprio Fuhrer, como atesta Joachim Fest (2017).

Como até esta parte deste capítulo foram discutidas questões conflituosas e de embates de ideias, agora entremeando tudo isto, serão abordados os planejamentos para o futuro do regime, de acordo com o que Rosenberg escreve. Os planos empreendidos por este personagem eram tão volumosos, que avaliavam a passagem com sucesso pela guerra mundial, somando a completa dominação de diversos territórios, principalmente o Leste europeu, que fortaleceria ainda mais o povo alemão. Visava-se até mesmo uma guerra extracontinental.

Constata-se que Rosenberg tentou conseguir o apoio de diversas nações, mostrando a força e a “pureza” de suas reivindicações para países como a Inglaterra e o próprio Estados Unidos, mas sempre mantendo a ressalva da batalha vindoura pela supremacia. Novamente sua falha prevalece em deixar de avaliar a própria política desses países, que não aceitariam imposições tão emblemáticas, como é explicado por Churchill (2017) e que também foi debatido no capítulo inicial.

Na concepção de seu ideário, assim como Hitler, era esboçado o pensamento de se manter um Reich de mil anos, um tipo de império alemão que

suplantaria todas as ordens mundiais, principalmente as democracias, para implantar a visão ariana. Todavia, essa ideia de um Reich milenar só veio primeiramente com Hitler, pois antes dele fazer parte do partido, caracterizavam como um grupo político pequeno para debater ideias maiores. Vale lembrar que as características nacional-socialistas não se apresentavam tão enfaticamente neste grupo, que era o Partido dos Trabalhadores Alemães.

Dentre o pensamento deste seletor nazista, inúmeros planejamentos existiam para as mais variadas ações, como o lazer de seu povo, a educação enviesada, o treinamento militar constante, a obediência populacional e acima de tudo, planos sobre os territórios necessários para o Reich, como os da União Soviética. Os territórios visados eram mantidos dentro da política do Lebensraum, o espaço vital para o crescimento da Alemanha.

Estes planejamentos só foram revelados, parcialmente, no decorrer do conflito e do pensamento de necessidade do Führer, os quais nem mesmo todos os nazistas sabiam ao certo a amplitude intencional, como deixa a entender Evans (2018). A liderança nazista até planejava algumas ações em conjunto, unindo os ministros e o pessoal de maior importância, como os líderes militares e até Rosenberg, mas era Hitler quem dava o aval de ação e a palavra final, no qual as datas de implantação deveriam passar pelo seu crivo avaliativo.

Neste enredo, mesmo que o intelectual nazista compusesse estratégias promissoras ou que salvariam vidas alemãs, somente o líder máximo poderia implementar, o que ficou claro com as tentativas de prosseguimento de ofensivas em momentos talvez não muito propícios. Concomitantemente, Rosenberg demonstrava desejar atuar como um “guia” para o que os nazistas deveriam fazer com a educação, como explicado no início dessa pesquisa. Porém não era somente este o seu desejo, porque também queria parcelas mais participativas em outros setores, tais como o meio propagandístico, utilizando principalmente o seu jornal Volkischen Beobachter.

Somam-se às suas contribuições, as ações em relações exteriores e até mesmo no meio cultural, promovendo palestras e apropriação de bens, primordialmente nos lugares em que o nazismo mantinha ocupação. Evidencia-se grande parte do planejamento de Rosenberg e mesmo do Führer em algumas passagens do diário, principalmente no que é relativo a questões culturais dos outros povos e dos alemães.

Desta maneira, o que foi escrito por Alfred Rosenberg no dia dezessete de setembro de 1936 fica fácil de se entender, mesmo que tenha sido escrito antes da guerra:

De volta da Conferência do Partido em Hohenlychen. Suportei esses dias melhor do que eu temia. O evento foi o mais fechado de todos até então; o Fuhrer feliz e cheio de energia novamente. Meu discurso na Conferência Cultural avançou oficialmente alguns passos nas asserções ideológicas. A passagem de que a crença ideológica de antes pode tranquilamente ser honrada de maneira estética foi compreendida. Além disso, um dia vai se compreender que Nietzsche, Wagner e Lagarde também agiram oficialmente como profetas. O grande discurso do Fuhrer foi interpretado então como confirmação de minha muito criticada batalha, especificamente a ideia decisiva de que assim como um tempo cristão tinha uma arte cristã, um tempo nazista tem uma arte nazista! E a substituição de uma era por outra foi claramente enunciada. (ROSENBERG, 2017, p. 211-212)

Essas intenções descritas na citação, mesmo as culturais, eram visadas para serem aplicadas em diversas regiões e contra os inimigos considerados subversivos, no qual a arte nazista seria mais incisivamente aplicada. Um território bastante abrangente era o ocupado pela União Soviética, e antes da guerra, estes eram considerados os piores inimigos, o que se constata nesta fonte, que englobavam duas das características mais odiadas, sendo generalizados quase todos como judeus e bolcheviques (comunistas). Tudo isto também discutido anteriormente nesta pesquisa.

Com a cultura que planejava, tinha-se a utilização dos chamados profetas, estes que teriam previsto a chegada de uma raça superior ao mundo, tais como o filósofo alemão Friedrich Nietzsche, o compositor Richard Wagner e o teólogo Paul Anton de Lagarde. O primeiro nome citado, era alguém relacionado ao meio literário e intelectual; o segundo seria do ramo musical de obras solenes, com óperas e outras produções; e o terceiro configurando como um acadêmico alemão, tido como o precursor do pensamento nacional-socialista. Porém, tais autores e afins somente foram parcialmente utilizados para formular algo compreensível e conspiratório em relação a própria história alemã, como atesta Bertonha (2019).

Para Rosenberg, a religião cristã não suportaria e não conseguiria sobreviver a uma ruptura tão grande de fé, como fora explicado na seção

anterior, porque este líder nazista não esboça quaisquer dúvidas sobre os ideais que defendia. A cultura pretendida pelo nazismo era possivelmente pensada como uma honraria para aqueles que a recebiam, que deveriam se sentir agraciados, ao qual aparenta que o intelectual do Reich se colocava no topo referencial, somente sendo precedido pelos profetas e pelo próprio Hitler.

O que pode até ser estranho seriam as localidades relatadas por este personagem histórico, nas quais se realizavam palestras e reuniões. Um destes lugares possuía o nome de Hohenlychen, que era um sanatório construído exclusivamente para abrigar pessoas com alguma deficiência mental, que são justamente os que primeiramente foram mandados para o extermínio.

Então: viagem de nosso ministro até Moscou, o que representa uma ofensa moral tendo em vista nossa luta de 20 anos, tendo em vista nossas conferências do partido, tendo em vista a Espanha. O pedido dos ingleses e franceses não foi tão ruim visto que eles nunca consideraram o governo soviético como idêntico à 3ª Internacional, que há 20 anos apresentamos como gangsterismo judaico. Há cerca de 4 anos, o Fuhrer disse a um estrangeiro (Goga?), na minha presença, que não podia acompanhar Moscou porque não era possível proibir o povo alemão de roubar e ao mesmo tempo manter amizade com ladrões. Ribbentrop vai permanecer indiferente, visto que não possui qualquer noção política de ódio contra a Inglaterra. (ROSENBERG, 2017, p. 287)

Este escrito referente ao dia vinte e dois de agosto de 1939, é crucial para demonstrar uma grande parcela do ódio em relação aos judeus e aos eslavos. Os últimos não possuíam a capacidade de se organizar como havia sido instituído pelo antigo líder do comunismo soviético, Vladimir Lenin, que organizou a 3ª Internacional em 1919, reunindo todos os partidos comunistas.

Mesmo com tudo o que se pretendia realizar no Leste, além da importância desses territórios, Rosenberg utilizou a privacidade de seus diários para esboçar a falta de consideração com o estratagema de aliança temporária com a URSS, não apreciando tal ideia e deixando muito aparente seu receio. Para o mesmo era vergonhoso compactuar com um dos seus maiores inimigos, militarmente e ideologicamente, mesmo notando a intencionalidade de se preparar para depois atacar, conforme foi apresentado no primeiro capítulo desta pesquisa.

Algo que mais aparenta enfurece-lo, seria que muito de seu trabalho teria sido contra os comunistas, que com esta temporária aliança, poderiam ser contrariados e até negligenciados os anos de seu esforço. E trata ainda de ressaltar até outras nações, futuras inimigas na guerra, que seriam contrárias aos soviéticos, tendo a esperança que no despontar do conflito armado estas nações se aliassem aos alemães, remetendo ao caso explicado dos ingleses e suas primeiras políticas de tentar manterem a paz.

Nota-se que Rosenberg menciona, nos diários, as palavras do próprio Hitler e se forem verdade, fica claro que se tinha uma pretensão de saquear tudo o que fosse proveitoso na União Soviética, até porque pensava que os alemães haviam sido roubados pelos soviéticos. Para o intelectual do Reich trabalhar nos territórios do Leste europeu, principalmente quando havia sido nomeado para outras incumbências, a educação permanecia o cerne do seu planejamento, que por questões já explicadas, eram visadas até em algumas regiões do Leste, como a Ucrânia. Concomitante a este comentário, um breve parágrafo, datado do dia sete de fevereiro de 1940, ajuda a exemplificar um dos grandes, senão o maior papel de Rosenberg nos planos de futuro do Reich:

Após a reunião, entreguei ao Fuhrer um projeto referente à disposição dos trabalhos preparatórios para a Hohe Schule, que ele assinou imediatamente. Ou seja, aqui “a pesquisa, a doutrina e a formação nacional-socialista” são colocadas em minha mão. Depois da guerra haverá uma tarefa gigante pela frente. (ROSENBERG, 2017, p. 325)

A vitória neste desenrolar da guerra nem era refletida por Rosenberg, como é descrito em parte do planejamento contido nesta citação, independente dos reveses que encontrassem, até porque em grande parte do ano de 1940 o exército nazista não havia sofrido alguma derrota que abalasse as suas forças. Mantendo esta certeza, o intelectual nazista nem sequer ponderava sobre o sofrimento causado às pessoas dessas regiões, pois somente o Reich demonstrava ter importância.

No âmbito educacional, as chamadas Escolas Avançadas foram os ápices para o mesmo, planejando criar e fomentar a frequência da elite alemã em universidades próprias do nazismo, com toda a metodologia enviesada que se pretendia, assim como foi abordado no capítulo inicial. Este modelo institucional

possuía um planejamento em várias partes distintas, principalmente diferenciando as áreas reais a serem aplicadas, fato que Rosenberg tratava com seriedade, mesmo antes de saber da sua incumbência no Leste europeu. Porém, tais ações foram completadas em poucas localidades porque a urgência da guerra levou a mudanças de planejamentos, principalmente pelo Fuhrer.

Prosseguindo o assunto em questão, tem-se as decisões de Hitler sobre a nomeação de cargos quase vazios de conteúdo, visando manter partidários sob sua tutela e cegamente agraciados, para não representarem qualquer perigo. Dentre estas nomeações, Rosenberg é proclamado em 1940 aquele quem iria chefiar toda a educação do Reich, fazendo o possível para que o pragmatismo ideologizado da Wehrmacht sempre estivesse de prontidão para qualquer empreitada.

A justificativa de este ser somente mais um dos cargos de Alfred Rosenberg sem poder real, pode ser explicado pelo simples fato de o mesmo não poder comandar todas as forças vigentes neste meio designado. Algo que acontecia, porque este líder nazista precisava da força de outros do Reich, como a própria SS ou os recursos de propaganda, podendo sofrer alguma influência daqueles que comandavam essas terceirizações. Deve-se levar em conta que estes outros partidários tinham a possibilidade de fazer reivindicações junto ao Fuhrer, algo que levava aos conflitos de poderes e às rivalidades administrativas já comentadas.

Adentrando em mais escritas dos diários, Rosenberg pensava, ainda nos dois anos iniciais da guerra, em como seria a sociedade alemã com os soldados retornando vitoriosos e com o desejo de ter condições muito melhores de vivência. Neste quesito, não se teria as mesmas questões estruturais e burocráticas que os nazistas tanto almejavam destruir.

Não acontecia de esquecer da ideia educacional, já que era o seu foco principal, que em todas os anos descritos nos diários é mencionada de alguma forma, por alguns momentos de maneira mais enfática e por vezes de formas mais sutis e discretas, deixando a entender que o planejamento se mantinha firme. Deste modo em diversas passagens, como inúmeras das do ano de 1941, são mencionas as novas tentativas, as quais pessoalmente supervisionaria os educadores e intelectuais nazistas, algo que poderia gerar grande satisfação no partido, isto em suas palavras.

As forças-tarefa do mesmo também exerciam o seu papel, confiscando os bens culturais e artigos de valor para o Reich, principalmente nas vitórias iniciais na guerra e com a ocupação da França. Neste meio, Rosenberg fazia questão de organizar a sua agenda para fazer visitas em determinados lugares, pensando no que seria melhor enviar para a Alemanha, principalmente quando se envolviam obras de arte. Planejava ainda pedir a permissão do Fuhrer para envolver alguns destes confiscos em exposições de obras de arte “degeneradas”, pretendo expor supostos problemas dos judeus. Como também foi abordado no capítulo inicial desta pesquisa.

É interessante pensar que mesmo com a parcela de influência que deteve com o passar dos anos, tal líder nazista detinha relativa baixa influencia e muitos planos genéricos para a educação, que é algo que mais aborda nos diários. Além disto, possuía uma autoconfiança exacerbada, sempre tratando de se elogiar e explicar as causas que seriam coerentes para não conseguir realizar determinado ato, proporcionando ainda muita credibilidade para qualquer elogio ou parabenização que recebia por qualquer ato concluído com sucesso.

Entremeando as atenções do intelectual do Reich, tinham-se não apenas os planejamentos de aspectos educacionais, como também estratégias para lidar com os conflitos e com a possível suplantação do ideário nazista sob os pensamentos religiosos, primeiramente na Alemanha e depois em outras nações. Com isto, um parágrafo escrito no dia dois de fevereiro de 1941, no qual recapitula alguns acontecimentos anteriores, é de suma importância para se conhecer a visão do mesmo sobre os acontecimentos:

Uma semana mais tarde, falei novamente em Braunschweig. Para as líderes da Liga de Moças Alemãs. Pela primeira vez sobre temas éticos-religiosos. As moças tinham me pedido para discorrer sobre honra e noções de honra nos diversos povos. Creio que todas estavam tão emocionadas quanto eu, sem que surgisse uma atmosfera sentimental. No final, concluí: a teoria nacional-socialista de valores pode dar origem a uma reforma religiosa caso se compreenda que a religião no nosso sentido não é autoanulação: mas autoafirmação. Até então, procurava-se por uma “substituição” no mesmo nível das Igrejas e “sentia-se falta do positivo”. Ele está presente, só que mesmo aqueles que saíram da Igreja não o percebem. A autoafirmação da alma é uma nova religião, ligada diretamente à conduta germânica frente ao destino. Se considerarmos que a essência de nosso eu, está carregada pelo pecado original, então é preciso nos mantermos cristãos; caso contrário, estamos no caminho para

fora do cristianismo. A liga cristã-germânica começa a derreter sob o bafo quente de um novo estilo de vida e se decompõe em suas partes. (ROSENBERG, 2017, p. 373-374)

Sempre fazendo questão da comparação com a Igreja, Rosenberg retrata novamente a ideia de superioridade nazista na ideologia, pretendo uma vindoura nova era para todos, substituindo as religiões antigas pela nova cosmovisão imperial alemã, como foi abordado no primeiro item. Não era levado em conta pelo mesmo e pelos nazistas de maneira geral, a possível visão particular de cada um, achando que todos que faziam parte do povo alemão ou desejavam viver em paz com os mesmos, deveriam acatar e seguir os novos ideais.

As visitas e reuniões com membros ou com todo o cerne de grupos distintos, visando para uma “conversão” ou apoio ao nazismo, como a *Bund Deutscher Madel-BDM* (Liga de Moças Alemãs), não passavam de visitas formais e estritamente calculadas. Eram pensadas com o intuito de parcialmente se explicar para aquela determinada parcela social e assim esclarecer quaisquer dúvidas que estas pessoas poderiam ter ao se apoiar o regime nazista.

Estaria vigente na vida da mulher a subjugação aos afazeres mais simples e sem voz de comando na sociedade, mesmo que discordassem, deixando-as ao papel de mães e mantenedoras do lar. Chegavam a receber premiações, como medalhas para mulheres que tivessem muitos filhos, como a bibliografia sobre o nazismo aponta.

A preocupação com a mulher alemã não era despercebida por Alfred Rosenberg, pois é mencionado a mescla dos novos valores com uma substituição religiosa, para elevar o espírito feminino e assim contribuir para manter a Alemanha no auge, além de se ter o trabalho voluntário em fábricas ou no campo, como se fossem formas de ocupação para as mulheres. Para a liderança de Rosenberg, assim como na maioria dos nazistas, as mulheres deveriam ter o papel principal de gerar os filhos, que era algo de suma importância para contribuir com o crescimento do Reich.

Em seguida, assistimos ao noticiário semanal mais recente e voltamos mais uma vez ao jardim de inverno. O Führer me perguntou sobre a psique dos soldados e das pessoas da Rússia sob pesada carga, sobre a porcentagem atual dos judeus na União Soviética, entre outros. Desenvolvi meus pensamentos e

conhecimentos a respeito dos novos desdobramentos. O Fuhrer encerrou, satisfeito: [“] Então ótimo, vamos montar um escritório central, um comissariado-geral ou algo assim, o nome decidimos depois. A princípio, estritamente confidencial como uma pesquisa científica e teórica... Rosenberg, a sua grande hora chegou”. (ROSENBERG, 2017, p. 385)

Nesta passagem datada do dia dois de abril de 1941, percebe-se não somente a sua nomeação para os territórios do Leste, como também a própria menção das palavras do Fuhrer, perguntando sobre o que poderia ter sido planejado de antemão. Assim Rosenberg visava poder ter oportunidades como esta, de explicar, praticamente sozinho com o Fuhrer, tudo o que seria importante e também tendo a intenção de receber uma aprovação, seguida de reconhecimento e por fim algum privilégio.

O intelectual nazista tinha planos de conseguir apoio popular para todos os empreendimentos intencionados nos territórios do Leste, a exemplo do que foi apontado no primeiro capítulo. Neste apoio, planejava disponibilizar uma educação de forma mais básica para o povo e possivelmente até aliviar um pouco a repressão mantida sob muitas destas pessoas. Não só desejava fazer com que entrassem em um consenso com os nazistas, como é corroborado por Gellately (2011), mas também se sentissem honrados e privilegiados por estarem recebendo a “ajuda” deles, demonizando os bolcheviques e Stálin.

Esta designação pretendida tinha um outro propósito final, que era o de preparar o território para o assentamento ou colonização de alemães vindos da Grande Alemanha, aqueles tidos como alemães-étnicos. O propósito era o de conseguir o almejado Lebensraum, uma grande preocupação do mesmo e principalmente de Hitler. Alfred Rosenberg demonstra ocupar seus pensamentos com o crescimento do povo alemão, que precisariam de um espaço vital, servindo para o plantio de grãos, além de também ser para a produção e retirada de outros bens consumíveis e matérias-primas no geral.

Com tal intuito, até mesmo questões psicológicas eram levadas mais a sério por este personagem histórico, pensando em maneiras de motivar as tropas em seus diversos campos de batalha. Procurava-se tentar fazê-los estarem sempre dispostos, mesmo com o desgaste total dos soldados e conseqüentemente de suas famílias, por conta das incessantes batalhas. Esta psique era tratada com maior esmero quando se pensava nas operações em

território soviético, levando em conta que a vitória não veio tão rapidamente quanto havia sido previsto e que o inverno chegou de maneira arrebatadora durante esta campanha militar.

O dr. Lammers apresentou novamente a justificativa do Ministério do Exterior. Reforcei que é inadmissível que o AA, sem me consultar, reúna em Berlim emigrantes de todo o mundo. Se a coisa continuar assim, estes vão chegar na área de retaguarda do Exército, montando governos de emigrantes que serão rejeitados pela população. No momento já se veem tensões incontornáveis entre a população local e os emigrantes, que se sentem como sucessores de direito e condições passadas. O nome do príncipe Bagration, cuja mãe é polonesa e tem esposa georgiana, quase lançado pelo AA como pretendente à Coroa georgiana, já nos traria muitos inimigos. O líder de uma delegação romena procurou por um funcionário e disse que a legião caucasiana tinha se obrigado em 1938 a agir conjuntamente com a emigração e fundar um Estado caucasiano comum. Mas não é essa nossa vontade e, portanto, não deve ser tolerada. A relação do AA comigo é a de desviar-se a cada vez de minhas perguntas. Li para o Fuhrer a minha formulação, que ele considerou impecavelmente correta. Com base na apresentação, ele orientou o dr. Lammers a preparar uma ordem do Fuhrer. Assim o problema de há muito foi esclarecido. (ROSENBERG, 2017, p. 458)

Já no dia quatorze de julho de 1942, Rosenberg descreve um apanhado de reuniões que participou, como as com o Fuhrer, discutindo planejamentos e tomadas de decisões, estas que poderiam ser de grande importância, até entrelaçando questões referentes ao *Außenministerium-AA* (Ministério do Exterior). Dentre isto, estavam ainda os assuntos que eram relacionados a governabilidade dos territórios do Leste, os quais preocupavam o ministro destes lugares, justamente por serem localidades estrangeiras e por defender alguns tratamentos diferenciados.

Englobando este sentido, as próprias populações destas localidades almejavam um governo próprio, o qual outros líderes nazistas trataram de não cumprir e sim de inserir somente partidários do regime, com ninguém ligado a população destas regiões. Assim estas pessoas e até o próprio ministro dos Territórios conquistados do Leste se enfureceram, pelas suas recomendações não serem seguidas. Para Rosenberg, este problema poderia crescer a tal modo

que prejudicaria até as ações do exército, gerando muito descontentamento e possíveis maiores focos de resistência contra eles.

Pensando no exemplo dado por líderes como o da Romênia, de fundar um outro modelo estatal, o intelectual do Reich ponderava e chegava a conclusão de não ser algo muito viável para o nazismo, que desejava um controle total. Em contrapartida, também se poderia ter um pequeno alívio ao lidar com as populações estrangeiras, isto possivelmente aplicando as medidas que Rosenberg planejava. Remetendo assim, a medidas mais brandas por momentos de necessidade, visando a total tomada de controle aos poucos.

Ao sair das suas funções em relações exteriores, Rosenberg não deixou para traz a sua preocupação com o mesmo, sempre pretendendo melhores caminhos e até enviando cartas para o Fuhrer, talvez para tentar fazer com que Hitler tivesse um raciocínio como o dele para com aquele ministério. Porém, as decisões acatadas no Ministério das Relações Exteriores acabavam conflitando de alguma maneira com o que estava sendo preparado no Leste, o que é evidenciado em diversas passagens nos diários.

Infelizmente faltam aos diários algumas explicações melhores sobre as ações nazistas e o que realmente planejavam para o Leste, ficando todo o conteúdo destes escritos relegados aos planos mais intrínsecos de Rosenberg, como a educação e até mesmo um possível aperfeiçoamento das cidades. E como se tratam de diários de um líder nazista, não teria a possibilidade de estarem descritas minucias do regime em sua totalidade, até por causa de sua baixa influência em determinados setores. O escrito seguinte, com data referente ao dia quatro de agosto de 1943, exemplifica muito bem a questão de serem visões restritas ao imaginário deste líder nazista em específico:

Devido a essa destruição das cidades grandes, me parece existir no futuro uma chance para a redescoberta, como nunca antes, do que é rural. Temos de compreender esse sinal do destino e nunca mais permitir a formação de metrópoles semelhantes. Eu já havia escrito no Mito; mas desde 1933 o desenvolvimento parecia seguir justamente o caminho inverso. Nossos próprios prefeitos querem “incorporar” a maior quantidade de comunidades possíveis, a fim de aumentar seu tamanho. O nacional-socialismo, apesar de todo realce daquilo que é camponês, sempre foi predominantemente um fenômeno de cidade grande: o DAF superou em muito o “Sangue e terra”, o KDF está no caminho de um processo de coletivização

insuportável. Há pouco, expliquei durante uma reunião de camponeses: a cidade oprimiu o campo, a cultura camponesa é fraca demais para se insurgir contra a força da grande indústria concentrada. A ajuda nesse caso só pode vir de uma outra força ideológica-política: o NSDAP. – Mas, primeiro, esse tem que enxergar corretamente sua tarefa. De todo modo, me esforçarei com energia máxima a fim de que as metrópoles, com todos os seus pátios internos, não surjam novamente: a artilharia aérea é a pressão para esse pensamento: a técnica mais avançada força o retorno ao campo, depõe contra os prédios. Hamburgo vai se erguer novamente, mais bonita do que antes, com 500 mil pessoas dará conta de todas as tarefas que tem para cumprir. (ROSENBERG, 2017, p. 497-498)

Uma contundente atenção deve ser direcionada a tal citação, que não só é um escrito com aparente desespero por conta da guerra, como também é um temor esboçado antes mesmo de qualquer outro nazista. Ocorria porque o Fuhrer já havia planejado, junto a Albert Speer, grandiosidades para a Alemanha e suas estruturas, configurando como algo totalmente contrário das palavras de Rosenberg, que direcionavam a uma simplicidade camponesa para não incorrer nos problemas advindos do conflito bélico.

Dentre este ponto, este personagem histórico pretendia angariar ajuda do Partido Nazista para tentar alavancar uma possível audiência para a cultura provinda do campo, juntamente com suas construções mais simples e em consequência, mais difíceis de serem atingidas por ataques aéreos. O que Alfred Rosenberg não levava em conta, é que ficaria difícil e não impossível de os ataques acontecerem, demonstrando claramente que são esboços sem uma ponderação mais atenta, como se realmente a questão da guerra estivesse interferindo ainda mais em seu raciocínio.

Este planejamento consistia basicamente em abandonar os conceitos de metrópole e de grandes cidades, movendo as moradias para locais dispersos e mais afastados de aglomerações, para também adicionar novos preceitos de camaradagem e de união popular. O próprio Rosenberg afirma, com convicção, que queria trabalhar para não surgir mais estes tipos de cidades grandes para o Reich milenar, até mesmo disponibilizando um número aproximado de pessoas para fazer tal empreendimento com a cidade de Hamburgo. Pelo seu apontamento, meio milhão de pessoas bastariam para transferir e instalar esta

cidade em um ambiente campesino, levando até mesmo o aspecto estético em conta, que para o mesmo seria mais apreciável.

Como um dos mais tardios planejamentos de Rosenberg, pelo menos em relação aos escritos contidos nos diários, a cultura campesina precisaria de ajuda e ao mesmo tempo ajudaria a cultura urbana. É ainda apontado o livro O Mito do Século XX, como se fossem as primeiras palavras de Rosenberg referentes a este assunto, o qual se tem menções sobre a necessidade do campo para todo o Reich, principalmente com a questão alimentícia em voga, mas não contém nada muito explícito sobre esta radicalidade que seria a transferência total para o meio rural.

Se o mesmo aplicasse uma maior ponderação, certamente chegaria à conclusão de que seria algo inviável, isto para as pretensões de grandeza dos nazistas e para o próprio ambiente em si, pois os nazistas como um todo desejavam o aumento de sua população. Desta maneira, o nazismo possuía em seu cerne as questões de um constante militarismo para a sua população. Fazendo com que este plano infundado do intelectual nazista fosse deteriorado, no qual o ambiente rural se transformaria completamente, talvez não em uma grande metrópole, mas em um possível misto dos dois aspectos concomitantes ou em um novo meio urbano, findando a teoria de Rosenberg.

Considerações Finais

Neste terceiro e último capítulo, foram trabalhados aspectos totalmente referentes aos diários de Rosenberg, tendo como foco o que fora escrito pelo mesmo entre os anos de 1934 e 1944, que são as partes disponíveis dos diários. A atenção principal foi para com os diálogos do contido, isto referente a três características essenciais de sua vivência no nazismo, englobando a dita organização nazista, seus mais diversos conflitos e os planejamentos para o futuro. Como em alguns momentos a veracidade dos fatos aparentou ser duvidosa, a bibliografia adicional desempenhou um papel muito importante, embasando as argumentações subsequentes das citações retiradas dos próprios diários deste líder nazista.

Em um primeiro momento, tentando-se abordar os conflitos de poder dentro da estrutura nazista e sua própria organização, procurou-se por palavras de Alfred Rosenberg que ajudassem a explicar alguns pontos disto, mas não deixando faltar uma devida contextualização. Isto faz com que até mesmo um público mais leigo no assunto consiga compreender o objeto de estudo e os aspectos contraditórios do personagem pesquisado. Esta ponderação é relevante, pois o próprio autor dos escritos apresenta acontecimentos e ações que possuem partes não totalmente compatíveis com a historiografia, podendo ainda ser até mesmo de maneiras opostas.

Na segunda parte deste capítulo, as pontuações religiosas e místicas foram o assunto em questão, porque em todo o trabalho do intelectual do Reich se tem menções, debates e muitas críticas aos ditames da Igreja e até de outras religiões, denegrindo constantemente muitos dos dizeres dessas religiosidades e seus adeptos. Neste meio, o antissemitismo fica exacerbado com Rosenberg utilizando este ódio aos judeus não somente em suas ideias, mas também caracterizando como modos de levar a própria Igreja a ter atitudes contra a fé judaica, como se fosse um ideal comum entre o nazismo e o cristianismo.

Por outro lado, fica evidente que Alfred Rosenberg não era somente antissemita, mas possuía um repúdio maior contra os eslavos e conseqüentemente, os bolcheviques de Stálin, ódio este que seria até maior do que o que era empregado aos judeus. E mesclando os grupos desprezados, utilizava-se do termo judaico-bolchevique para classificar grande parte dos eslavos, os quais não possuía nenhuma simpatia, além de taxar quase todos de comunistas.

Com a parte final deste capítulo, a argumentação pairou sobre algo proeminente nos ditames deste seletor e contraditório nazista, que era o planejamento para um futuro vitorioso do Reich. Visando isto, o Leste europeu era tido como uma posição central, fonte das preocupações de uma vitória rápida, não só para não sofrer baixas exageradas, o que acabou acontecendo, como também para prover o Lebensraum ou espaço vital, que seria necessário ao povo alemão

De posse desta convicção, Rosenberg pensava que os alemães estariam em uma expansão sem precedentes, mesmo que não seja uma opinião somente sua, necessitando de território para cultivar alimentos ou se estabelecer de

maneira geral. Não importavam se outros povos tivessem que ser subjugados para se chegar a este ideal.

Desta maneira, com os diários de Alfred Rosenberg pode-se ter bons comentários e visões particularizadas sobre os acontecimentos históricos da Alemanha nazista, juntamente com os percalços do poder político para administrar as áreas que seguiam sendo conquistadas e posteriormente perdidas. Todavia, uma questão deve ser levada em pauta, esta que foi citada algumas vezes ao longo desta pesquisa, que é o fato de Rosenberg ser um tipo de nazista diferente, que tinha sim uma posição relativamente privilegiada e com determinados acessos, mas em contrapartida não era tão perspicaz em conseguir ter o conhecimento da maioria das ações que aconteciam dentro da estrutura do Reich ou nos campos de batalha da guerra mundial.

O intelectual do Reich demonstrava ficar mais concentrado ao seu âmbito acadêmico, promovendo planejamentos dentro das suas incumbências e tecendo críticas. Este seu criticismo era mais direcionado para aqueles que não tinha muita amizade ou ainda para questões que não o agradavam, como para os seus rivais ou para acordos dúbios, como o realizado com a URSS antes de iniciar a guerra.

Conclusão

Como uma proposta de terminar o assunto de cada capítulo e dar uma pequena entrada no que seria discutido no próximo, foram produzidas considerações finais para cada uma das partes que compunham este trabalho de pesquisa. Desta maneira, a conclusão aqui inserida é mais enxuta e explicativa do que foi trabalhado.

Dentro de toda esta análise, abordou-se o personagem histórico conhecido como Alfred Rosenberg, mantendo uma atenção especial e primordial para a fonte aqui abordada, que são os diários do mesmo. Tais documentos contém escritos dos anos de 1934 até 1944, mas possui algumas lacunas na periodização de sua escrita. Nesta obra há uma análise sobre Rosenberg logo no início, de autoria de dois historiadores do Museu Memorial do Holocausto nos Estados Unidos, Jurgen Matthaus e Frank Bajohr.

No primeiro capítulo desta dissertação a primazia da discussão ficou centralizada na vida de Alfred Rosenberg, isto baseado em uma contundente análise bibliográfica de todas as obras aqui utilizadas, o que também engloba os diários, mesmo que não tenha sido citado enfaticamente. As descrições que eram abordadas, possuíam o intuito de tentar construir e evidenciar alguns comentários sobre a carreira política de Rosenberg, juntamente com a sua vida de maneira geral.

Ficou claro que Rosenberg era uma pessoa calculista nas ações que fazia, pretendendo ter uma imagem de alto grau de intelectualidade em tudo o que falava ou escrevia, como o seu livro ou os seus diários. Porém suas ações adquiriam uma imagem demasiadamente enfadonha e conseqüentemente incitando até mesmo desprezo, por parte das pessoas que estavam próximas em quaisquer de suas atribuições.

Ao adentrar o segundo capítulo, o qual foi um pouco menor que os demais, já com a ideia de quem era esta figura emblemática do nazismo, a abordagem ficou referente aos próprios diários em si. Trabalhou-se assim, a sua trajetória, porém mantendo uma devida atenção ao fato da “escrita de si” desta obra e na possível manipulação da veracidade propriamente dita.

O intelectual nazista demonstrava se indagar, diversas vezes, da necessidade de manter um diário para relatar a “realidade” histórica que vivia.

Todavia, isto só ocorria por causa de Rosenberg estar pensando ser cada mais importante, com ganhos de proeminência. Mas sempre tentava justificar as lacunas de sua escrita, esta que vai aumentando conforme os anos finais da guerra se aproximando e a derrota eminente se avolumando, mesmo que mantivesse uma confiança quase inabalável no Führer.

Prosseguindo para finalizar a pesquisa, o terceiro capítulo se pautou mais na escrita e nos diálogos de Alfred Rosenberg. Foram explicados muitos dos dizeres do mesmo e contextualizados os diversos assuntos citados, com pertinência a tudo que estaria acontecendo na historicidade dos fatos.

Neste meandro, o autor dos diários demonstra o seu alto grau de preconceito para os mais diversos grupos sociais e até mesmo entre seus partidários, nunca percebendo os próprios erros e sim apontando os problemas relacionados aos outros. Os seus defeitos e atitudes de intenções dúbias ficam demasiadamente aparentes quando propiciava elogios intencionando favorecimentos, mesmo que continuasse com uma desconfiança de quase todos com quem se envolvia. E novamente, se elevava ao ápice da superioridade ariana, pensando ser aquele que mais teria direitos a privilégios dentro do nazismo.

Com tudo isto, nota-se que este personagem histórico é alguém interessante de ser estudado, não só por conta da maneira de se comportar frente aos outros nazistas, como também por conta das suas concepções, de seus planejamentos e do seu próprio interesse intelectual. Sendo pontos determinantes, que podem embasar futuras pesquisas sobre este emblemático nazista.

Para Alfred Rosenberg, o Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães faria com que o povo alemão não somente alcançasse a glória que supostamente teria por direito, como também salvaria o mundo. Esta salvação só seria alcançada por meio do expurgo, nas variadas nações, de quaisquer dos males que diziam estarem denegriam as sociedades, como os judeus, os eslavos, o comunismo e outros.

Esta fonte histórica pode ainda ser de grande ajuda para futuras pesquisas, abordando temas diferenciados e novas análises sobre aquele que foi tido por alguns historiadores, como o pai do pensamento nazista. A pesquisa aqui contida pode ser largamente ampliada e certamente pode contribuir para

futuros frutos promissores na historiografia sobre o nazismo e a Segunda Guerra Mundial.

Referências Bibliográficas

Imagens:

Figura 1: **Página 1 do programa do Tribunal Militar Internacional.** Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/alfred-rosenberg-biography>. Acessado em: 25/09/2019.

Figura 2: **O Diário de Alfred Rosenberg.** Disponível em: <https://www.ushmm.org/information/exhibitions/online-exhibitions/special-focus/the-alfred-rosenberg-diary>. Acessado em: 25/09/2019.

Figura 3: **Retrato de Calendário de Alfred Rosenberg.** Disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/en/article/alfred-rosenberg-biography>. Acessado em: 25/09/2019.

Site:

Universidade de Harvard. Nuremberg Trials Project, 2020. Alfred Rosenberg. Disponível em: <http://nuremberg.law.harvard.edu/search/?q=Alfred+Rosenberg&m=documents&m=transcripts&m=photographs>. Acessado em: 28/02/2020.

Bibliografia:

ABREU, Antônio Suárez. **Curso de Redação.** São Paulo: Editora Ática, 2008.

ALLEN, Martin. **A Missão Secreta de Rudolf Hess.** Rio de Janeiro: Record, 2007.

ALMEIDA, Francisco Alves de. A Biografia e o Ofício do Historiador. Rio de Janeiro: **Revista Dimensões**, v. 32, n. 32, p. 292-313, 2014.

ALMEIDA, Jalcione; ROSENFELD, Cinara L. Sociologia dos Intelectuais. Porto alegre: **Revista Sociologias**, v. 1, n. 47, p. 09-14, 2018.

BERTONHA, João Fábio. **Sobre a Direita: Estudos Sobre o Fascismo, O Nazismo e o Integralismo.** Maringá: Eduem, 2008.

BERTONHA, João Fábio. Os Integralistas Pós-1945: A Busca Pelo Poder no Regime Democrático e na Ditadura (1945-1985). Maringá: **Revista Diálogos**, v. 13, n. 1, p. 63-82, 2009.

BERTONHA, João Fábio. Plínio Salgado, o Integralismo Brasileiro e as suas Relações com Portugal (1932-1975). Lisboa: **Revista Análise Social**, v. 466, n. 1, p. 65-87, 2011.

BERTONHA, João Fábio. **Plínio Salgado: Biografia Política (1895-1975)**. São Paulo: Edusp, 2018.

BERTONHA, João Fábio. Alfred Rosenberg, o Intelectual Nazista (1893-1945). Londrina: **Revista Antíteses**, v. 12, n. 24, p. 677-685, 2019.

BOURDIEU, Pierre. **A Ilusão Biográfica**. In: Janaina A; Marieta M. F, Orgs. Usos e Abusos da História Oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, p. 183-191, 2006.

BRISARD, Jean-Christophe; PARSHINA, Lana. **A Morte de Hitler: Os Arquivos Secretos da KGB**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

CALLIGARIS, Contardo. Verdades de Autobiografias e Diários Íntimos. Rio de Janeiro: **Revista Estudos Históricos da Fundação Getúlio Vargas**, v. 11, n. 21, p. 43-58, 1998.

CHAUÍ, Marilena. Intelectual Engajado: Uma Figura em Extinção. In: NOVAES, Adauto (Org.). **O Silêncio dos Intelectuais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

CHURCHILL, Winston. **Memórias da Segunda Guerra Mundial: Volume 1 (1919-1941)**. Rio de Janeiro: HarperCollins, 2017.

CHURCHILL, Winston. **Memórias da Segunda Guerra Mundial: Volume 2 (1941-1945)**. Rio de Janeiro: HarperCollins, 2017.

CONFINO, Alon. **Um Mundo Sem Judeus: Da Perseguição ao Genocídio, a Visão do Imaginário Nazista**. São Paulo: Cultrix, 2016.

DALAL, Roshen. **A Compacta História do Mundo**. São Paulo: Universo dos Livros, 2016.

DARDE, Augusto. Autobiografia: Explorando o Gênero e a Relação do Autor com o Texto em que escreve e se inscreve. Rio Grande do Sul: **Revista Conexão Letras**. v. 14, n. 18, p. 01-15, 2016.

DOSSE, François. **O Desafio Biográfico: Escrever uma Vida**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

DUNNAGE, Jonathan. Surveillance and Denunciation in Fascist Siena, 1927-1943. Nova York: **European History Quarterly**, v. 38, n. 2, p. 244-265, 2008.

ELIAS, Norbert. **Os Alemães: A Luta pelo Poder e a Evolução do Habitus nos Séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1997.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador Volume 1: Uma História dos Costumes**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1994.

EVANS, Anthony A; GIBBONS, David. **A Compacta História da Segunda Guerra**. São Paulo: Universo dos Livros, 2016.

EVANS, Richard J. **A Chegada do Terceiro Reich**. São Paulo: Planeta, 2016a.

EVANS, Richard J. **Terceiro Reich no Poder**. São Paulo: Planeta, 2016b.

EVANS, Richard J. **Terceiro Reich em Guerra**. São Paulo: Planeta, 2016c.

EVANS, Richard J. **Terceiro Reich Na História e na Memória: Novas Perspectivas Sobre o Nazismo, Seu Poder Político, Sua Intrincada Economia e Seus Efeitos na Alemanha do Pós-Guerra**. São Paulo: Planeta, 2018.

FEST, Joachim. **Hitler: Volume 1 (1889-1933)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

FEST, Joachim. **Hitler: Volume 2 (1933-1945)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

FITZPATRICK, Sheila; GELLATELY, Robert. Introduction to the Practices of Denunciation in Modern European History. Chicago: **The Journal of Modern History**, v. 68, n. 4, p. 747-767, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Ética, Moralidade, Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FREITAS, Francisco Máuri de Carvalho. Os Intelectuais e a Revolução. São Paulo: **Revista HISTEDBR On-line**, v. 1, n. 45, p. 174-199, 2012.

FURLAN, Reinaldo. Objetivismo, Intelectualismo e Experiência do Corpo Próprio. São Paulo: **Revista Natureza Humana**, v. 3, n. 2, p. 289-314, 2001.

GELLATELY, Robert. **Apoiando Hitler: Consentimento e Coerção na Alemanha Nazista**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

GILBERT, Martin. **A Segunda Guerra Mundial: Os 2.174 Dias que mudaram o Mundo**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014.

GILBERT, Martin. **A História do Século XX**. São Paulo: Planeta, 2016.

GILBERT, Martin. **A Primeira Guerra Mundial: Os 1.590 Dias que transformaram o Mundo**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2017.

GOFF, Jaques Le. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

GOLDENSOHN, Leon. The Nuremberg Interviews: **An American Psychiatrist's Conversations with the Defendants and Witnesses**. Nova York: Vintage Books, 2005.

GRAMSCI, Antonio. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

HENRIQUE, Márcio Couto; SULIMAN, Sara da Silva. **Diário Íntimo: Fonte de Pesquisa e Instrumento Pedagógico**. Santa Catarina: Anuário de Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina, v. 17, n. 2, p. 27-44, 2012.

HITLER, Adolf. **Minha Luta**. São Paulo: Centauro, 2016.

HOBSBAWN, Eric J. **Era dos Extremos: O Breve Século XX 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KENNEDY, Paul. **Engenheiros da Vitória – Os Responsáveis pela Reviravolta na Segunda Guerra Mundial**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

KERSHAW, Ian. **El Mito de Hitler**. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 2003.

KERSHAW, Ian. **La Dictadura Nazi: Problemas y Perspectivas de Interpretación**. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2004.

KERSHAW, Ian. **Hitler**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

KOEHL, Robert Lewis. **História Revelada da SS**. São Paulo: Planeta, 2015.

KOLAKOWSKI, Leszk. **Modernity on Endless Trial**. Chicago: The University of Chicago Press, 1990.

LARIGUET, Guillermo. Sócrates, Tipologías y Política: Algunas Referencias al Caso Argentino. Colômbia: **Revista Literatura**, v. 20, n. 2, p. 185-220, 2018.

LEVILLAIN, Phelippe. **Os Protagonistas: Da Biografia**. In: René Remond, Org. Por Uma História Política. Rio de Janeiro: Editora FGV, p. 141-184, 2003.

MARTINS, Jorge Manuel Passos; AZEVEDO, Fernando. O Diário: Uma Representação Polifônica do Eu. Reflexões Sobre a Obra O Diário, de Anne Frank. Maringá: **Revista Espaço Acadêmico**, v. 38, n. 1, p. 105-114, 2016.

MARTINS, Marcos Francisco. Gramsci, os Intelectuais e suas Funções Científico-Filosófica, Educativo-Cultural e Política. Campinas: **Pro-Posições**, v. 22, n. 3, p. 131-148, 2011.

MASON, Tim. **Nazism, Fascism and the Working Class**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

MATTHAUS, Jurgen; FRANK, Bajohr, Org. **Os Diários de Alfred Rosenberg 1934-1944**. São Paulo: Planeta, 2017.

MCNAB, Chris. **The Third Reich: Facts, Figures and Data for Hitler's Nazi Regime, 1933-45**. Londres: Amber Books, 2018.

MENDONÇA, Fernando. Aristóteles e a Refutação do Intelectualismo Socrático na Explicação da Acrasi em En VII 1-3. Goiânia: **Revista Philótophos**, v. 19, n. 2, p. 69-109, 2014.

MONASTA, Attilio. **Antonio Gramsci**. Recife: Editora Massangana, 2010.

MOREEUW, Isabele de Andrade. **A Proliferação do Anti-Intelectualismo: Medos e Desafios**. Rio de Janeiro: Anais do 2º Encontro Internacional História e Parcerias, v. 1, n. 1, p. 01-10, 2019.

MOTTA, Marly Silva da. O Relato Biográfico como Fonte para a História. Santa Maria: **Periódicos da Universidade Franciscana**, n. 34, p. 101-122, 2000.

OLIVEIRA, Claudio Ivan de; CASTRO, Jorge M. Oliveira. Problemas Conceituais da Doutrina Intelectualista: Implicações para Algumas Explicações Cognitivas. São Paulo: **Revista Reflexão e Crítica**, v. 16, n. 1, p. 171-176, 2003.

PAXTON, Robert Owen. **A Anatomia do Fascismo**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

PRIORI, Ângelo, Org. **História, Memória e Patrimônio**. Maringá: Eduem, 2009.

QUINTEIROS, Marcela Cristina. **Juan Natalicio González (1897-1966): Um Intelectual Plural**. São Paulo: Tese Apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Estadual de São Paulo, 2016.

REES, Laurence. **O Holocausto: Uma Nova História**. São Paulo: Vestígio, 2018.

RIBEIRO, Renato Janine. O Intelectual e seu Outro: Foucault e Sartre. São Paulo: **Revista Tempo Social da USP**, v. 7, n. 2, p. 163-173, 1995.

RIBEIRO, Vagno Batista. As Possibilidades e Desafios do Relato Biográfico: Biografia e História: Hagiografia, Trajetórias e Prosopografia. São Leopoldo: **Protestantismo em Revista**, v. 42, n. 1, p. 140-152, 2018.

ROLAND, Paul. **Os Julgamentos de Nuremberg: Os Nazistas e Seus Crimes Contra a Humanidade**. São Paulo: M. Books do Brasil Editora, 2013.

RODRIGUES, Helenice. O Intelectual no “Campo” Cultural Francês: Do “Caso Dreyfus” aos Tempos Atuais. Belo Horizonte: **Revista Varia História**, v. 21, n. 34, 2005.

ROSENBERG, Alfred. **The Myth of the Twentieth Century: An Evaluation of the Spiritual-Intellectual Confrontations of Our Age**. Alemanha: Ostara Publications, 2018.

RYBACK, Timothy W. **A Biblioteca Esquecida de Hitler – Os Livros que Moldaram a Vida do Fuhrer**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

RYDELL, Anders. **Ladrões de Livros: A História Real de Como os Nazistas Roubaram Milhões de Livros Durante a Segunda Guerra**. São Paulo: Planeta, 2018.

SAVIANI, Dermeval. Intelectuais, Memória e Política. Campinas: **Revista HISTEDBR On-line**, v. 1, n. 67, p. 141-153, 2016.

SCHMIDT, Benito Bisso. Construindo Biografias... Historiadores e Jornalistas: Aproximações e Afastamentos. Rio de Janeiro: **Revista Estudos Históricos da FGV**, v. 10, n. 19, p. 03-21, 1997.

SCHMIDT, Benito Bisso. Biografia e Regimes de Historicidade. Caxias do Sul: **Revista Métis: História e Cultura**, v. 2, n. 3, p. 57-72, 2003.

SCHMIDT, Benito Bisso. História e Biografia. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

SCHWARTZ, Arieh; DRAYSON, Zoe. Intellectualism and the Argument from Cognitive Science. Califórnia: **Universidade da Califórnia**, v. 01, n. 01, p. 01-26, 2019.

SCHWARTZMAN, Simon. O Intelectual e o Poder: A Carreira Política de Gustavo Capanema. Brasília: **Revista do Centro de Pesquisas e Documentação em História Contemporânea do Brasil**, v. 1, n. 1, p. 01-39, 1983.

SERTILLANGES, Antonin-Dalmace. **A Vida Intelectual: Seu Espírito, suas Condições, seus Métodos**. São Paulo: É Realizações Editora, 2016.

SILVA, Sheila dos Santos; MOREIRA, Maria Elisa Rodrigues. Escritas de Si e Espaço Biográfico – Revisão Teórico-Crítica. Minas Gerais: **Memento – Revista de Linguagem, Cultura e Discurso da Universidade Vale do Rio Verde**, v. 7, n. 2, p. 01-19, 2016.

SILVEIRA, Marília; FERREIRA, Ligia Hecker. Escritas de Si, Escritas do Mundo: Um Olhar Clínico em Direção à Escrita. Barcelona: **Revista de Pensamiento e Investigación da Universitat Autònoma de Barcelona**, v. 13, n. 3, p. 243-263, 2013.

SHIRER, William Lawrence. **Ascensão e Queda do Terceiro Reich: Triunfo e Consolidação (1933-1939)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

SHIRER, William Lawrence. **Ascensão e Queda do Terceiro Reich: O Começo do Fim (1939-1945)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

SOLER, Rodrigo Diaz de Vivar y. Uma Leitura sobre o Intelectual Orgânico em Gramsci. Belo Horizonte: **Psicologia em Revista**, v. 23, n. 2, p. 541-561, 2017.

SOWEL, Thomas. **Os Intelectuais e a Sociedade**. São Paulo: é Realizações Editora, 2011.

STEVENSON, David. **1914-1918: A História da Primeira Guerra Mundial**. Barueri: Novo Século Editora, 2016.

TISMANEANU, Vladimir. **O Diabo na História: Comunismo, Fascismo e Algumas Lições do Século XX**. Campinas: Vide Editorial, 2017.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.

WASSERMAN, Claudia. História Intelectual: Origem e Abordagens. Cascavel: **Revista Tempos Históricos**, v. 19, n. 1, p. 63-79, 2015.

WITTMAN, Robert King; KINNEY, David. **O Diário do Diabo: Os Segredos de Alfred Rosenberg, O Maior Intelectual do Nazismo**. Rio de Janeiro: Record, 2017.

WRIGHT, Edmund; LAW, Jonathan. **Dicionário de História do Mundo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.